

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**GIOVANE ALVES LIMA**

**EN PASSANT - O JOGO DE XADREZ EM JAGUARÃO/RS (1987 a 1993)**

**E SUAS EXPERIÊNCIAS ENQUANTO ESPORTE MODERNO**

**Jaguarão**

**2023**

**GIOVANE ALVES LIMA**

**EN PASSANT - O JOGO DE XADREZ EM JAGUARÃO/RS (1987 a 1993),  
E SUAS EXPERIÊNCIAS ENQUANTO ESPORTE MODERNO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História

Orientador: Prof. Dr. Jônatas Marques Caratti

**Jaguarão**

**2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

A732e Alves Lima, Giovane

En passant: o jogo de xadrez em Jaguarao/RS (1987  
a 1993) e suas experiencias enquanto esporte moderno  
/ Giovane Alves Lima.

95 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)--  
Universidade Federal do Pampa, HISTÓRIA, 2023.

"Orientação: Jonatas Marques Caratti".

1. jogo de xadrez. 2. esporte. 3. Jaguarao. 4.  
modernidade. 5. esportivização. I. Título.

**GIOVANE ALVES LIMA**

**EN PASSANT - O XADREZ EM JAGUARÃO/RS (1987 a 1993),  
E SUAS EXPERIÊNCIAS ENQUANTO ESPORTE MODERNO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em História da  
Universidade Federal do Pampa, como  
requisito parcial para obtenção do Título de  
Licenciado em História

Trabalho de Conclusão de Curso

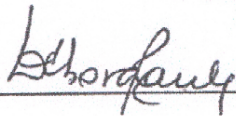
Documento assinado digitalmente  
**gov.br** JONATAS MARQUES CARATTI  
Data: 19/12/2023 23:00:22-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Prof. Dr. Jônatas Marques Caratti

Orientador

UNIPAMPA



---

Profa. Dra. Débora Clasen de Paula

UNIPAMPA



---

Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga

Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Dedico este trabalho a minha filha,  
Ísis Avila Lima.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Jesus Cristo, meu maior professor.

A minha mãe, Irany Marinho Alves, por ser a melhor pessoa que eu conheço, e a qual nunca conseguirei retribuir tudo o tanto que fez e faz por mim.

A minha irmã, Carla Alves Lima, por ter sido tão presente nestes momentos frenéticos de pesquisa e escrita.

A todos os professores que cruzaram minha trajetória educacional até o presente momento, pois deles também é o mérito de cada sucesso.

Ao professor Caiuá Cardoso Al-Alam, que orientou-me em outro projeto, que acabou não se concluindo, e por todo o suporte enquanto coordenador de curso, nesta reta final. E ao citar ele, estendo o agradecimento a todos os que foram meus professores neste curso, aos técnicos que estiveram sempre prestativos e aos terceirizados que mantiveram o campus limpo, seguro e sempre com uma ótima comida no restaurante universitário.

Aos colegas e historiadores, Victor Luis Figueiredo, Nycole Shmitt Andrade e Renan Felipe Strauss, pela amizade, empatia, carinho, contribuição pessoal e técnica em minha trajetória na universidade, aprendi muito em nossas longas conversas sobre história, e nas diversas vezes que chamei pra pedir ajuda.

Aos colegas de Unipampa Andrew e Hyago que seguiram outros caminhos em suas vidas, mas que foram muito importantes nos momentos difíceis enquanto estivemos dividindo o mesmo curso.

Aos três colaboradores diretos deste trabalho, no que se refere ao capítulo sobre a história do xadrez jaguarense, Carlos Cardoso, Luis Garcia e Jorge Passos.

A outras várias pessoas que foram importantes para que eu não desistisse, nas vezes em que isso parecia ser a única opção e a outras várias pessoas que esperam ansiosas pelo meu sucesso.

Ao meu orientador, Jônatas Marques Caratti, por guiar-me pelas veredas da História do Esporte, pela paciência, pelo esforço, pelos ensinamentos e pelos “empurrões” que precisei para chegar ao fim deste trabalho.

Por fim, e mais importante, agradeço a minha filha, Ísis Avila Lima, por existir e por fazer minha vida ter sentido. Que este trabalho, e todas minhas ações, sejam motivo de orgulho para você, sempre.

*“O xadrez, como o amor, como a música, tem  
o dom de fazer as pessoas felizes.”*

Siegbert Tarrasch

## RESUMO

Este trabalho está centrado em pesquisar sobre o jogo de xadrez e suas experiências enquanto esporte, dentro da modalidade de História do Esporte e utilizando como metodologias a revisão literária, a análise de periódicos e a aplicação de questionários semiestruturados. Queremos neste trabalho entender os processos que levaram a esportivização deste jogo durante a modernidade. E como esse processo se deu localmente na cidade de Jaguarão: os principais indivíduos, locais e instituições organizadoras; o período auge da esportivização local e seus motivos de declínio. Recorremos à bibliografia encontrada para tratar as transformações estruturais e institucionais ao longo da história do xadrez, que lhe configuram como um esporte moderno, no primeiro capítulo. No segundo Capítulo utilizamos fontes primárias de arquivos de periódicos para estruturar a história da criação da Confederação Brasileira de Xadrez e suas tensões. E a consolidação dos campeonatos brasileiros de xadrez, entre as décadas de 1920 e 1930, que também são as décadas de consolidação das instituições mundiais deste esporte. Utilizamos, no terceiro capítulo, a aplicação de questionários, mais o uso de fontes primárias para responder como foi o auge do Xadrez na cidade de Jaguarão, entre os anos 1987 e 1993. Cujas formas de prática esportiva já são fruto de um processo histórico consolidado do xadrez moderno.

Palavras-Chave: Xadrez; Esporte; Jaguarão, modernidade; esportivização;



## RESUMEN

Este trabajo está centrado en la investigación sobre el juego de ajedrez y sus prácticas mientras es un deporte, dentro de la modalidad de Historia del Deporte, utilizando como metodología la revisión literaria, el análisis de los periódicos y la realización de una encuesta semiestructurada. Luego, en este trabajo tenemos como objetivo entender los procesos que llevan a la esportivación de este juego durante la Modernidad, tal como conocer el modo que su proceso se dió en la ciudad de Jaguarão, Rio Grande do Sul, sus principales sujetos, locales e instituciones organizadoras, Del mismo modo, se ha buscado conocer el período en que la ciudad estuvo en el auge en relación al ajedrez, tal como en su declinación. Para tal fin, hemos investigado la bibliografía encontrada para tratar las transformaciones estructurales e institucionales a lo largo de la Historia del ajedrez, tal como hemos dicho en el primer capítulo. Por su vez, en el segundo capítulos hemos utilizado artículos de periódicos para estructurar la historia de la creación de la Confederação Brasileira de Xadrez y sus tensiones, del mismo modo que la consolidación de los campeonatos brasileños de ajedrez , entre la década de 1920 y 1930, que también fueron épocas de consolidación de las instituciones mundiales del ajedrez. En el tercer capítulo, hemos hecho la realización de la encuesta, relacionando con el referencial teórico de las fuentes primaria para contestar como ha sido el apogeo del ajedrez en la ciudad de Jaguarão, entre los años de 1987 y 1993 período en que la forma de práctica deportiva ya era resultado de un proceso histórico consolidado del ajedrez moderno.

Palabras clave: Ajedrez; deporte; Yaguarón; modernidad; deportivización;

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Fotografia da Antiga Sociedade Ítalo-Brasileira Giuseppe Garibaldi.....   | 59 |
| Figura 2 – Lista dos 50 mais bem ranqueados no Rio Grande do Sul em Setembro de 1993.....  | 62 |
| Figura 3 - Jornal A Folha, de 22 de Outubro de 1988, o match internacional em destaque e a aposta nos fortes jogadores jaguarenses.....  | 64 |
| Figura 4 – Com a legenda “Jorge Passos, campeão gaúcho de xadrez de 1,989”, o Jornal A Folha mostra à Jaguarão como o xadrez era um protagonista esportivo em Jaguarão.....                              | 66 |
| Figura 5 – Jorge Pagliani (a esquerda), posa com a equipe muitas vezes temida, do xadrez da ACJ. Da esquerda para direita: Jorge Pagliani, Jorge Passos, Gilberto Cuello, Luis Garcia e Paulo Dutra..... | 70 |

## LISTA DE SIGLAS

FIDE - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ

CBX - CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE XADREZ

FBX - FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE XADREZ

FGX - FEDERAÇÃO GAÚCHA DE XADREZ

COI - COMISSÃO OLÍMPICA INTERNACIONAL

CMD - COMISSÃO MUNICIPAL DE DESPORTES

ACJ - ASSOCIAÇÃO CRUZEIRO JAGUARENSE

IMSA - ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ESPORTES DA MENTE

GM - GRANDE MESTRE INTERNACIONAL DE XADREZ

MI - MESTRE INTERNACIONAL DE XADREZ

MF - MESTRE FIDE

WIM - MESTRE INTERNACIONAL FEMININA DE XADREZ

COB - COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO..

.....14

### **1- O XADREZ TORNA-SE UM ESPORTE: O ANTES E DEPOIS DA MODERNIDADE.....**

**25**

1.1 O registro das partidas, o controle do tempo e a ascensão da Rainha como grandes marcos do processo de desportivização do xadrez moderno.....30

1.2 Os principais jogadores do xadrez moderno e os primeiros a intentarem a profissionalização da atividade.....36

1.3 A criação e consolidação da Federação Internacional de Xadrez: rupturas, tensões e o ponto auge da esportivização do xadrez.....39

### **2 - A INSTITUIÇÃO DO XADREZ ENQUANTO ESPORTE NO BRASIL A PARTIR DE PERIÓDICOS (JORNAIS E REVISTAS DAS DÉCADAS DE 1920 E 1930).....**

2.1 O que podemos apontar sobre as origens do Xadrez no Brasil.....44

2.2 A criação da Federação Brasileira de Xadrez: um marco importante na instituição do xadrez esporte.....48

2.3 O processo e suas tensões na realização dos primeiros campeonatos brasileiros de xadrez.....52

2.4 O MEQUINHO: a trajetória enxadrística de Henrique da Costa Mecking, o melhor atleta que o Brasil revelou.....57

### **3 - A HISTÓRIA LOCAL DO XADREZ E SEU AUGE ENQUANTO ESPORTE (JAGUARÃO/RS, 1987-1993).....**

**59**

|     |  |           |
|-----|--|-----------|
| 3.1 | Reunindo o que se sabe sobre a história do xadrez jaguarense, Seus principais nomes e lugares da prática nesta cidade..... | 59        |
| 3.2 | Principais conquistas Jaguarenses identificadas.....   | 66        |
| 3.3 | Jaguarão como destaque estadual no circuito de eventos de xadrez (Aberto da Cidade de Jaguarão e outros torneios).....     | 73        |
|     | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>76</b> |
|     | <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>   | <b>79</b> |
|     | <b>ANEXOS.....</b>   | <b>83</b> |

## INTRODUÇÃO

Este trabalho está centrado em pesquisar sobre o jogo de xadrez e suas experiências enquanto esporte, dentro do âmbito da História do Esporte e utilizando como metodologias a revisão literária, a análise de periódicos e a aplicação de questionários semiestruturados. Queremos neste trabalho entender os processos que levaram a esportivização deste jogo. E como esse processo se deu na cidade de Jaguarão. Os principais indivíduos, locais e instituições organizadoras. O período auge da esportivização local e seus motivos de declínio.

O esporte, no que popularmente concerne às práticas competitivas, possuem uma estrada quase infinita, se nos direcionarmos ao passado. A possível gênese daquilo que um dia seriam os jogos Olímpicos modernos, por exemplo, datam do Século 7 a.C, na Grécia antiga. Porém tinham na competição, um forte e intrínseco âmbito religioso politeísta. Já a primavera do esporte moderno teria uma conexão intencional com a organização do trabalho no período onde os esportes modernos foram criados (final do século XIX e começo do século XX).

Segundo Leonardo Brandão (2010; 204), época em que a segunda revolução industrial e o imperialismo desembocaram na Primeira Guerra Mundial. E, em um contexto social de exaltação da produção, inclusive de indivíduos fortes e condicionados para suprirem a lógica da eficiência na produção. Portanto, um fomento ao esporte não pensando politicamente no lazer, mas majoritariamente pensando na produção. Para trabalhar o conceito de esportivização utilizaremos como escopo teórico os textos como: *história: novos desafios*, do já citado Leonardo Brandão (2010), a obra *Rupturas e tensões no processo de constituição estrutural do subcampo esportivo do xadrez (1900-1960)*, de Juliano de Souza e Wanderley Marchi Júnior, de 2012, *Dentro e fora dos ringues: o processo de constituição do boxe moderno*, Jônatas Caratti e a obra de Norbert Elias e Eric Dunning, *A busca da excitação* (1992).

As práticas esportivas têm a peculiaridade de ser uma atividade humana que produz muitos registros sobre ela mesma, a título de premiações e histórico de marcas, títulos e recordes. Isto, por si, já aponta que o esporte produz e fornece dados que possibilitam olhar para a história a partir de uma lente que não era tão explorada, segundo Brandão (2010; 202) “Nem sempre o esporte – e os corpos que por ele se expressam – foram considerados objetos da história ou dignos de interesse do historiador”. A análise de quem pratica o esporte, em

qual momento histórico, as transformações que esse esporte sofreu, e por que sofreu, quais lugares aconteceram, e etc. O cruzamento dessas informações e de muitas outras passíveis de registro e análise podem fornecer ao historiador teses, hipóteses e respostas sobre as práticas e também sobre as estruturas sociais e à sociedade a qual pertence, no recorte temporal analisado. O processo histórico que transforma uma prática numa complexa organização competitiva, a desportivização como Norbert Elias (1992) conceitua, é indicativo de desenvolvimento da sociedade.

A transição dos passatempos em desportos, a desportivização, se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura de transformação dos passatempos em desportos, ocorrido na sociedade inglesa, e a exportação de alguns em escala quase global, é outro exemplo de um avanço de civilização (ELIAS; DUNNING, 1992: 42-43).

O Campo da História do Esporte consolidou-se como um campo profissional de investigação histórica. Souza e Marchi Júnior (2012: 558) apontam essa consolidação ao dizer que “a categoria denominada de “história esportiva” não diz respeito a um conceito puramente abstrato ou hipotético, mas a um recurso analítico empiricamente corroborado”. É também um campo em constante movimento teórico e metodológico, agregando à pesquisa histórica, práticas assimiladas da Antropologia, Sociologia (como a obra de Elias e Dunning) e outras ciências.

O esporte adota práticas que contribuem implicitamente com a construção da historiografia. É um campo que realiza muitos registros de suas atividades. Como torneios, regras, títulos, rankings e toda uma gama de outros registros e publicações, que fornecem muitos dados passíveis de análise teórica e histórica.

Em relação às instituições de estudo da história do esporte, no âmbito internacional, na década de 1960 iniciaram-se na Europa e nos Estados Unidos, iniciativas de sociedades específicas, que foram eventualmente fundidas até a criação da *International Society for history of physical education and sport* (ISHPES), em 1989:

Entidade que congrega pesquisadores de vários países e leva a cabo iniciativas como a realização de eventos científicos; a edição de boletins, anais e outras publicações; a concessão de premiações anuais; a manutenção de um sítio e de uma lista de discussão na internet. (MELO; FORTES. 2010: 15).

Precisamos aqui dialogar sobre o conceito de esporte. O que é esporte? E o que é apenas jogo, um passatempo? Para isto, utilizamos trechos do texto *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*, de Johan Huizinga (2007) e o artigo *O que é esporte?* de Vitor

Barbanti (2006) e Segundo HUIZINGA(2007)<sup>1</sup> jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana.

Segundo Barbanti (2006), o fenômeno esporte “envolve uma atividade física competitiva<sup>2</sup> que é institucionalizada”. Será que fazer musculação é um esporte? E Xadrez? E Skate? Diz que devemos nos preocupar com as condições necessárias para certas atividades serem classificadas como esporte (BARBANTI, 2006: 54). Aponta ainda quatro elementos que estão geralmente contidos nesta questão, quando dizemos que o esporte é uma atividade institucionalizada, são elas: regras, entidades oficiais, aspecto organizacionais e técnicos e complexidade das formalidades:

1 – As regras da atividade são padronizadas. Isto significa que as regras não são simplesmente o produto de um simples grupo que se reúne informalmente e não são apenas expressões espontâneas de interesses e preocupações individuais. No esporte, as regras do jogo definem um conjunto de procedimentos com guias e restrições.

2 – O cumprimento das regras é feita por entidades oficiais. Quando os resultados individuais ou de equipes são comparados de uma competição ou campeonato para outras é necessário que alguma entidade oficial que programa as competições assegure que as regras foram obedecidas e as condições padronizadas.

3 – Os aspectos técnicos e organizacionais da atividade se tornam importantes. A competição combinada com a exigência de regras externas conduz a atividade para se tornar cada vez mais racionalizada. Isto significa que os jogadores e treinadores têm que desenvolver estratégias e programas de treinamento para aumentar suas chances de sucesso. Também os equipamentos esportivos, tênis, uniformes, materiais, etc são desenvolvidos e produzidos para aumentar o rendimento.

4 – A aprendizagem das habilidades esportivas se torna mais formalizada. Com a organização e as regras da atividade se tornam mais complexas elas devem ser aprendidas sistematicamente. E como a preocupação de ter sucesso aumenta, os participantes procuram a orientação de especialistas. (BARBANTI, 2006: 56).

Podemos pensar que esse conjunto de características específicas seriam fatores de esportivização das práticas de lazer, e que a identificação dessa estrutura em uma prática específica, seria capaz de configurá-la como um esporte? É possível fazer esse exercício de conceitualização teórica, com práticas que não são exatamente tratadas como esportes tradicionais? Essa conceitualização de institucionalização também serve para diferenciar a

---

<sup>1</sup> HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.16.

<sup>2</sup> O conceito de competição segundo Barbanti: Competição neste caso é definida como um processo através do qual o sucesso é medido diretamente pela comparação das realizações daqueles que estão executando a mesma atividade física, com regras e condições padronizadas (BARBANTI, 2006: 55).



prática desportiva de um esporte, da prática da mesma atividade, mas como forma de brincadeira, lazer ou terapia.

Nosso tema de pesquisa está alicerçado sobre o jogo de Xadrez. O xadrez é um jogo da classe dos jogos de tabuleiro. Estes que são presenças na humanidade em todos os lugares tidos como berços da humanidade. Como o Senet egípcio, o Jogo Real de Ur na Mesopotâmia, a Mancala, o Xiangqi chinês, e o Chaturanga indiano, que é tido como um dos principais predecessores do xadrez, pela semelhança estética e estrutural. O Xadrez então se origina como uma criação individual, ou como resultado de um processo histórico de transformações nos jogos de tabuleiro?

Em mais de 1000 anos de história, assimilado por culturas divergentes, o xadrez viajou pelos continentes passando da Ásia para a África, carregado pela expansão Árabe e chegando à Europa, onde, depois de vários episódios de resistência à prática do jogo, os processos históricos o transformaram no modelo que é jogado atualmente, com apenas pequenas alterações nos últimos dois séculos.

Ao pesquisar a bibliografia disponível sobre a história do xadrez, não encontramos obras de historiadores sobre esta temática, com exceção da obra *The Birth of Chess Queen* (2004), da historiadora norte-americana Marilyn Yalom (1932-2019), obra não publicada em português, que foca sua abordagem na evolução da peça Rainha, do xadrez e sua relação simbólica com a história das mulheres, no período estudado por ela, Yalom surgiu para nós após um longo tempo procurando uma historiadora que falasse sobre o desenvolvimento da rainha nos tabuleiros. Porque queríamos olhar essa questão sobre a perspectiva de escrita de uma mulher.

As outras obras que encontramos para desenvolver o debate sobre a história do xadrez são escritas por jogadores profissionais de xadrez ou jornalistas. O Mestre Internacional de Xadrez Edward Lasker, em *História do xadrez* (1999) escreve usando como fonte um livro quase homônimo, *A History of Chess*, do historiador britânico H.J.R. Murray, obra de 1913, e dele informa que baseou a história do xadrez antigo e medieval do livro de Murray. Garry Kasparov, ex-campeão mundial de xadrez em *Meus Grandes Predecessores I* (2004) utiliza a introdução para fazer um ensaio sobre a relação dos estilos de jogo do xadrez com os contextos históricos que estavam inseridos.

O Jornalista David Shenk em *O Jogo Imortal* (2006) cria uma narrativa criativa relacionando a forma de pensar as fases de uma partida de xadrez (abertura, meio jogo e finais) com as eras históricas do jogo, e sua história em si, em um exercício parecido com o

de Kasparov, mas com uma amplitude bem maior. Anthony Saidy, Mestre Internacional de Xadrez escreveu *The March of the Chess Ideas* (1994), outra obra ainda não publicada em Português, onde classifica a história do xadrez em quatro eras (romântica, científica, hiper moderna e Novo dinamismo), conceituando-as com a forma que se pensava o xadrez em cada um dos períodos e por fim utilizamos a série de artigos sobre a origem do xadrez, do também jogador argentino Sérgio Ernesto Negri, publicados em 2020 nos site oficial da plataforma Chessbase<sup>3</sup>.

A padronização das regras do xadrez é datada do século XIX, embora seu formato moderno tenha se consolidado já em meados do século XV e XVI. O En passant<sup>4</sup>, por exemplo, é um movimento que vem desde o século XVI, e até hoje é um movimento um tanto incomum a jogadores inexperientes. E somente no Século XX é que é criado o órgão máximo de controle e organizado do Xadrez mundial. A FIDE foi criada em 20 de Julho de 1924, na França. Que, depois de um período onde a maior força política no xadrez mundial era a Federação Soviética, assumiu a organização do Campeonato Mundial e das titulações e outros encargos institucionais.

O xadrez é um esporte amplamente praticado na maioria dos países, estima-se que atualmente existam 600 milhões de indivíduos jogando xadrez<sup>5</sup> (Mais que o dobro de praticantes que se estima ter no esporte mais popular do mundo, que é o futebol, onde a FIFA (Federação internacional de futebol) estipulou ser de 270 milhões de praticantes, em 2006.<sup>6</sup>), e ainda que não haja obras historiográficas em grande quantidade sobre sua história e seus processos, do contrário existem milhares de livros publicados sobre teoria de xadrez, o que gerou um nível de tecnicidade muito grande, gerando todo o debate sobre existir um método para o xadrez, o que o fez ganhar muitas vezes o título de jogo-ciência. Até a chegada dos computadores e softwares que tornaram-se hoje invencíveis para humanos, os livros teóricos eram a maior ferramenta de estudos do xadrez mundial.

Em qual tipologia esportiva o xadrez está inserido? Existem algumas modalidades de esportes, cada uma com suas características próprias e esportes que se encaixam nessas características. As modalidades, com um exemplo de cada, são: Marca (Atletismo), precisão

---

<sup>3</sup> chessbase.com

<sup>4</sup> Essa expressão francesa, que quer dizer “de passagem”, refere-se a um tipo especial de captura do peão que ocorre quando um jogador avança uma dessas peças duas casas, como para evitar ser capturado pelo peão adversário. A captura é feita exatamente como se o jogador tivesse avançado apenas uma casa (SHENK, 2006: 246).

<sup>5</sup> Em: <https://news.un.org/pt/story/2021/07/1757262>, consultado dia 28/06/2023.

<sup>6</sup> <https://digitalhub.fifa.com/m/55621f9fdc8ea7b4/original/mzid0qmguixkcmruvema-pdf.pdf>

(Tiro), Invasão (Futebol), Rede e Parede (Voleibol), Combate (Karatê), Técnico-combinatório (Skate), Campo e Taco (Beisebol). Também existe o debate da inserção da modalidade E-sports (esportes praticado de forma online, em computadores ou celulares).

E o xadrez se encaixa em uma modalidade teoricamente distinta de Esporte, a denominada “Esportes da Mente”. Esportes da Mente são esportes que não possuem movimentos físicos vigorosos como forma base para a prática. E sim é necessário um grande esforço mental de concentração e preparação técnica, além de uma boa resistência física para partidas longas. Essa prática traz benefícios à saúde mental, conforme apontam estudos, como o publicado na Revista Internacional de Pesquisa Ambiental e Saúde Pública (International Journal of Environmental Research and Public Health) de 2019, que aponta que, o xadrez poderia ser considerado um fator protetor contra a demência e o declínio cognitivo em pessoas idosas, particularmente devido ao aumento de reserva cognitiva<sup>7</sup>.

Como parte do fortalecimento desta nova divisão - ou seria adição? - do esporte, grupos interessados se organizaram, e em 19 de Abril de 2010 foi fundada a Associação Internacional dos Esportes da Mente (IMSA), fundação da qual a FIDE faz parte, e a IMSA faz parte da Associação Geral das Federações Esportivas Internacionais. Cinco jogos já são reconhecidos pela IMSA como Esportes da Mente. Além do Xadrez, o Poker, o Bridge, o Go e o jogo de Damas também são reconhecidos como Esportes da Mente.

Em 2016, a Câmara de Deputados no Brasil reconhece os Esportes da Mente como esportes aptos a serem incluídos no calendários nacional, como podemos ler na plataforma online oficial da Câmara:

A comissão do Esporte da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei (PL) 5840/16, que reconhece os jogos de pôquer, xadrez e damas como esportes a serem inseridos no Calendário Esportivo Nacional do Ministério dos Esportes.

A proposta, dos deputados Marco Antônio Cabral (PMDB-RJ) e Mariana Carvalho (PSDB-RO), contempla os chamados “jogos mentais”. O texto também prevê o reconhecimento do go (jogo de tabuleiro chinês) e bridge (conhecido como “xadrez de cartas”) como atividades esportivas. (Agência Câmara de Notícias, 2017<sup>8</sup>).

Mas antes dessa classificação esportiva, da fundação da IMSA em 2010, e do reconhecimento no Legislativo brasileiro em 2016, é possível classificar o xadrez como um

---

<sup>7</sup> A prática do Xadrez como fator de proteção na demência. International Journal of Environmental Research and Public Health. 2019,16,2116.

<sup>8</sup> Fonte: Agência Câmara de Notícia. Em: <https://www.camara.leg.br/noticias/514812-COMISSAO-RECONHECE-XADREZ,-DAMAS,-GO,-BRIDGE-E-POQUER-COMO-ATIVIDADES-ESPORTIVAS>

esporte? Como ele era tratado? Antes disso havia o debate político em torno das instituições promotoras do xadrez competitivo, para configurá-lo, como xadrez. Mas então o que fazia com que o xadrez pudesse ser considerado um esporte? O xadrez é institucionalizado, isso quer dizer que o xadrez possui instituições estruturadas e estruturantes consolidadas e aceitas pelos praticantes e pela comunidade esportiva<sup>9</sup>. Que confere títulos e estabelece as diretrizes do esporte como é praticado hoje, e através dos quais, competições oficiais são realizadas. Portanto profissionalizando os praticantes, tornando-os atletas enxadristas profissionais, indicativos que concordam com as pontuações de Barbanti (2006), sobre a conceitualização do esporte.

Na cidade de Jaguarão, Rio Grande do Sul, as experiências de xadrez atualmente estão baseadas na modalidade online. Não existem, neste município, clubes de xadrez, nem locais públicos para a prática deste jogo. Porém existem matérias em sites que apontam áureos momentos do passado do xadrez jaguarense. Essa divergência do presente com o passado nos fez pesquisar na historiografia local sobre essas peculiaridades. E não encontramos nenhum trabalho historiográfico que tivesse o xadrez jaguarense como objeto de pesquisa.

Esta lacuna historiográfica identificada foi o catalisador de nosso processo de delimitação do objeto de pesquisa deste trabalho. E foi a partir disso que as perguntas começaram a fermentar. Como o xadrez surgiu em Jaguarão? Qual foi o período auge do xadrez, enquanto esporte, nesta cidade? Houveram experiências de profissionalização entre os atletas? Quem eram esses indivíduos que compuseram essa história? Houve um declínio, e quais são as causas desse declínio? A história deste esporte nesta cidade se relaciona com o xadrez Estadual e Brasileiro?

Tentar responder estas perguntas constitui os objetivos específicos de nosso trabalho. E o desafio então seria como realizar essa pesquisa? Não podíamos contar com bibliografia local. E antes de decidir por quais metodologias utilizar para responder essas perguntas, percebemos que precisamos entender os processos da História do Xadrez que o estruturaram enquanto um esporte. Vamos utilizar a obra de Norbert Elias e Eric Dunning, *A busca da excitação* (1992), no capítulo 1, para cruzar e analisar as informações que descobrimos na bibliografia supracitada sobre a história do Xadrez, e tentar entender como se deram esses processos sob a moldura do conceito de esportivização e das conexões com os contextos históricos para não desconectar a objetividade do capítulo com as transformações históricas que ele pode apontar.

---

<sup>9</sup> O Comitê Olímpico Internacional (COI) reconheceu a Federação Internacional de Xadrez (FIDE), como federação esportiva internacional, em 1999.

Após contextualizar a história do xadrez, no capítulo 1, percebemos que era necessário entender os processos de esportivização do xadrez no Brasil, e suas experiências de institucionalização e profissionalização, este nosso principal objetivo para o capítulo. Afinal, quando realmente o xadrez torna-se um esporte, no Brasil? Para tanto, utilizamos o capítulo 2 para realizar esse estudo enquanto era criada a conexão para a história local do xadrez em Jaguarão.

Em busca do material básico para pensar a pesquisa do enxadrismo brasileiro, no segundo capítulo encontramos principalmente a obra *Mequinho, o perfil de um gênio*, de Rubens Filguth (1983) que traça uma biografia de Henrique Mecking através de entrevistas com familiares e pessoas próximas. E a obra *Epopéia do Campeonato Brasileiro de Xadrez - 1927-2008*, de Waldemar Costa (2009), que faz uma análise cronológica da criação das instituições e da implantação do campeonato brasileiro de xadrez, ambos situados dentro de uma escrita jornalística, informativa. Não encontramos obras de historiadores que versassem sobre a estruturação do xadrez brasileiro, e sim obras que utilizamos, como *Machado de Assis e o jogo de xadrez*, de Herculano Mathias, mas que fala sobre um período onde o xadrez ainda não tinha instituições nem profissionalização, no Brasil. Verificou-se que, para os fins da nossa pesquisa, era pouca informação, as que encontramos nas obras citadas, então recorremos à outra fonte de pesquisa. A utilização de fontes primárias, advindas de periódicos da década de 1920 e 1930, da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O que nos levou a analisar dentro desta plataforma mais de mil páginas... Utilizamos as informações que descobrimos para cruzá-las com a bibliografia encontrada, para entender melhor como se deu os processos de criação da Federação Brasileira de Xadrez e a consolidação do campeonato brasileiro de xadrez organizado por esta federação como a maior competição nacional deste esporte.

Como trabalhar com essas fontes? Os periódicos são ferramentas do historiador, mas não são a história, não constituem história<sup>10</sup>. Seguimos a direção que aponta LE GOFF, quando diz que: “Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado” (LE GOFF, 1990, p.110). O documento precisa ser analisado enquanto todas as subjetividades. Sejam elas as de quem escreve, ou do órgão que representa, das intenções deste órgão ou entidade, do contexto histórico que estão contidos. A comparação com outros periódicos, o cruzamento das informações com as encontradas nas obras da literatura do objeto, todas são ferramentas metodológicas que nos permitem, de forma crítica,

---

<sup>10</sup> CARR, Edward Hallet. Que é história? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 55.

tentar encaixar o máximo de peças possíveis nesse quebra-cabeças historiográfico. Conseguimos, além de tentar responder os objetivos do capítulo, também identificar tensões nesse processo de constituição, entre os grupos que germinaram a esportivização do xadrez no Brasil.

Como era o Xadrez brasileiro antes da FBX? Como surgiu a Federação brasileira de xadrez dentro do Clube de Xadrez Guanabara, e como outros representantes do xadrez se manifestaram em relação a isso? Quem foram os predecessores e o que se sabe deles? Como foram os primeiros campeonatos brasileiros? E como ele foi gradativamente ganhando corpo e se consolidando no cenário esportivo?

Sabemos agora a importância de instituições que organizem e promovam xadrez para que o desenvolvimento das práticas enquanto esporte de fato aconteça. Na cidade de Jaguarão a parceria de uma Associação social e esportiva (ACJ) com a Federação Gaúcha de Xadrez (FGX) foi capaz de fomentar uma atuação de destaque por equipes e no âmbito individual dos atletas jaguarenses por um determinado período de tempo (1987-1993). Se em relação à História geral do xadrez tivemos dificuldades com bibliografia historiográfica e em relação ao âmbito brasileiro da história do xadrez<sup>11</sup> as dificuldades foram as mesmas, no que tange a cidade de Jaguarão não existe nenhum trabalho ou publicação que verse sobre o xadrez competitivo municipal. O que temos está concentrado em alguns artigos no blogue “Confraria dos Poetas de Jaguarão”, majoritariamente nas palavras de Jorge Luiz Neves Passos, escritor e enxadrista que foi testemunha participante do que identificamos ser o auge da experiência esportiva do Xadrez em Jaguarão.

Durante a leitura dos artigos do referido blogue, identificamos nomes de jogadores de duas gerações de enxadristas jaguarenses. Locais de prática e principalmente uma expoente equipe, reconhecida como quase imbatível, além de desempenhos individuais excepcionais. Um contexto cultural binacional de fronteira, com suas especificidades também no que concerne também ao xadrez, em Jaguarão. Mas as informações que descobrimos serviram apenas para apontar uma direção e pistas para perseguir.

Como então podemos descontar essa história que estava até então “escondida” nos corações e nas memórias daqueles que participaram dos eventos, no período estudado? Precisávamos ir atrás dessas informações de uma forma que não fosse a busca bibliográfica.

---

<sup>11</sup> Encontramos, situado dentro da História do Esporte, na historiografia jaguarense, o trabalho de conclusão de curso do licenciado, José Medeiros Júnior, TAÇA ZONA SUL DE FUTSAL NA CIDADE DE JAGUARÃO/RS: O TORNEIO QUE MOBILIZOU A POPULAÇÃO DE 1998 A 2002, na Unipampa em 2017. Mas como o título sugere, o trabalho se refere à prática do Futsal, em Jaguarão.

Aplicamos então o uso de questionários semiestruturados, de natureza qualitativa, com indivíduos que descobrimos que fizeram parte desse possível período auge do xadrez jaguarense. A saber: Jorge Luiz Neves Passos, Carlos Hermelino Cardoso e Luiz Alberto Garcia Silveira. Os três foram os indivíduos mais participantes desse processo, que conseguimos contato. O questionário permite que as subjetividades das memórias dos indivíduos sejam exploradas, bem como a emoção da memória e a ativação de sensações ao lembrar do passado. É mais flexível do que estudos de grupo, e por isso pode ser usado em poucos indivíduos, como foi o nosso caso. E ainda flexibiliza também a coleta de informações com a inclusão de novas perguntas sempre que necessário.

O fato das dúvidas e questionamentos iniciais que queríamos descobrir, serem elaboração da subjetividade do pesquisador, em relação ao tema, nos direciona a escolher a entrevista em profundidade, em forma de questionário. Duarte (2006), sustenta essa organização da metodologia dizendo que a entrevista em profundidade é:

[...] um recurso metodológico que busca, com *base* em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer (DUARTE, 2006: 62).

Como queríamos descobrir informações gerais sobre o xadrez jaguarense, mas também queríamos entender a experiência individual destes indivíduos enquanto participantes desta história, o questionário semiestruturado pôde ser usado como uma pesquisa em profundidade, possibilitando uma maior troca de informações e abrindo mais o leque de possibilidades e caminhos a seguir.

Após elaborar as perguntas, pensando num roteiro que teve a seguinte sequência: dados do entrevistado, história do entrevistado com o xadrez, influências, o auge e o declínio do xadrez jaguarense. Após receber e analisar as respostas, cruzando-as quando necessário, percebemos confluências entre os períodos e principais momentos, mas não tínhamos informações claras sobre esses momentos e eventos, para cruzar com as experiências dos entrevistados. Tanto que, ao final desta análise, identificamos uma carência no que concerne ao fato dos principais momentos do que seria o auge do xadrez jaguarense. Sabemos pela memória dos entrevistados, a importância das estruturas e o sentimento com as vitórias, mas quais foram exatamente essas vitórias? O período delas bate com o que os entrevistados identificaram como auge? Faltava aqui a objetividade das informações de fontes primárias (e suas subjetividades também).

Neste momento recebemos do entrevistado Jorge Passos o acesso ao arquivo pessoal de recortes de periódicos e outros materiais do período, o que deu novo fôlego à nossa coleta de dados. Informativo de torneios, títulos por equipe e individuais, partidas, fotos, e outros, somando um total de 51 imagens. A análise crítica destas fontes, somadas às outras fontes nos permite trazer à tona, parte da história do xadrez jaguarense enquanto respondemos com mais eficácia nossos questionamentos.

Tentaremos, neste trabalho, apontar como o xadrez se tornou um esporte, junto à modernidade, enquanto contávamos suas transformações e seus “antes e depois” deste período durante o capítulo 1. Esta consolidação deu-se no mesmo período que sua instituição como prática esportiva institucionalizada no Brasil, como apontamos no capítulo 2, com toda a lacuna historiográfica que a historicização desse processo tem em nosso país. E apontamos, no terceiro capítulo, como essa esportivização chega à cidade de Jaguarão, e como esses processos já padronizados e interiorizados funcionaram para criar ricas experiências esportivas locais.



## **1- O XADREZ TORNA-SE UM ESPORTE: O ANTES E DEPOIS DA MODERNIDADE**

As experiências do xadrez na cidade de Jaguarão, ao extremo-sul do Brasil, sua fluidez fronteiriça, despertar, auge e declínio são o centro do alvo deste trabalho. Esta prática moderna, que chegou de forma tardia e já consolidada a este torrão, trouxe, em algum momento, prestígio a esta cidade? Este capítulo visa tornar familiar ao leitor, a história da constituição do xadrez moderno, primeiro na Europa, mostrando suas diferenças para o antigo xadrez Romântico.

O esporte nasce com a modernidade. A modernidade foi como uma onda cultural, que inundou a Europa e espalhou-se pelo mundo com seus desdobramentos, e que trouxe uma ideia racional de equalização, de unidade que supera a ideia de fronteiras políticas. Segundo Caratti (2017:57) “É como se todos os países de fora da Europa – ou grande parte deles – recebessem uma enxurrada de notícias, informações, padrões sociais, que afetasse diretamente a relação dos indivíduos na sociedade.”.

Caratti aponta que seu objeto de estudo, o boxe, foi um esporte fruto da modernidade, que antes disso a prática que existia era o pugilato, uma luta ritual e guerreira anterior, da antiguidade. Com regras e significados diferentes (CARATTI, 2017: 76).

O xadrez, conforme o conhecemos, não existia com outra denominação (embora outros tipos como o Chaturanga existam até hoje) porém existe uma classificação das Eras históricas do xadrez. Não é por acaso que o xadrez jogado até a segunda metade do Século XIX foi denominado de Xadrez Clássico ou Romântico. E o Xadrez jogado a partir deste período foi posteriormente classificado como xadrez científico. Mas quais eram as diferenças desses dois modelos de Xadrez?

O período romântico do Xadrez pode ser compreendido por toda a trajetória do xadrez até a segunda metade do Século XIX, esse xadrez romântico foi se transformando através dos séculos e tinha como característica principal (quando comparado ao xadrez moderno) o ataque destemido desde os primeiros lances, a ideia era de que o jogo deveria acabar com um ataque direto, com combinações de peças em direção ao rei adversário, como o confronto medieval de duas tropas de infantaria de espadas em punho. O jogo era praticado pela diversão que sua complexidade fornecia, pelo prazer de traçar um ataque superior e mais rápido que o adversário.

Andre Danican Philidor (1726-1795), compositor francês e considerado melhor jogador de sua época, foi uma espécie de exceção a este movimento, pois sua técnica e sua

teoria já apontavam uma alternativa além do ataque vertical ao Rei adversário. Mas sua teoria não foi adotada pelos jogadores da época.

Em seu comentário, Shenk, analisando a história do jogo desde a sua perspectiva atual, aposta numa ideia de progresso do jogo, com a acumulação dos estudos ao longo da história do jogo, uma visão que carece de estudos. Ele diz que:

Como o xadrez é, em grande parte, um jogo de conhecimento construído sobre a experiência passada, existe uma curva demonstrável para sua progressão que data do início do jogo moderno, por volta de 1475. Cada fase aprende com os períodos anteriores e desenvolve um novo nível de sofisticação (SHENK, 2007: 108).

Porém é inegável que o xadrez competitivo moderno produziu muito material teórico, somando todo o conhecimento, principalmente em relação às aberturas, e hoje os jogadores de elite tem essa ferramenta à seu favor. Mas apostar no progresso técnico do jogo, podendo correr o risco de cair na armadilha do anacronismo, ao comparar a força de jogadores de épocas muito distintas, não nos parece o método mais preciso.

Já Saidy (1994), cita a questão da emoção, da beleza, o jogo pelo prazer, a vitória pela superioridade da criatividade. Isso distancia bastante esse xadrez, do xadrez enquanto esporte moderno, com sua rigidez de conceitos, sua competitividade tão explorada que uma pequena vantagem posicional pode ser a única coisa que o jogador consegue alcançar na fase de abertura.

Ele encontra prazer no sacrifício da rainha que leva ao companheiro, no abandono imprudente com as quais peças foram lançadas na briga em busca da beleza. Da mesma forma, os antigos mestres abordaram o campo de batalha de sessenta e quatro quadrados. Eles descobriram primeiro a combinatória possibilidades do tabuleiro de xadrez e sua imaginação fértil produziam gambitos, ataques de acasalamento, sacrifícios brilhantes de variedade e interesse cada vez maiores. Eles não buscaram regras ou dogmas abrangentes, como um biólogo procura sondar as leis da natureza. Desdenhavam, sempre que possível, a vitória através do ganho material mundano. Esse período foi a era romântica do xadrez (SAIDY, 1994: 10).

Nesse sentido da beleza, do prazer da Era Romântica do Xadrez, podemos pensar em relação ao que Elias (1992), fala sobre essa diferença de ímpeto que era notado nos desportos em sua forma antiga, e na sua forma moderna. Ao dissertar sobre a prática da caça à raposa, ele coloca a questão do prazer no processo, e não exatamente no objeto que é a finalidade da atividade. Assim como o movimento final, de xeque-mate, no xadrez, Elias diz que *a morte da raposa era, de algum modo, desvalorizada* (ELIAS, 1992:42),

A excitação do processo e das incertezas, segundo Elias era o que garantia o sucesso da prática, *O clímax da caça, a vitória sobre a raposa, só se tornou realmente um prazer quando se assegurava um período de antecipação suficientemente longo* (ELIAS, 1992:42).

No xadrez a palavra longo pode ser substituída por belo<sup>12</sup>. A beleza de movimentos criativos e combinatórios e a excitação de que o adversário tal qual a raposa, tente inútilmente fugir, são pontos de convergência entre as formas como o desporto era encarado e sentido, antes da modernidade.

Em relação ao que gira em torno da prática em si, a fase romântica foi um período que não existiam instituições que padronizasse regras e fiscalizasse as atuações dos jogadores. Os eventos eram particulares, ou exibições privadas, além do jogo ser um grande objeto de apostas. A regulação do tempo é um ponto importante na transformação do xadrez competitivo, que foi utilizado pela primeira vez em um torneio em Londres, em 1883.

Antes disso, cada lugar estipulava regras próprias de controle do tempo dos jogos. Até a ampulheta foi utilizada como controle primitivo do tempo, nos jogos de xadrez. Em outras situações a partida poderia durar de forma quase que indefinida. Para vias de competição, isto tornava praticamente inviável a prática.

Já o período que sucedeu a Era Romântica do Xadrez, conhecido como Sistemático ou Científico é o nome dado ao período do xadrez onde acreditava-se que o jogo podia ser vencido adotando os métodos conceituais com pragmatismo. Ideia fruto de um período onde a Ciência e seus determinismos tomavam protagonismo na sociedade, o século XIX. O primeiro expoente desse período foi o primeiro campeão mundial, o austríaco Wilhelm Steinitz. Ele conseguiu ter a percepção de que o acúmulo de pequenas vantagens posicionais garantia, na maior parte dos casos, vantagem prática na partida.

A sua abordagem ao xadrez foi de estudo deliberado e desenvolvimento orgânico lento. e mais tarde a sua aparência apertada e manobras lentas foram recebidas com desagrado positivo. No entanto, antes da sua morte na penúria e desilusão em Nova Iorque, em 1900, Steinitz viria a tornar-se o pensador do xadrez moderno. Ele foi assim por três razões: Ele foi o primeiro grande pensador sistemático; possuía os meios didáticos para transmitir as suas ideias ao público; e as suas realizações práticas levaram-no ao trono do campeonato mundial (1886-1894). A era que ele iniciou pode muito bem ser chamada de era sistemática do xadrez (SAIDY, 1994: 15).

Kasparov(2004) reforça a tese de que Steinitz foi o catalisador de uma nova escola de xadrez, diz que ele teve de estudar a fundo os princípios que ia aprendendo e/ou desenvolvendo, e foi o porta-voz dos princípios da estratégia, utilizados até hoje, de certa forma sendo o primeiro, neste momento moderno. a buscar a cientifização do Xadrez.

Steinitz isolou um número de características posicionais significativas e descobriu que ataques brilhantes são frequentemente bem sucedidos

---

<sup>12</sup> Belo como conceito subjetivo, que no xadrez só recebe esse sentido, para quem o pratica a ponto de perceber a raridade daqueles movimentos ou combinações.

somente devido a uma defesa muito fraca. Depois de elevar consideravelmente a arte da defesa, nas palavras de Euwe, "lançou dúvidas no axioma amplamente aceito graças às vitórias de Murphy e Anderssen, sobre a necessidade de atacar!". Em lugar disso introduziu o conceito do *ataque fundamentado*, resultante do contínuo acúmulo de pequenas vantagens (KASPAROV, 2004: 41).

Lasker (1999) aponta Steinitz como campeão mundial desde 1866, quando ele venceu o que ele chamou de campeonato mundial, num match contra Adolf Anderssen. Assim ele teria mantido o título por vinte e sete anos.

Vindo de uma família pobre, Steinitz conseguiu estudar e lecionar por alguns anos, até resolver se dedicar ao Xadrez como sua atividade profissional. Este, garantiu-lhe subsistência enquanto se manteve em alta performance como maior jogador do mundo. Neste caso, o sucesso no desporto já seria uma oportunidade de ascensão social.

Steinitz explicou os princípios mais gerais de sua nova teoria de xadrez num livro intitulado *Modern Chess Instructor*, que apareceu em 1889. Todavia, os jogadores de xadrez em geral e os patronos do xadrez em particular, compreendendo as idéias de Steinitz ainda menos que os mestres da época, não lhe deram o apoio de que precisava para não passar necessidades. Mentalmente perturbado, morreu em abjeta pobreza na ilha de Ward em 1900 (LASKER, 1999: 107).

Na antiguidade, as práticas de lazer ou passatempo de azar, ou de apostas, poderiam ser motivos de censura. Segundo Lasker (1999:48) o xadrez esteve em xeque com a discussão teológica/jurídica sobre a aceitação ou não, desta prática pelos árabes islâmicos, Maomé não aceitava que jogos de azar fossem praticados, mas aceitava que jogos que servissem de treinamento para a guerra fossem executados. Se o Xadrez fosse proibido, provavelmente teria tido outro destino histórico, pelo menos para o Ocidente. Mas foi encontrada uma brecha na Lei Islâmica em relação ao uso do Xadrez como jogo de guerra e o jogo foi, com certas regras, liberado para a prática.

No mundo medieval cristão o xadrez também enfrentou adversários poderosos, a Igreja condenava jogos de azar. E além das apostas, Yalom (2004:50) aponta que eram utilizados dados para decidir qual peça jogar, e isso sem dúvidas incluiria o xadrez como um jogo de azar eclesiasticamente condenável.

Mas, felizmente, esses decretos não foram capazes de frear a popularidade e a continuidade do processo de difusão do jogo. Assim, a vida imita a arte, e tanto na História, quanto no tabuleiro, o xadrez é cheio de recursos. E um ataque precipitado está fadado ao fracasso.

Desde o século VIII, o xadrez peregrinou, continente após continente, desenhando a expansão conquistadora dos primeiros califados islâmicos, passando pelo Norte da África e

adentrando a Europa através da Sicília e da Espanha, na Península Ibérica que foi dominada pelos Árabes Islâmicos de 711 d.C até 1.031, quando o então Califado de Córdoba se dissolveu, deixando portanto mais de trezentos anos de profunda influência cultural, e o xadrez esteve no contexto cultural dessa sociedade durante todo esse período.

Em relação a quem poderia jogar xadrez, debate que sempre perpassa o debate sobre esta prática até hoje quando pensamos nos perfis sociais dos jogadores, encontramos um cruzamento de registros modernos em relação a dois momentos distintos. Em meio aos anos 900, a península Ibérica Árabe estava sobre poder de um Califado distinto ao Califado que comandava a península arábica, portanto, não é totalmente preciso apontar comportamentos gerais em relação à todo esse território sobre a disponibilidade de práticas lúdicas como o xadrez, mas segundo Yalom (2004) poderia haver uma forma de paz religiosa no que concerne a prática do xadrez entre os monoteístas<sup>13</sup>, Lasker (1999) - ao citar uma fonte situada no Oriente médio - , no mundo árabe, o xadrez era um jogo que poderia ser jogado por indivíduos de todas as classes sociais:

Em meados do século IX, o xadrez era jogado naturalmente na corte e entre as pessoas da alta sociedade. Na classe média e nas classes baixas, o jogo já era praticado amplamente mesmo antes de ter sido firmada sua posição legal. Parece que as pessoas ricas faziam questão de manter bons jogadores de xadrez em suas casas. (LASKER, 1999: 51).

Após a progressiva perda de poder dos Árabes Islâmicos na Europa, o xadrez passou a ser um objeto assimilado à cultura da Europa cristã ocidental. Além da ligação com o poder central do Rei, representando o objeto de sentido do jogo, havia também a figura dos Cavaleiros, a eclésia representada pelos Bispos e a figura surgente da Rainha, que posteriormente tornou-se a peça mais forte do jogo.

Segundo Rocha (2009), na Europa medieval cristã, posterior e ao contrário da cultura da Europa de domínio Islâmica, o xadrez era jogo da nobreza. Entre os pobres era prática proibida. Sendo portanto ferramenta de distinção social e demonstração de poder simbólico. A construção imagética do jogo conforme foi moldado na idade média remete também na

---

<sup>13</sup> O xadrez foi introduzido na corte de Córdoba, a sede do Islão espanhol, em 822 por um influente músico de Bagdade chamado Ziriab. Trouxe também os novos modos de poesia e canto árabes praticados em Bagdade, que rapidamente se enraizaram nesta nova terra. No século X, Cordoba tinha-se tornado reconhecidamente igual a Bagdade em riqueza, esplendor e realizações culturais. O poderoso califa de Córdoba, Abd al-Rahman III (reinou entre 913 e 961), estabeleceu uma corte luxuosa e sofisticada que era admirada por embaixadores do Oriente e do Ocidente. O xadrez ocupava um lugar de destaque neste cenário cosmopolita, onde muçulmanos, cristãos e judeus jogavam o jogo em conjunto, tanto as mulheres como os homens. Os cristãos e os judeus, note-se, estavam legalmente protegidos da perseguição na Espanha islâmica, desde que não fizessem proselitismo nem demonstrassem publicamente a sua fé. (YALOM, 2004. Pág. 35).

estética, esta distinção. Podendo nos dar a ideia de como essas situações de acesso ao desporto antes da modernidade podem ser líquidas, dependendo de cada contexto histórico.

Adictos do “Jogo Real” é expressão criada com o propósito distingui-lo das outras modalidades de jogos. A prática do xadrez era compartilhada entre aquelas pessoas que gozavam de privilégio na sociedade. A prática do xadrez era proibida entre os pobres (ROCHA. 2009: 40-41).

Vários momentos foram de importância para a transformação do xadrez em esporte na modernidade. Agora que realizamos uma espécie de contexto histórico do Xadrez Romântico (e afirmando que seria possível denominar realmente todo o xadrez pré moderno como xadrez romântico), vamos apontar o que percebemos como principais transformações, sejam elas de natureza prática do jogo, estruturais ou institucionais, que foram capazes de consolidar o xadrez com um esporte moderno. Entre elas, o controle do tempo, a teorização do jogo, a ascensão da Rainha, a criação da Federação Internacional de Xadrez e outros.

### **1.1 O registro das partidas, o controle do tempo e a ascensão da Rainha como grandes marcos do processo de desportivização do xadrez moderno.**

No século XVIII uma evolução na forma de registrar as partidas foi usada pela primeira vez. Foram desenvolvidos sistemas de notação para as partidas. Os principais foram o Sistema descritivo e o sistema algébrico.

A notação descritiva, que foi bem popular no Brasil, até que a notação algébrica se tornar a oficial, era um sistema que abreviava a forma como antigo escritores do xadrez utilizavam para registrar partidas, mas o sistema algébrico tomou protagonismo, por seu dinamismo e praticidade.

O sistema descritivo, possuía um caráter menos prático para o registro das partidas, Nesse sistema, por exemplo, “peão para terceira casa do rei”, exemplo de forma primitiva de descrever as jogadas, se transformou em “P3R”. Esta notação ainda é encontrada em muitas obras. Já no sistema algébrico, os conjuntos de casas vistas na horizontal, as fileiras, passaram a receber numeração de 1 a 8, da esquerda para direita, a partir da visão do jogador de peças brancas. E os conjuntos de casas verticais (colunas) passaram a ser nomeadas, de baixo para cima, com letras de A a H, também convencionalmente partindo da visão do jogador de peças brancas. Os sistemas de notação tornaram possível, de forma prática, registrar, rever, analisar e imortalizar partidas e jogadores. Prática que possibilitou a confecção de milhares de livros e revistas com análises de partidas que serviram de

ferramenta para profundas evoluções no jogo, princípios, e principalmente nas teorias das três fases práticas: abertura, meio-jogo e finais. Hoje, programas de arquivos de partidas, como o Chessbase#, podem conter milhões de partidas, facilmente sendo revistas, por jogador, torneio ou aleatoriamente. Atualmente, a FIDE (Federação Internacional de Xadrez), afim de reduzir a dificuldade com a barreira das línguas, que com a mudança do nome das peças de país para país, pode causar confusões na análise de partidas#, recomenda a notação algébrica utilizando a figura em 2D das peças.

Nomes como Lucena, Ruy Lopez e Philidor são muito comuns a quem estuda teoria enxadrística e pratica xadrez. São nomes de manobras, aberturas e combinações de xeque-mate. O que chama atenção é que são jogadores dos séculos XV, XVI e XVIII, destacando como o jogo através desses grandes nomes já evoluía, pois já era possível perceber, através dos autores, que se podia respeitar alguns princípios, que sendo aplicados dificultariam as derrotas e podia ser testados, comprovados e desenvolvidos, similarmente à prática científica.

Com o constante crescimento da popularidade do xadrez, e como parte do processo de esportivização observado em diversos esportes, o controle do tempo passou a ser uma demanda muito pujante e digno de mais atenção no mundo cada vez mais organizado do xadrez. Partidas presenciais poderiam estender-se por períodos infintos, tornando quase inviável a prática competitiva. Uma forma primitiva de controle do tempo foi a utilização de ampulhetas, mas a imprecisão desse controle exigia que novas ferramentas fossem desenvolvidas, mesmo que o controle do tempo tenha tido certa resistência daqueles jogadores com visão mais romântica, que pensavam que o controle do tempo poderiam tirar a beleza quase artística das partidas. Mas num ambiente cada vez mais competitivo, vencer em menos tempo também seria uma possível demonstração de superioridade intelectual.

Com a inserção do relógio mecânico - onde você faz seu lance e interrompe seu relógio ao mesmo tempo que reinicia a contagem regressiva do tempo do adversário -, novas categorias de partidas foram criadas, baseadas no tempo de lance de cada jogador. O xadrez clássico pensado, onde cada jogador tem mais de uma hora para realizar seus lances, e dentro dessa modalidade podem conter acréscimos de tempo após um número determinado de jogadas. O xadrez rápido com partidas de dezesseis minutos a uma hora, e o xadrez relâmpago que são partidas com menos de 16 minutos para cada jogador. Esse controle é sinal da modernidade. Mas será que o processo histórico de desenvolvimento técnico e do tempo, no xadrez podem ter diminuído o prazer, a excitação? Ou esse avanço técnico

equaliza o esporte, unifica e por isso a beleza e a raridade deixam de ser possíveis?

Com a chegada dos relógios digitais foi possível adicionar acréscimos de tempo por lance, além de tornar mais transparente a verificação de derrotas por queda do tempo em partidas muito rápidas como na modalidade Bullet (bala), que são partidas com menos de 3 minutos para cada jogador, podendo haver acréscimo por lance.

Algumas etapas nesse processo de padronização não estão bem respondidas. Quando as regras receberam uma padronização mais efetiva, unificada? Algumas pistas apontam para a Inglaterra da segunda metade do XIX, com a ascensão de Howard Staunton, Lasker diz:

Entrementes, o padrão de xadrez atingira um nível elevado em todos os países e reconheceu-se que somente um torneio do qual participassem os principais jogadores das diferentes nações poderia decidir a quem pertencia a coroa do xadrez. A Grande Exposição de Londres, em 1851, ofereceu uma oportunidade para a organização de tal competição internacional. Venceu-a o alemão Adolf Anderssen, professor de Matemática numa escola superior de Breslau (LASKER, 1999: 92).

Em artigo no site da plataforma Stauntonchesssets.com, cita uma possível bibliografia de Staunton e entre elas encontra-se a obras: *Práxis do xadrez* (1860), *Xadrez: Teoria e Prática* (1876), *As leis e a prática do xadrez* (1876), entre outras, que corroboram com a força que este indivíduo pode ter tido no que diz respeito à padronização das regras do xadrez<sup>14</sup>. O denominado primeiro torneio Internacional, em Londres, por ele organizado é sempre citado como um ponto importante na história do xadrez moderno, Shenk (2006) corrobora com essa afirmação:

Em meados do século XIX, um grupo de grandes jogadores – entre os quais os mestres austríacos Ernst Falkbeer e Wilhelm Steinitz – emigrou para Londres, ajudando a transformar aquela cidade numa legítima rival de Paris na disputa pelo título de capital mundial do xadrez. Tudo isso inspirou Howard Staunton, o colunista de xadrez do *Illustrated London News*, a organizar em Londres, em 1851, o primeiro torneio verdadeiramente internacional do mundo – programado para coincidir com uma importante feira internacional a realizar-se naquela mesma cidade (SHENK, 2006: 120).

Quando estamos pesquisando sobre a história do xadrez, nos deparamos com muitos nomes, reis, califas, poetas, e depois jogadores que teorizam o jogo. Sempre de forma quase exclusiva, homens. Inclusive quando voltamos o olhar aos últimos cem anos, onde temos mais fresco à memória, grandes nomes de campeões diversos, só lembramos de nomes masculinos, com uma exceção, que é a fantástica trajetória enxadrística da atleta húngara

---

<sup>14</sup> [https://www.stauntonchesssets.com/staunton\\_howard.html](https://www.stauntonchesssets.com/staunton_howard.html) , acessado em 27/11/2023.



Judit Polgar<sup>15</sup>. E nisso pensamos, onde estão situadas as mulheres na história do xadrez? E como isso se deu antes e depois da modernidade? A participação das mulheres no xadrez data quase que concomitantemente com o início do xadrez romântico, como descobrimos na obra da Marilyn Yalom:

O facto de a Imperatriz Irene falar a língua do xadrez não era invulgar, uma vez que as mulheres bizantinas de alto estatuto e as mulheres muçulmanas de vários níveis sociais jogaram xadrez desde que o jogo foi introduzido nas suas pátrias. Por exemplo, Ali ibn Husayn, um bisneto do profeta Maomé, tem a fama de ter jogado com a sua mulher. O califa Ma'mun, irmão do califa Amin de Bagdade (reinou entre 809 e 813), terá comprado uma escrava pelo elevado preço de dois mil dinares, em grande parte devido à sua grande habilidade como jogadora de xadrez. As histórias de mulheres inteligentes eram muito populares no mundo árabe, especialmente as que falavam de escravas instruídas que aprendiam a recitar poesia, a tocar alaúde e a jogar xadrez (YALOM, 2004: 32).

No Século XIX, mesmo com a popularização dos clubes de xadrez, eram prioritariamente masculinos, até começar a surgir clubes de xadrez exclusivamente femininos. Com a criação da FIDE (Federação Internacional de Xadrez) em 1924<sup>16</sup>, realizou-se em 1927 o primeiro campeonato mundial feminino de xadrez, vencido pela enxadrista russa Vera Menchik (1906-1944).

No tabuleiro temos apenas uma peça feminina, a rainha (ou dama) que não existia nos jogos originários do xadrez, e que passou por um longo processo de empoderamento, até se tornar a peça mais forte do jogo. O jogo continha apenas peças masculinas, como nomes que variavam dependendo dos contextos culturais-geográficos. Havia carruagens, elefantes, cavalos, soldados diversos, vizires, e outros, e o surgimento da rainha pode ser entendido como um reflexo do comportamento do casal real na Idade média europeia ocidental, embora não esteja claro como o surgimento desta figura no tabuleiro possa então estar ligado ao movimento de difusão que se deu dentro da cultura árabe muçulmana.

Também refletia outra diferença entre uma rainha europeia e a esposa de um potentado oriental: a rainha europeia esperava compartilhar o poder político

---

<sup>15</sup>Dona de um estilo de jogo agressivo, ela sempre se destacou no mundo enxadrístico, especialmente no concorrido meio masculino. Não à toa, Mikhail Tal, quando ela tinha apenas 12 anos, profetizou que Judit teria potencial para vencer o Campeonato Mundial Absoluto. É bem verdade que o feito não foi alcançado, mas a grande mestre sempre se mostrou uma adversária à altura dos jogadores da elite do esporte, chegando a ocupar o número 10 da lista FIDE. Em 1991, ao sagrar-se vencedora do Campeonato Húngaro de Xadrez, tornou-se a mais jovem Grande Mestre da história, aos 15 anos de idade, superando em um mês o recorde que pertencia a ninguém menos que Bobby Fischer (LEITÃO, Rafael. Ver: <https://rafaelleitao.com/xadrez-judit-polgar/>).

<sup>16</sup> O Jornal *O Malho* (RJ) de 11 de Outubro de 1924, noticia que sobre a FIDE, *ficou assim assim constituída a directoria: - Presidente, Dr. A. Ruch; vice-presidente, Léonard R. Rees; thesoureiro, M. Nicolet; secretario, Strick van Linschoten* (O MALHO, 1924. p. 14). <http://memoria.bn.br/DocReader/116300/54682> Consultado dia 02/06/2023.

com o marido, especialmente se ela trouxe propriedades territoriais para o casamento. no país tentativas como a Espanha e a Inglaterra que permitiram que as filhas herdassem tronos de seus pais na ausência de um herdeiro homem, alguns as rainhas até governavam por conta própria, sem o benefício de um cônjuge. Na Índia, onde o xadrez se originou no século V, ele não faria sentido ter uma rainha no tabuleiro. Xadrez era resoluto e exclusivamente um jogo de guerra encenado entre lutadores montados em animais ou marchando a pé.. (YALOM, 2004: 13-16).

Além da contribuição de Yalom sobre a relação da figura da Rainha com as famílias reais nas diferentes monarquias as quais encontramos forte presença do jogo de xadrez, também chama atenção o fato da autora pontuar a origem do xadrez na Índia do Século V. Embora seja uma forma popular de se referir ao xadrez, como um processo positivo desde a antiguidade, mas neste trabalho tentamos mostrar como o Xadrez tornou-se um esporte na modernidade e que antes dela o que existia era uma transformação histórica daquilo que chamamos de Xadrez Romântico. Sabemos que o Chaturanga é considerado o principal predecessor do jogo de Xadrez, mas ainda assim questionamos o apontamento estático da origem do que foi o Xadrez romântico.

Ao pensarmos que a rainha surgiu durante as expansões muçulmanas, onde o xadrez era altamente valorizado, mas que não faria sentido a figura da esposa do monarca surgir como uma peça nova substituindo uma peça masculina, como então isso pôde acontecer. O registro mais antigo que se tem da Rainha data mais de mil anos, foi feito no poema de um monge suíço, um Estado que não estava sob influência política dos Árabes, podemos então supor que isso pode ter possibilitado que o surgimento do casal real surgisse, dentro do contexto da influência da rainha européia em sociedades cristãs.

Nenhuma testemunha deixou para trás um anúncio do nascimento da rainha do xadrez. O primeiro registro aparece nas folhas bafientas de um manuscrito latino guardado no Mosteiro de Einsiedeln, na Suíça, há mais de mil anos. No final da década de 990, um monge de língua alemã escreveu um poema latino de nove e oito linhas intitulado "Versos sobre o xadrez" ("Versus de scachis") que contém tanto a primeira descrição europeia do xadrez como a primeira prova de que a rainha de xadrez tinha nascido. (YALOM, 2004: 38).

Baseados na fonte mais antiga que temos sobre a Rainha, então podemos entender que, em algum momento após o Século X, que também coincide com o declínio do domínio muçulmano na Europa, a influência da cultura ocidental cristã da Europa pode ter sido a principal força que comandou a linha histórica que desenvolveu o xadrez como jogamos hoje, de forma distinta das linhas das outras variantes do jogo por outras partes do mundo?

Yalom cita a possibilidade da Rainha ter entrado no tabuleiro através da existência de

proeminentes figuras femininas entre as casas reais que comandava grande parte da Europa no período, entre elas muitas rainhas em situação de proeminência:

Mas como é que ela entrou no tabuleiro? Tendo em conta o que sabemos, podemos especular sobre os soberanos vivos que poderão ter servido de modelo para a rainha em miniatura. A imperatriz Adelaide, esposa de Otão I, e a imperatriz Teofano, esposa de Otão II, são as candidatas mais prováveis. Esta dupla de sogra e nora foi extremamente proeminente durante as últimas décadas do século X - o período durante o qual a rainha do xadrez deve ter sido criada, uma vez que ela apareceu nos "Versos sobre o Xadrez", por volta de 997, não como uma novidade, mas como uma peça cuja existência não era notável (YALOM, 2004: 41).

O movimento da rainha neste manuscrito compreende mover-se apenas uma casa em cada jogada, em diagonal. Na partida de xadrez considerada como a mais antiga que se tem registro, data da mesma época do manuscrito do monge suíço (século X), no Bagdá<sup>17</sup>, e nesta partida encontra-se a peça Alferza (Ministro, Vizir, Firz ou Firzan), que se movimenta apenas uma casa em cada jogada, sempre na diagonal. A inserção da Rainha deu-se inicialmente com liberdade de ação restrita.

Foi no livro escrito por Luiz Ramiriz de Lucena, em 1496, que o empoderamento da rainha nos tabuleiros foi registrado:

De acordo com as novas regras, a rainha podia avançar não só na diagonal, mas também em linha recta, e até onde quisesse, desde que o seu caminho estivesse livre. As mudanças na sua capacidade técnica foram tão dramáticas que Lucena se referiu ao novo jogo como "xadrez da dama" ou "xadrez da rainha" {de la dama } em contraste com o "xadrez antigo" {del viejo} jogado com as regras anteriores. O que era e é muitas vezes referido como o "jogo dos reis" podia agora ser igualmente identificado como o "jogo da rainha" (YALOM, 2004: 171).

E assim a rainha se movimenta até hoje, uma peça poderosíssima, a ponto de que sua movimentação na abertura é deveras perigosa, devendo ficar restrita a apoiar o jogo atrás das linhas amigas, em posição que não pode ser atacada. Esse é um princípio basilar que se deve aprender desde as primeiras lições, pois perdê-la na fase de abertura vai causar um desequilíbrio material decisivo à partida, entre jogadores fortes. Por isso, além do rei, também a rainha deve ser protegida por peões e peças, até que a posição se abra, o suficiente para que ela possa ser acionada e aí sim atuar com seu potencial máximo. Portanto a Rainha como a peça mais forte do jogo consolidou seu poder junto à primavera da modernidade, no final do Século XV.

---

<sup>17</sup> <http://www.alex.org.br/2013/07/raridade-a-mais-antiga-partida-de-xadrez-que-se-conhece/>

## 1.2 Os principais jogadores do xadrez moderno e os primeiros a intentarem a profissionalização da atividade

No fim do Século XV, destaca-se o já citado Espanhol Luis Ramíres de Lucena, com sua clássica obra *"Repetição de Amores y Arte de Axedrez"*, de 1497. Inclusive seu nome foi dado a uma manobra de finais chamada "Ponte de Lucena", que uma ideia de movimento é decisiva em um determinado padrão de posição, de finais torre e peão contra torre. Segundo Lasker, Lucena escrevia sobre um xadrez inserido no mundo das apostas, pensando em técnicas extra-tabuleiro de aquisição de vantagem, como por exemplo colocar o adversário virado para a luz, durante o dia. Ou jogar quando o adversário tiver bebido ou comido em grande quantidade (LASKER, 1999: 73-74).

No século XVI, merecem destaque o português Damiano de Odemira, que escreveu o que é considerado o primeiro tratado de xadrez: *Questo Libro e da Imparare Giocare a Scacchi: Et de Belitissimi Partiti*, publicado em Roma, 1512. Lasker aponta que um dos motivos do sucesso do livro de Damiano é que continha uma parte dedicada a problemas. Damiano teve seu nome dado a uma defesa, que persiste até hoje com este nome, mas é considerada inferior.

O Padre espanhol Ruy López de Segura, merece ser citado, em parte porque uma abertura muito utilizada recebeu seu nome, a abertura espanhola ou Ruy López. Uma abertura considerada sólida e utilizada por todos os campeões mundiais, de brancas e de pretas. Mas sua imortalização no mundo enxadrístico se deve também ao fato de ter sido por vinte anos o jogador mais forte da Espanha e possivelmente de toda a Europa. O fato de ser um membro da Igreja, nos aponta que no século XVI a prática de xadrez no meio eclesiástico poderia ser uma prática possível? Depois das tentativas de proibição do jogo, no passado, esse questionamento parece interessante. Assim como no mesmo período, em 1550, a também espanhola, Santa Teresa de Ávila usou o xadrez em seu texto chamado *O caminho da perfeição*, como um instrumento para analisar a dinâmica da oração e da contemplação (SHENK, 2006:80).

Até este momento, o protagonismo do xadrez moderno era dos Ibéricos, mas ainda durante o XVI, na segunda metade do século, López foi superado nos tabuleiros pelos italianos Giovanni Leonardo e Paolo Boi, passando assim, segundo Lasker (1999), a supremacia do Xadrez, da Espanha para a Itália. Nas décadas posteriores e adentrando o

Século XVII ascenderam outros jogadores italianos como Alessandro Sálvio, Giulio Polerio e Giacchino Grecco.

O jogo de xadrez explodia. Por toda Europa e a Rússia, multidões lotavam os cafês especializados para jogarem com conhecidos ou desconhecidos. Homens e mulheres de posse, lazer e ambições intelectuais, jogavam xadrez tal como, séculos antes, haviam feito os príncipes e os cavaleiros. Mas, agora, eram muitos a aspirar à excelência no jogo. Grande parte da crescente popularidade do xadrez, e do seu nível mais elevado, deveu-se diretamente a um novo tipo popular de manual de xadrez. Cujo autor era o mestre italiano Gioacchino Grecco. No início do século XVII, Grecco tornara-se o primeiro instrutor de xadrez a mapear partidas inteiras a fim de demonstrar a trajetória de várias aberturas. Isso levou a um radical sucesso entre o público (SHENK, 2006: 103).

Segundo CASTRO (1994) ainda no século XVI, já podemos encontrar jogadores atuando como atividade profissional, e os primeiros torneios começando a serem registrados:

Na segunda metade do século XVI, o jogo teve um grande desenvolvimento, e os melhores jogadores passaram a ser patrocinados por mecenas, inclusive reis. Nessa época também começaram a surgir torneios. O mais antigo documentado ocorreu em 1575 na corte de Felipe II da Espanha, quando se enfrentaram jogadores espanhóis e italianos. Venceu o italiano Giovanni Leonardo, que recebeu mil ducados, uma capa de arminho e durante vinte anos sua cidade natal Cutri, da Calábria, esteve isenta de tributos. (CASTRO, 1994: 6).

No século XVIII o xadrez já se encaminha para dar saltos maiores, quando Philip Stamma, um sírio radicado na França, publica uma obra chamada *The novo e art of chess*, utilizando a já citada notação algébrica em 1745. E assim a França vai ganhando protagonismo no jogo de xadrez, principalmente após a ascensão do jovem André Philidor, que derrotou Stamma e se tornou um dos mestres mais famosos de todos os tempos.

Philidor foi mais um grande prodígio da História do xadrez. Compositor talentoso, chegou muito novo ao centro do xadrez Francês (quicá do mundo) do século XVIII, o *Café de la Régence*. Lá foi apresentado ao famoso jogador parisiense Monsieur de Kermur Sire de Légal (Légal hoje é nome dado a um padrão de xeque-mate muito conhecido), que se tornou seu professor. Lasker (1999) e Shenk (2006) discordam sobre Philidor ter ou não vencido Légal nas primeiras épocas do jovem no Café Régence. Mas ambos situam Philidor dentro do contexto histórico do iluminismo francês, tendo enfrentado nos tabuleiros, os teóricos e revolucionários, Robespierre, Rousseau, e em outro café parisiense no mesmo período Voltaire também jogava xadrez.

Não por acaso, é atribuído a Philidor, a famosa frase: "Os peões são a alma do xadrez". Por dois motivos, primeiro porque Philidor dava uma ênfase acentuada à manutenção da cadeia de peões intacta, com limitações severas a movimentos de peões. E em segundo lugar por estar situado no contexto histórico que eclodiu com a queda da Bastilha,

em 1789. É durante os eventos da Revolução Francesa que Philidor resolveu fixar moradia em Londres, onde também era muito admirado. E viveu lá até sua morte, em 1795.

Philidor é considerado um “ponto fora da curva”, dentro do xadrez de sua era, considerada a Era Romântica do xadrez, como já citamos anteriormente, e segundo Anthony Saidy (1994):

A corrente romântica foi interrompida por uma figura, muito muito à frente do seu tempo, que pode ser chamado o primeiro pensador posicional o francês François-André Philidor (1726-1795). Foi ele que, na Europa monárquica, descobriu a importância dos peões, que eram vistos apenas como candidatos à promoção ou impedimento para as peças atacantes. Proclamou que "os peões são a alma do xadrez". Ele percebeu que, como os movimentos dos peões são irreversíveis, a sua estrutura tem um significado básico para a estratégia do jogo. Ele tinha fé na capacidade de uma formação sólida de peões de um peão sólido para resistir a um ataque prematuro e para suportar um ataque correto, e elucidou a desvantagem de peões fracos (isolados, isolados, recuados ou dobrados). Mas ele estava demasiado à frente do seu tempo, e morreu incompreendido. Um século mais tarde, Wilhelm Steinitz (1836-1900) viria a aperfeiçoar e a defender a teoria de Philidor (SAIDY, 1994: 10).

No século XIX, os últimos grandes gênios da Era Romântica do Xadrez fizeram história com sacrifícios brilhantes e combinações velozes e destemidas. Os destaques deste século são La Bourdonnais (1797-1840), Adolf Anderssen (1818-1879) e Paul Morphy (1837-1884).

Será que neste momento já existia alguma forma de profissionalismo primitivo para enxadristas de destaque? Isso já era um sinal do fortalecimento do xadrez em seu processo moderno de esportivização.

Louis-Charles Mahé de La Bourdonnais foi um talentoso enxadrista francês, que tentou sobreviver como jogador de xadrez profissional. Mas mesmo sendo um jogador muito forte na época (possivelmente o melhor, durante seu auge) não obteve em vida a notoriedade e o sucesso desejados, para a manutenção de uma situação financeira digna. La Bourdonnais morreu em Londres no ano de 1840, aos 45 anos, e segundo Lasker em condição econômica precária. Lasker compara a dificuldade de viver como enxadrista profissional com os exemplos de grandes artistas que tiveram suas obras valorizadas muitos anos depois de suas mortes. Para ele, a situação do mestre de xadrez profissional:

É muito semelhante à do escultor, do pintor ou do músico criador. O número de pessoas que se entusiasma com uma bela obra de arte, uma boa música ou uma brilhante atuação no tabuleiro de xadrez é muito grande. É relativamente limitado, porém, o número daqueles que podem realmente viajar até o local onde se realiza um concerto ou uma exibição e pagar pelo privilégio de um contato pessoal com o mestre que admiram. Em resultado, o mestre de xadrez profissional, como muitos pintores, escultores ou compositores, está condenado quase à fome a menos que encontre um patrono rico (LASKER, 1999: 90-91).

Lasker aponta aqui uma questão de falta de apoio e financiamento aos jogadores da época. As estruturas do xadrez esporte estavam em pleno desenvolvimento, mas ainda não habilitam o jogador de elite a obter retorno econômico da prática esportiva.

Adolf Anderssen, um mestre alemão, famoso por partidas consideradas imortais, ganhou grande notoriedade quando venceu uma competição de prestígio em 1851, sendo considerado o maior mestre da Europa, nesta data. Isto já aponta conexões mais profundas entre jogadores de diversos países que buscavam prestígio profissional com o xadrez. Sem dúvidas Anderssen só tem sua grandiosidade ofuscada pela ascensão explosiva do norte-americano Paul Morphy que viajou ao velho mundo para vencer Anderssen.

Nos anos 1850, na cidade norte-americana de Nova Orleans, surge um jovem de vinte anos capaz de derrotar todos os maiores jogadores do país.

O clube de xadrez de Nova Iorque escrevera aos clubes de todos os outros Estados, sugerindo que cooperassem na realização do Primeiro Congresso Americano de Xadrez. Propôs que enviassem seus melhores jogadores para participarem de um torneio no qual seria decidido o campeonato de xadrez dos Estados Unidos (LASKER, 1999: 93).

E atravessou o Atlântico, em 1858, para enfrentar os melhores jogadores do velho mundo. Assombrosamente vencendo todos os matches, *“ele revelou ao mundo uma estrondosa mistura de pragmatismo, agressividade e precisão de cálculo - qualidades que permitiram à América realizar um poderoso salto na segunda metade do século XIX”* (KASPAROV, 2004. p. 6). Para ir a Europa, Morphy recebeu patrocínios (LASKER, 1999: 95), demonstrando que dentro do incipiente subcampo esportivo que estamos estudando, jogadores prodígios poderiam sobreviver como profissionais do jogo, dependendo de patrocínios privados de entusiastas do jogo. Mas como vimos sobre La Bourdonnais, não era somente o desempenho prático que garantiria a manutenção de um jogador na condição de atleta profissional. Outros fatores precisavam estar presentes. No caso de Morphy, o grande entusiasmo gerado pelo seu desempenho aliado à vontade que os integrantes do campo enxadrístico norte americano tiveram de ver seu maior jogador enfrentando os melhores europeus.

### **1.3 A criação e consolidação da Federação Internacional de Xadrez: rupturas, tensões e o ponto auge da esportivização do xadrez**

Em 20 de Julho de 1924, criou-se em Paris, a *Fédération Internationale des Échecs* (FIDE). Órgão máximo do xadrez mundial. A data de sua criação é atualmente o Dia

Internacional do Xadrez. Embora Paris seja um grande centro cultural e também da história do xadrez moderno, é possível perceber, com breve análise da conjuntura histórica deste período, que não seria simples criar um órgão que fosse aceito por todos os países que tinham comunidades enxadrísticas robustas, como a União Soviética, que era a maior potência do xadrez mundial. Afinal, é de se esperar que os soviéticos não aceitassem ceder sua hegemonia de poder e influência sobre o xadrez mundial. Importante citar que a força enxadrística levada ao extremo como uma política de estado na educação soviética, também existia antes de 1917, bastando para afirmar isso, lembrar que o quarto campeão mundial de xadrez, Alexander Alekhine, nasceu na Rússia Czarista, em 1892, e ganhou o título de Grande Mestre em 1914.

Mas a FIDE organizou desde 1927, o campeonato mundial feminino de Xadrez. Nos primeiros anos ligado à Olimpíada de Xadrez, vencido por Vera Menchik (1906-1944), que além do título de 1927, ainda defendeu com êxito seu título outras seis vezes.

As informações sobre esses conflitos de poder entre as duas principais forças institucionais do xadrez, nos primeiros anos após a criação da FIDE não são recorrentes nas fontes que encontramos, pois é um ponto específico da história deste esporte que parece não ser muito falado. Talvez haja o interesse da FIDE, enquanto instituição poderosa neste meio, de que esse assunto de disputa em seu processo de consolidação não seja amplamente discutido. Mas SOUZA E MARCHI JÚNIOR (2012) alertam para esse momento de tensão entre a organização francesa e a União Soviética:

Cabe aqui frisarmos que embora a FIDE já houvesse sido fundada em 1924, a mesma não detinha um potencial de poder suficientemente representativo para impor modificações na estrutura de organização dos campeonatos mundiais. Essa relativa passividade da Fédération Internationale Des Échecs durante as duas primeiras décadas de sua fundação se explica basicamente porque a nação enxadrística mais forte do mundo, a União Soviética, recusava a participar de um encontro pela disputa do título mundial que fugisse aos seus interesses e comprometesse de alguma forma a ortodoxia então instaurada no subcampo do xadrez (SOUZA; MARCHI JÚNIOR. 2012: 563).

Com a morte de Alekhine, em 1946, o trono do xadrez ficava vago, e agora um novo match precisava ser organizado, e foi dentro desse momento de vacância, que a FIDE organizou, pela primeira vez, o embate pelo título mundial, em 1948, disputado por dois jogadores soviéticos, Mikhail Botvinnik e Vasily Smyslov. Vencido por Botvinnik, considerado o pai da Escola Soviética de Xadrez. E a partir desta data, a FIDE passa a organizar todos os *matches* pelo título mundial.



De 1945 a 1991, o mundo estava imerso nas tensões e nos sentimentos que a Guerra Fria<sup>18</sup> instituiu durante essas décadas. Nenhuma outra estrutura histórica foi tão dominante nesse período. E o xadrez teve uma participação pontual muito significativa. O *match* pelo título mundial de 1972. O xadrez era amplamente incentivado e financiado na União Soviética, sendo esta a maior potência mundial neste esporte. O xadrez, portanto, era mais uma ferramenta que, em conjunto com toda a estrutura ideológica e de propaganda organizada pelo bloco, comprovaria a superioridade do homem soviético.

Paralelamente, os Estados Unidos tentavam oferecer confronto em todas as áreas para tentar impedir que a ideologia soviética ganhasse mais força e credibilidade. No ano de 1972, os Soviéticos mantinham uma hegemonia de quarenta e três anos desde o primeiro título de Alekhine, em 1927. Com exceção dos anos 1935 a 1937, quando o neerlandês Max Euwe conquistou o título, perdendo-o, logo depois. Essa hegemonia recebeu ares de guerra também nos tabuleiros quando o jovem norte americano Robert James Fischer (1943-2008), ou Bobby Fischer como ficou conhecido, ascendeu à condição de desafiante ao título mundial frente ao Soviético Boris Spassky (1937).

O enfrentamento de ambos na Islândia, em 1972, ganhou muita atenção do mundo, e muita tensão sobre os atletas. A série de partidas válidas pelo título mundial foi tão observada que ganhou posteriormente o título de “O match do século”. Vencido pelo estadunidense Bobby Fischer, foi inspiração para diversos filmes, sob a perspectiva hollywoodiana, como os mais atuais *Bobby Fischer contra o mundo* (2011) e *O dono do jogo* (2014).

Em 1993, o então campeão Garry Kasparov, desligou-se da FIDE por não concordar com a forma como o local do evento pela defesa do título mundial foi escolhido. Ele, e o campeão do torneio de candidatos, então desafiante ao título, Nigel Short, fundaram a PCA (Associação Profissional de Xadrez) e organizaram um confronto entre os dois para ver quem seria o campeão mundial dessa nova federação. Kasparov venceu. A FIDE, que tinha retirado o título de campeão mundial de Kasparov, organizou um confronto sob suas regras, entre o último desafiante, Anatoly Karpov e Jan Timman (ambos haviam perdido para Short no torneio de candidatos), e com a vitória de Karpov, tínhamos então dois campeões mundiais. E assim deu-se até a unificação das entidades em 2006 (SOUZA, 2010). Neste momento a

---

<sup>18</sup> O período histórico-social denominando como Guerra Fria determinou a paisagem estratégica e o equilíbrio de forças no mundo por volta de aproximadamente 50 anos! . Na tentativa de sistematizar uma definição que contemple os múltiplos aspectos sociais envolvidos nesse contexto, podemos dizer, de forma sintética, que a Guerra Fria tratou-se do embate político, econômico, tecnológico, científico, ideológico e cultural que se protagonizou entre o bloco capitalista e socialista durante o período compreendido entre o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 e a queda da União Soviética em 1991. (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2013. p. 567).

principal instituição passara pelo seu teste de fogo, e mostrou que estava devidamente enraizada e não sucumbiu ante o novo órgão que era incipientemente criado.

A FIDE criou um sistema de títulos baseados em normas de desempenho, que classificam os jogadores em: Mestre Fide, Mestre Internacional e Grande Mestre<sup>19</sup>. As titulações tem como base um sistema de pontuação (Rating), em um algoritmo elaborado pelo físico norte-americano Arpad Elo (1903-1992), que não somente considera o resultado do jogo, mas também inclui no cálculo a pontuação que o indivíduo possuía antes do jogo. Assim, após o término da partida, adicionando ou retirando determinada pontuação, dependendo da diferença de força que existe entre os jogadores que se enfrentam, antes da partida.

A FIDE, que foi reconhecida pelo COI em 1999, também organiza grandes torneios internacionais, como a Olimpíada de Xadrez, o FIDE Grand Swiss Tournament e o Grand Prix da FIDE. Cria e implementa padrões globais para torneios, incluindo as regras do jogo, tamanhos dos tabuleiros e peças e, claro, o sistema de rating<sup>20</sup>. Será que podemos apontar a instituição do sistema de Rating Elo como uma característica moderna importante para o xadrez moderno? A partir dela a força dos jogadores pôde ser melhor explícitas. Além de servir como um ranking facilmente atualizado, também serviu para ajustar com mais justiça os empareiramentos em campeonatos.

A última grande transformação que o esporte passou, foi a inserção primeiro dos computadores, que continham algoritmos capazes de enfrentar o mais forte jogador. Em 1997, o computador Deep Blue, desenvolvido apenas para a finalidade de jogar xadrez, enfrentou e venceu o então campeão mundial Garry Kasparov. Estava sendo aberta uma nova

---

<sup>19</sup> Candidato a Mestre FIDE (CM)

Esse é o título mais recente criado pela FIDE. Para a obtenção dessa titulação, não é requisitada nenhuma norma. Para solicitar o título, basta que o enxadrista seja cadastrado junto à FIDE e tenha, no mínimo, 2.200 pontos na lista de rating oficial ou extraoficial.

Mestre FIDE (MF)

Da mesma maneira que o CM, o título de Mestre FIDE não requer nenhuma norma, somente uma pontuação mínima de 2.300 pontos de rating.

Mestre Internacional (MI)

Para alcançar essa titulação, o jogador deve alcançar um mínimo de 2.400 pontos de rating. Além disso, deve ter, ao menos, três normas em competições de Mestres Internacionais nas quais tenham competido, no mínimo, dois estrangeiros, além de ter conseguido obter o “rating performance” adequado.

Grande Mestre (GM)

O mais alto título internacional de xadrez que um jogador pode alcançar não é nada fácil de se obter. Para se tornar um Grande Mestre reconhecido pela FIDE é necessário ter um mínimo de 2.500 pontos de rating, além de conquistar três normas em competições de Grandes Mestres Internacionais que tenham contado com, pelo menos, dois competidores estrangeiros. Em cada evento em que as normas forem conquistadas, o “rating performance” tem que, obrigatoriamente, ser superior a 2600 pontos. Fonte: <https://rafaelleitao.com/titulacoes-xadrez/>

<sup>20</sup> <https://www.chess.com/pt-BR/terms/fide-xadrez> .

era no xadrez, onde a utilização de softwares para estudo e análises tornou-se indispensável entre a elite do xadrez. Os softwares permitiram que a teoria de aberturas e finais fosse ampliada e aprofundada à exaustão.

Tecnicamente foi um grande avanço na complexidade do jogo. E foi possível com a Internet, que plataformas de xadrez como [chess.com](http://chess.com)<sup>21</sup> e [lichess.org](http://lichess.org)<sup>22</sup>, possibilitam que milhões de usuários pratiquem xadrez diariamente, ampliando o número de praticantes ativos do esporte, tornando-o acessível a qualquer pessoa que possua um smartphone e conexão com internet. E também a gama de materiais de estudo que estão disponíveis gratuitamente na internet é imensurável. Dando a oportunidade de cada vez mais pessoas evoluírem sua força de jogo, onde antes era preciso estar em um clube de xadrez ou ter o acompanhamento de um professor, coisas que ainda são importantes para aqueles que desejam o profissionalismo. Os avanços tecnológicos, portanto, continuam desenhando a história do xadrez moderno.

---

<sup>21</sup>[www.chess.com](http://www.chess.com)

<sup>22</sup>[www.lichess.org](http://www.lichess.org)

## **2. A INSTITUIÇÃO DO XADREZ ENQUANTO ESPORTE NO BRASIL A PARTIR DE PERIÓDICOS (JORNAIS E REVISTAS DAS DÉCADAS DE 1920 E 1930)**

Depois de tentarmos mostrar como o xadrez se constituiu enquanto esporte, como o seu processo de esportivização se deu, sob os olhares das fontes que analisamos, já temos uma espécie de organograma mental do que é o xadrez moderno e precisamos pensar em como esse processo chegou ao Brasil, de forma tardia em relação ao começo deste processo, mas será que a tempo concomitante de transformações no Brasil? Quais caminhos o xadrez percorreu no Brasil para se esportivizar? Se organizar e se estruturar? Para responder esta pergunta precisamos resgatar, como fizemos no capítulo um, os principais momentos da história do xadrez no Brasil, para que possamos identificar os processos que o levaram a consolidar-se como um esporte neste país. Pois é deste contexto histórico que vai surgir o xadrez jaguarense e seus processos de desenvolvimento.

### **2.1 O que podemos apontar sobre as origens do Xadrez no Brasil**

É impossível afirmar quando o xadrez adentrou pela primeira vez em terras tupiniquins. Visto que, quando Pedro Álvares Cabral aportou no que hoje é litoral baiano, o Xadrez já era um jogo muito difundido e popular na Europa, e a probabilidade é grande de ter, de que alguns líderes desse movimento de expansão marítima dos Ibéricos, jogassem Xadrez, e porque não, tivessem tabuleiros nas embarcações. Mas, a título de curiosidade, é muito citado que o escrivão Pero Vaz de Caminha era um entusiasta do jogo, inclusive chega a usar referências do jogo em quando escreveu sobre a "descobertas" das novas terras, apontado por Waldemar Costa, no livro *Epopéia do Campeonato Brasileiro de Xadrez - 1927-2008*:

Quanto ao escrivão Pero Vaz de Caminha, não há dúvida de que amava o jogo. Sua paixão era grande. Quando escreveu ao Rei de Portugal Dom Manuel (1469-1521), narrando a descoberta, fez diversas referências às peças e ao tabuleiro. Em certo trecho, cita que os beijos dos selvagens, furados e ornamentados, pareciam com as torres do xadrez (COSTA, 2009: 7).

Os pesquisadores costumam dizer que desde o início da colonização, o jogo já estava inserido no Brasil, sendo reservado, evidentemente, às elites. Mas é a partir de 1808 que o xadrez começa a constar nos registros historiográficos, com a vinda da família Real portuguesa, que veio para o Brasil fugindo de outro famoso monarca jogador de xadrez, o francês Napoleão Bonaparte, que invade o território português após Dom João VI não aderir

ao bloqueio continental imposto pelo francês, e continuou realizando trocas comerciais com os ingleses.

A vinda da corte real portuguesa para o Brasil tornou-se um divisor de fases de desenvolvimento do Brasil no que diz respeito à economia e cultura<sup>23</sup>. O pacto colonial, de exploração da Colônia em prol exclusivo da metrópole, já não existiria mais na prática, e no mesmo ano foi permitido o estabelecimento de indústrias.

No que diz respeito à cultura, o período de Dom João como monarca no Brasil, foi o fomentador de diversas instituições como o Museu Nacional, a Biblioteca Real, a Escola Real de Artes, o Observatório Astronômico e o Jardim Botânico, por exemplo. No acervo literário trazido para o Brasil em 1808, constavam duas obras sobre Xadrez, o famoso livro de Lucena, “Repetición de Amores e Axedrez”, de 1497, e o poema “Scachia Ludus” do italiano Marcos Jerônimo Vida, obra rara de 1527, e segundo consta, somente dois exemplares da obra resistiram até os dias atuais. (COSTA, 2009: 8).

Com essa intenção estatal de criar pontos de cultivo e desenvolvimento da cultura no Brasil (para que também se tornasse um lar mais parecido com Portugal, para a Corte), indiretamente também incentivou a prática do xadrez, já que este faz parte de uma gama simbólica de atividades distintas e dadas à intelectualidade, bem como a prática da literatura, da poesia, da música e demais artes e esportes que vinham da Europa com a Corte.

Todas essas informações dizem respeito à história do xadrez no Brasil, e como ele com certeza foi jogado muitas vezes de forma recreativa, pelo menos até o século XIX. Mas quando que realmente o xadrez torna-se um esporte, no Brasil?

Para começar a pensar, devemos analisar a hipótese que a história do xadrez enquanto esporte no Brasil, tem sua gênese na segunda metade do século XIX. Em 1850, foi publicado o primeiro livro de xadrez em terras brasileiras: *O perfeito jogador de xadrez ou manual completo deste jogo*, de Henrique Veloso, obra que não tivemos acesso.

No ano seguinte, ele editou outro livro, "Aditamento ao Tratado do Jogo de Xadrez", que era a ampliação melhorada do seu trabalho inicial. Naquela época, os enxadristas eram na maioria comerciantes estrangeiros estabelecidos na capital do Império, destacando-se os ingleses Jordan Cruise, Elkin Hime e o Dr. Pennel. (COSTA, 2009: 9).

---

<sup>23</sup> É impossível falar sobre desenvolvimento econômico e cultural no Brasil do Século XIX sem mencionar que por trás disso tudo estavam, já em 1808, trezentos anos de exploração da mão de obra cativa no Brasil. Inicialmente com os indígenas e posteriormente de forma intensa e ininterrupta com escravizados africanos. E o Século XIX, brasileiro assim como os anteriores, foi alicerçado sobre essa violenta exploração. Portanto, quando falamos “desenvolvimento econômico e cultural” estamos falando dentro dessa lógica desigual e violenta que norteava a sociedade brasileira do período.

Em 1877 que fundou-se o primeiro clube de xadrez do Brasil, com a liderança de Arthur Napoleão, e com a participação de Joaquim Maria Machado de Assis, considerado o maior escritor brasileiro, e também o primeiro brasileiro a ter um problema<sup>24</sup> de xadrez publicado.

Machado de Assis, foi um grande entusiasta do jogo, e deve-se também a ele, méritos sobre a fase de germinação do subcampo esportivo do xadrez no Brasil, junto com Napoleão e o Visconde de Piratininga, formou a tríade que é sempre citada nos periódicos e nas fontes escritas posteriormente sobre as origens do xadrez brasileiro. Além de ter ficado registrado como o compositor do primeiro problema de xadrez criado por um brasileiro e publicado, também deixou história nos tabuleiros com sua famosa partida “imortal”<sup>25</sup>, contra Charles Pradez, no mesmo ano em era publicado o clássico machadiano *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Arthur Napoleão, português nascido em 1843, é o principal nome do fomento ao xadrez no Brasil do Século XIX. Prodígio pianista, demonstrou seu talento por toda a Europa, até que se estabeleceu no Brasil em 1866, onde continuou trabalhando no meio da música, com venda de instrumentos, transcrição de partituras e aulas de piano. Este prestígio foi importante para que suas intenções de difusão do xadrez tivessem sucesso. Em 1877, Napoleão dirigiu a publicação da primeira seção sobre xadrez no Brasil, na revista *Ilustração brasileira*. E já em 1878 foi membro fundador na criação de um grêmio de xadrez, cuja diretoria contava com Machado de Assis, Visconde de Piratininga (pai de João Caldas Vianna Neto) e pelo próprio Arthur Napoleão (COSTA, 2009)..

Em 1880, o Luso-português abre sua residência para a realização de um mini torneio:

que deve ser o primeiro do Brasil. Participaram, além do anfitrião, o advogado João Caldas Vianna Neto, o escritor Machado de Assis, o poeta Vitoriano José Palhares, o veterano enxadrista Carlos Pradez e Joaquim Navarro. A competição foi vencida por Napoleão, Caldas Viana chegou em segundo; e Carlos Pradez, em terceiro (COSTA: 2009: 10).

Com a organização de Arthur Napoleão e Miguéz, era publicada semanalmente, a *Revista Musical e de Bellas Artes* (RJ, 1879-1880) deu destaque ao referido torneio, que segundo este periódico foi disputado *entre seis dos melhores amadores d’esta côrte*<sup>26</sup>. Vejam

---

<sup>24</sup> Denomina-se como problemas de xadrez, posições de peças, compostas imaginativamente ou retiradas de partidas, cuja resolução esteja no descobrimento do melhor lance da posição para ganho de vantagem ou término da partida.

<sup>25</sup> Chama-se imortal, a melhor partida da carreira de um jogador, muitas vezes envolvendo planos profundos e/ou belas combinações.

<sup>26</sup> BN DIGITAL: REVISTA MUSICAL E DE BELLAS ARTES. 17 de Janeiro de 1880. p. 07 (RJ). <http://memoria.bn.br/DocReader/146633/431> , acessado em 03/05/2023.

que nesta década, o mundo do xadrez já conhecia o primeiro campeão mundial oficialmente aceito como tal. .

Napoleão ainda foi organizador de vários outros torneios, inclusive um torneio de problemas de xadrez, em sua coluna do Jornal do Comércio, em 1887. Também fundou outros clubes de xadrez no Rio de Janeiro, com destaque para o Clube de Xadrez Fluminense (1880), e para o da rua Gonçalves Dias. Foi muito presente na Imprensa, carregando a temática enxadrística por onde passava, além de publicar três livros: *Primeiro torneio de xadrez do Rio de Janeiro* (1888), *Problemas, enigmas, esfinges e fantasias* (1887) e em 1897 *Caissana brasileira* (CASTRO. 2009. p. 11).

João Caldas Viana Neto, segundo Waldemar Costa, o maior jogador do país do século XIX e primeiras décadas do século XX (CASTRO, 2009. p. 13). Filho de João Caldas Viana Filho (1837-1895), o então Visconde de Piratininga que foi fomentador do xadrez na segunda metade do século XIX no Brasil, junto com Machado de Assis e Napoleão. É neto de João Caldas Viana (1806-1862), político do Império e Presidente da Província do Rio de Janeiro entre 1843 e 1844 (CASTRO, 2009. p. 13-14). Podemos pensar que antes da consolidação do processo de esportivização do xadrez no Brasil, os principais jogadores pertenciam a uma elite? seja ela econômica ou de poder simbólico, como a classe dos letrados.

Esta efervescência enxadrística da década de 1870 era concomitante com a febre do xadrez mundial neste período. Neste período demarcamos a passagem do Xadrez Romântico para o Xadrez Científico. Era época posterior ao assombroso impacto que as combinações do norte-americano Paul Morphy causavam no mundo dos tabuleiros, inclusive Arthur Napoleão teve a oportunidade de enfrentá-lo em uma partida em 1859. Também foi 1870, a década onde se destacava um outro talento, o austríaco Wilhelm Steinitz, que em 1886, venceu um *match* contra o polonês Johannes Zukertort, consagrando-se o primeiro Campeão Mundial de xadrez, conforme vimos no capítulo anterior. Percebemos que esta confluência de períodos estava relacionada, pois entre as elites econômicas e intelectuais da época, as notícias sobre grandes eventos esportivos circulavam com velocidade.

O Jornal do Comércio do Rio de Janeiro de 17 de Maio de 1886, não mencionava nada sobre o xadrez nacional, mas noticiava o match entre Zukertort e Steinitz, demonstrando como neste momento havia certo interesse nos acontecimentos do xadrez mundial.

É difícil formar-se uma idéia do interesse ardente com que foi seguida pelo mundo inglês, alemão e francês a luta épica que os dois campeões mais famosos do xadrez, Herr Steinitz e o Dr. Zukertort sustentaram em Nova Orleans.

Milhares de pessoas o contemplavam, havendo apostas de milhares de dollars; o telegrapho transmitia cada uma das jogadas dos dois campeões, e

os jornaes de Londres, Berlim, Vienna e Pariz tão dando conta aos seus leitores de todos os incidentes da luta. Por fim, Steinitz triumphou, devendo a victoria a um xadrezista hespanhol de outras éras e alguns milhões de dollars.

Steinitz, abandonando as tradições modernas, foi buscar em um antigo livro hespanhol intitulado “invencion liberal e arte del juego de axedrez” as regras que seguio. A sua jogada mestra, e que lhe vallen o triumpho, foi a de um salto de cavallo que fez famoso o hespanhol Ruy Lopez de Segun, no século XVI. (Jornal do Comércio, 1886, n°136)<sup>27</sup>.

Utilizamos a pesquisa em periódicos para tentar desenhar o xadrez no Brasil através da representação dele na mídia impressa brasileira, da qual temos acesso através da Biblioteca Nacional Digital.<sup>28</sup>

Ao pesquisar o verbete “xadrez” nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional, nos deparamos, curiosamente, com ocorrências da expressão xadrez, referindo-se à cadeia, como forma de expressão popular, como no exemplo do Jornal do Comércio, de 01 de Janeiro de 1880, “*Mais uma vez foi recolhido ao xadrez o incorrigível capoeira Fernando Gonçalves da Rocha, vulgo Ferrugem, por estar embriagado*”<sup>29</sup>.

Além de que “xadrez” também é utilizado para distinguir itens de decoração ou de moda. Com isto então, percebe-se que precisaremos pesquisar outros verbetes como *enxadrista* ou *xadrezista* para cruzar ocorrências diferentes. Conforme fomos analisando as ocorrências, foi ficando mais nítido que não seria viável para os objetivos do trabalho, percorrer ocorrências de forma aleatória, então fomos observando a demanda de ocorrências específicas como *Confederação Brasileira de Xadrez*, que na pesquisa identificamos que só surge em 1941, sendo *Federação Brasileira de Xadrez* a primeira nomenclatura utilizada pela instituição. Além das pesquisas por *FIDE*, *Federação Internacional de xadrez* e *Fédération Internationale des Échecs*. Que juntas somaram cerca de 1000 ocorrências observadas.

## **2.2 A criação da Federação Brasileira de Xadrez: um marco importante na instituição do xadrez esporte**

Avançando nos textos utilizados como base, percebemos algumas congruências nas datas da criação de uma instituição nacional de xadrez e no que é considerado o primeiro campeonato brasileiro de xadrez. Recorremos então às pesquisas aos periódicos com os

---

<sup>27</sup>BN DIGITAL: JORNAL DO COMÉRCIO, Ed. 136. 17 de Maio de 1886. p. 1 (RJ). [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_07/15278](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_07/15278), acessado em 03/05/2023.

<sup>28</sup><http://bndigital.bn.gov.br/>, acessado em 03/05/2023.

<sup>29</sup>BN DIGITAL: JORNAL DO COMÉRCIO, Ed. 1. 01 de Janeiro de 1880. p. 2 (RJ). [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_07/2](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_07/2), acessado em 03/05/2023.



verbetes “Federação Brasileira de Xadrez“ (85 ocorrências) e “Campeonato Brasileiro de Xadrez”, nas ocorrências gerais do período 1920-1929. Aliando os registros dos periódicos à bibliografia tentamos entender esses processos. Não apenas como aconteceram, mas como eles se impuseram na época para a comunidade do xadrez brasileiro. E assim caracterizar ou não, esse período como marco da esportivização do xadrez no Brasil.

O Jornal “A noite” do Rio de Janeiro, de 28 de Dezembro de 1927, noticia a criação da Federação Brasileira de Xadrez:

Conforme estava anunciada, realizou-se hontem uma reunião na séde do Club de Xadrez do Rio de Janeiro, tendo a ella comparecido os seguintes: Dr. João de Souza Mendes Junior, representando a Associação Paulista de Xadrez; Sr. Luiz Vianna, representando os clubs Cadima e Juventude Israelita; Sr. Antonio Augusto Montenegro, representando o Club de Regatas Vasco da Gama; Sr. Elpidio Salles, representando o Club de Xadrez do Rio de Janeiro; Sr. Clóvis Mendes de Moraes, representando o América F. C. e Sr. Alberto Gomes, representando o Directorio Academico da Escola Polytechnica, ficando assim creada a Federação Brasileira de Xadrez.

Os estatutos da nova agremiação foram amplamente discutidos e aprovados.

Em seguida procedeu-se á eleição da directoria que ficou assim constituída: Presidente, Dr. Deosdete Travassos ; Vice-presidente, Antonio Augusto Montenegro; 1º Secretario, Tenente Hoche Pulcherio; 2º Secretario, Nelson Belém; 1º Thesoureiro, Dr. Paulo Lehmayr; 2º Tesoureiro, Luiz Vianna; procurador, H. Schechtmann. Conselho fiscal: R. Libermeister, Elpidio Salles e Armando Flores (A Noite, 1927: 7)<sup>30</sup>.

Segundo vemos na citação acima, o periódico afirma que a criação da FBX deu-se no dia 27 de Dezembro de 1927. Waldemar Costa (2009:17) aponta que a Confederação Brasileira de Xadrez (CBX), que se denominou Federação Brasileira de Xadrez (FBX) até 1941, foi fundada meses antes do primeiro Campeonato Brasileiro de Xadrez. E aponta que o primeiro Campeonato Brasileiro deu-se no mês de Outubro de 1927, portanto a questão da FBX já existir meses antes de Outubro de 1927 entra em conflito com a informação recuperada do periódico A Noite, do mesmo ano. Costa também informa que o primeiro Presidente da FBX foi Gustavo Garnott, mas o periódico aponta Deosdete Travassos. Para nós o que mais importa é que os dois eventos históricos (Criação da FBX e o primeiro Campeonato Brasileiro de Xadrez) ocorreram no mesmo ano, e isso torna o ano de 1927 muito importante para o entendimento da consolidação do Xadrez enquanto esporte, no Brasil.

---

<sup>30</sup>BN DIGITAL: A NOITE. 28 de Dezembro de 1927: 7. Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/348970\\_02/21717](http://memoria.bn.br/DocReader/348970_02/21717), acessado em 18/05/2023.

O *Jornal do Brasil*, fundado em 1891, e um dos jornais mais populares do Brasil na primeira metade do Século XX<sup>31</sup>, em sua edição de 24 de Julho de 1924, publicou uma nota em forma de chamamento, para que as entidades do Brasil interessadas em participar da criação da Federação Brasileira de Xadrez, participassem desse processo<sup>32</sup>. Outros periódicos também noticiaram esse convite, como *O Jornal* (RJ) em 03 de Dezembro de 1924<sup>33</sup>. A priori, demonstra um interesse dos “pais fundadores” da FGX em criar um debate que abrangesse o maior número de clubes e entidades brasileiras, ligadas ao xadrez, neste processo.

A reunião de criação da FBX contou com representantes apenas do estado de São Paulo e do Rio de Janeiro. Federações como a Gaúcha (1941) ainda não tinham sido criadas, mas existiam muitos clubes espalhados pelo Brasil, que poderiam, invariavelmente, participar dessa construção. A distância pode ter sido um obstáculo, na época, para que uma maior junção de entidades fosse possível. Pois clubes de menor estrutura precisariam despender recursos para comparecer ao Rio de Janeiro, em várias ocasiões, para os debates e desenvolvimento do estatuto. Convém mencionar que os títulos da grande maioria das tiras encontradas desde 1924 já menciona “Federação Brasileira de Xadrez”, enquanto traz em seus conteúdos convites para participações de reuniões para a criação de tal entidade e para a discussão sobre os estatutos. Porém, essas publicações podem causar confusões em relação à data exata de criação da entidade.

Este movimento de criação da Federação Brasileira de Xadrez, foi uma iniciativa do Clube de Xadrez Guanabara, o principal clube de xadrez brasileiro na época. Em 16 de Maio de 1924, *O Malho* noticiava que, em assembleia do Club Guanabara foi instituída uma comissão para estudar a possibilidade de ser fundada a Federação Brasileira de Xadrez<sup>34</sup>.

---

<sup>31</sup>[...] foi eleito como objeto de estudo o diário impresso *Jornal do Brasil*, fundado em 1891, que se encontra ainda em circulação. Essa escolha foi pautada em sua importância para a imprensa nacional, pois, por muitos anos, manteve-se como um dos principais jornais impressos do país. Alguns estudos já foram realizados acerca da importante e conhecida reformulação gráfica pela qual passou esse jornal no final da década de 1950, porém não há investigações sobre sua construção visual no período anterior, quando era considerado um dos jornais de maior destaque do Brasil. (FONSECA, 2008. p. 17).

Fonseca, Leticia Pedruce A construção visual do *Jornal do Brasil* na primeira metade do século XX / Leticia Pedruce Fonseca ; orientador: Rafael Cardoso. – 2008.

Em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=11855@1>

<sup>32</sup> “Solicitamos aos leitores do “*Jornal do Brasil*” o obsequio de nos enviarem informações a respeito dos clubs de xadrez existentes nos Estados, discriminando, se possível, sua denominação e as cidades que têm sede. Pedimos outrossim aos clubs que desejarem fazer parte da Federação de Xadrez, a fundar-se em breve, que se correspondam com o redactor da secção de Xadrez do *Malho*, Sr. Pulcher.” (JORNAL DO BRASIL, 1924. p. 09). [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_04/30703](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_04/30703) , acessado em 18/05/2023.

<sup>33</sup>BN DIGITAL: *O Jornal*, 03 de Dezembro de 1924. P. 11. Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/110523\\_02/18624](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/18624) , acessado em 18/05/2023.

<sup>34</sup>BN DIGITAL: *O Malho*, 16 de Maio de 1924. p. 15. Em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116300/53305> , acessado em 18/05/2023.

Constituída por Mendes Júnior, Cauby Pulcherio e Hoche Pulcherio (que viria a ser o primeiro Secretário na primeira diretoria da FBX).

A criação da FBX deu-se em um período concomitante à criação de outras Federações? A Federação Brasileira de Pugilismo data o ano de 1935. A Federação Brasileira de Basketball já data o ano de 1941. Mas antes disso já tínhamos iniciativas como a Confederação Brasileira de Futebol em 1914, mesmo ano da criação do Comitê Olímpico Brasileiro. O xadrez estava portanto participando deste processo de institucionalização dos esportes no Brasil.

Ao pesquisarmos o verbete do Clube carioca, no recorte 1920-1929, encontramos 217 ocorrências, que nos permite apontar essa relação com a incipiente federação que se formara. O Jornal do Commercio (RJ), de 06 de Junho de 1923, além de informar a mudança de endereço do Clube carioca, também informa o nome de alguns sócios que disputarão um torneio dois dias depois, entre eles encontramos o nome de Deusdedt Travassos, já apontado anteriormente como o primeiro presidente da Federação Brasileira de Xadrez. E de Antonio Montenegro, então o primeiro vice-presidente JORNAL DO COMMERCIO, 1923: p.6)<sup>35</sup>.

Em 1924, o campeão do Club de Xadrez Guanabara era o Sr. Luiz Viana, primeiro tesoureiro da FBX, no mesmo ano<sup>36</sup>. Elpídio Salles, conselheiro fiscal da primeira diretoria da FBX, já havia sido, pelo menos, Vice-presidente do Club Guanabara<sup>37</sup>. Estas informações traduzem a relação quase unilateral do comando da Federação Nacional, com o Club de Xadrez Guanabara.

Pelo que encontramos na pesquisa, a criação da FBX, não contou com um processo de unanimidade entre os envolvidos com o jogo no Brasil, a revista Excelsior, também do Rio de Janeiro, número 21, de Outubro de 1929 (já cinco anos após a criação da entidade), no caderno de xadrez, escrito por Aubrey Stuart em tom de crítica, Federação Brasileira de Xadrez entre aspas, de modo a demonstrar que não dá fé neste nome como uma instituição que representa e organiza o xadrez nacional. Anuncia em nota, que a instituição está no momento sem Presidente, e faz outras críticas, que parecem tender para conflitos de ordem pessoal, além de estruturais:

A entidade carioca que se convencionou chamar de “Federação Brasileira de Xadrez” não parece estar lá muito firme das gambias... Actualmente, está

---

<sup>35</sup> BN DIGITAL: Jornal do Comércio. 06 de Junho de 1923. p. 6. Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_11/9789](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_11/9789), acessado em 19/05/2023.

<sup>36</sup> BN DIGITAL: Revista Brasileira de Xadrez, Agosto de 1924. p. 7. Em: <http://memoria.bn.br/DocReader/780340/8>, acessado em 19/05/2023.

<sup>37</sup> BN DIGITAL: Revista Brasileira de Xadrez, Agosto de 1924. p. 8. Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/110523\\_02/5580](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/5580), acessado em 19/05/2023.

acephala, o unico remanescente da debandada geral de “autoridades” sendo o secretario Sr. Reis. Houve uma reunião em meados de Agosto para o fim de eleger uma directoria, mas ela gorou no meio das vociferações de costume. A nós de fora, que reconhecemos a necessidade absoluta de ter gente esclarecida e criteriosa na directoria, parece que os que entendem não querem, e os que querem não entendem. (EXCELSIOR, 1929: 110)<sup>38</sup>

A década de 1920, não aleatoriamente foi o período de convulsão nas instituições do xadrez brasileiro, mas foi também, como vimos anteriormente, um período onde era criada a Federação Internacional de Xadrez (FIDE, de Fédération Internationale des Échecs), em 20 de Julho de 1924, órgão máximo de organização e difusão do xadrez no mundo. Por este motivo, fomos atrás das ocorrências da Federação Internacional de Xadrez e encontramos 34 ocorrências. O verbete “FIDE” encontrou milhares de ocorrências por se tratar de um prefixo comum a muitas palavras da língua portuguesa, e por isso tivemos que descartar essa pesquisa após verificar algumas das ocorrências. O Jornal *O Malho* (RJ) de 11 de Outubro de 1924, noticia que sobre a FIDE, *ficou assim assim constituída a directoria: - Presidente, Dr. A. Ruch; vice-presidente, Léonard R. Rees; thesoureiro, M. Nicolet; secretario, Strick van Linschoten* (O MALHO, 1924. p. 14)<sup>39</sup>. Portanto, além de ser um fato conhecido na comunidade enxadrística brasileira, a criação da FIDE pode ter servido de propulsora para o ímpeto de criação de uma federação brasileira.

### **2.3 O processo e suas tensões na realização dos primeiros campeonatos brasileiro de xadrez**

Como olhar para um documento? Como tirar dele informações que não estão explícitas nos textos? Antoine Prost nos aponta para essas perguntas: de onde vem o documento? Como foi transmitido e conservado? O autor é sincero? Terá razões, conscientes ou não, para deformar seu testemunho? (PROST, 2015, p. 59). É necessário ler os documentos, criar perguntas para ele, observar as respostas que aparentemente eles darão e se preciso criar perguntas à estas respostas. E cruzá-las, se possível com a bibliografia disponível. Esse olhar inquieto e além da superfície nos permite desconfiar e trazer à tona novos questionamentos, como por exemplo as tensões observadas em relação à criação da FBX a partir do Clube Guanabara com outros integrantes da comunidade enxadrística brasileira, que foram citadas parágrafos acima.

---

<sup>38</sup> BN DIGITAL: Excelsior, Outubro de 1929. p. 110. Em: <http://memoria.bn.br/docreader/169072/2100> , acessado em 19/05/2023.

<sup>39</sup> BN DIGITAL: O MALHO, 11 de Outubro de 1924. p. 14 (RJ). <http://memoria.bn.br/DocReader/116300/54682> , acessado em 19/05/2023.

A revista O Malho (RJ), em 19 de Abril de 1924, em seu caderno de Xadrez, fala com tom esperançoso e otimista dos avanços para a criação da FBX e dos futuros Campeonatos brasileiros, onde segundo a publicação será posto à prova o valor dos representantes dos Estados<sup>40</sup>. Inclusive aponta algumas ações que a federação deveria fazer, como embates entre os estados e *matches* internacionais (O MALHO, 1924. p. 48). A coluna de Xadrez da revista O malho, é identificada como Órgão do *Club de Xadrez Guanabara*, o que aponta que a ideia da criação da FBX já estava sendo discutida dentro do referido clube e sendo divulgada no periódico, até como forma de criar uma expectativa e aumentar o interesse na ação.

O então Primeiro Campeonato Brasileiro de Xadrez foi disputado em Outubro de 1924, organizado pela jovem Federação Brasileira de Xadrez, contou com apenas 3 jogadores: João de Souza Mendes Júnior, representando o Distrito Federal (cidade do Rio de Janeiro), Vicente Romano, do Estado de São Paulo e Meyer Lerman, representando o Estado do Rio de Janeiro. Entre outros, o Jornal Correio da Manhã (RJ), noticiou diariamente atualizações sobre o Campeonato, quase diariamente nos seu Correio Esportivo, de 03 a 23 de Outubro, inclusive na primeira matéria dessa série, percebe-se que em 1927 ainda carecia de consolidação prática as novas instituições do xadrez brasileiro. Ainda se relacionava diretamente à Federação com o clube de xadrez do Rio de Janeiro (até porque tinham o mesmo endereço), chamando-a inclusive de Associação:

Vae ser iniciado hoje, na sede da Associação Brasileira de Xadrez (Club de xadrez do Rio de Janeiro) o 1º Campeonato Brasileiro de Xadrez, em boa hora instituído pelo Club de Regatas Vasco da Gama, que oferece ao vencedor uma rica taça de prata. O primeiro campeonato brasileiro de xadrez, que é dirigido pela Associação Brasileira, tem o concurso de três campeões [...] (CORREIO DA MANHÃ, 1927: 08)<sup>41</sup>.

O periódico Gazeta de Notícias de 04 de Outubro de 1927, ao escrever sobre as regras dos confrontos do Campeonato Brasileiro de xadrez, reitera em seu texto a dificuldade de se entender a Federação Brasileira como uma entidade autônoma e independente:

Foi estabelecido o seguinte rigor horário para as partidas do torneio triangular e o match posterior: cinco horas de jogo, começando as partidas às 15 horas, e terminando às 20 horas. Cada enxadrista será obrigado a fazer 40 lances em duas horas e meia e 16 lances nas horas subsequentes. A Associação Brasileira de Xadrez (Clube de Xadrez do Rio de Janeiro) está installada na rua da Carioca n. 10, primeiro andar e em sua séde será iniciado esta tarde o primeiro campeonato brasileiro de xadrez (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1927: 4)<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> BN DIGITAL: O MALHO, 19 de Abril de 1924. p. 48 (RJ). <http://memoria.bn.br/DocReader/116300/53009>, acessado em 19/05/2023.

<sup>41</sup> BN DIGITAL: CORREIO DA MANHÃ, 03 de Outubro de 1927. p. 8 (RJ). [http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_03/32027](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_03/32027), acessado em 20/05/2023.

<sup>42</sup> BN DIGITAL: GAZETA DE NOTÍCIAS, 04 de Outubro de 1927. p. 4 (RJ). [http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_05/23705](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_05/23705), acessado em 20/05/2023.

O primeiro campeonato brasileiro de xadrez foi então disputado por apenas três atletas, representando três estados, sendo um deles o Distrito Federal, na mesma cidade do representante do Estado do Rio de Janeiro. Geograficamente podemos afirmar que só houve representante de duas cidades distintas, o que restringe bastante a amplitude de um campeonato que se diz Brasileiro. Porém, a existência de uma federação, regras fixas<sup>43</sup>, torneios que sigam essas regras, e oferecer uma Taça de Prata como premiação ao vencedor, faz com que esse tenha sido um marco da esportivização do xadrez no Brasil.

Na disputa das partidas, João de Souza Mendes Júnior sagrou-se campeão, após o emparelamento triangular dos participantes, e depois de vencer um match de seis partidas contra o Vice-campeão, Túlio Romano.

No ano seguinte, em 1928, o título brasileiro foi decidido por um match entre o atual campeão e o desafiante, Walter Oswaldo Cruz, com 18 anos na época e filho do famoso cientista brasileiro, Oswaldo Cruz. O Vice-campeão de 1927, Túlio Romano desistiu de ir ao Rio de Janeiro disputar a vaga para desafiar o campeão. Souza Mendes e Walter Cruz empataram o match de 10 partidas, porém Souza Mendes manteve-se campeão, pois assim ditava o regulamento, em caso de empate (COSTA, 2009).

Segundo Costa (2009), João de Souza Mendes Júnior, após a sua manutenção do título brasileiro em 1928, envolveu-se em outros desafios que não eram reconhecidos pela FBX, e em Julho de 1929, ocorreu o match válido pelo título nacional. Afirmado assim que a autoridade da Federação Brasileira de Xadrez estava se consolidando no cenário enxadrístico nacional:

Logo após a conquista do título de 1928, João de Souza Mendes Júnior manifestou interesse de colocá-lo em jogo contra o campeão Paulista Vicente Túlio Romano, mesmo sem autorização da Federação Brasileira de Xadrez. No início de 1929, os dois chegaram até marcar para março o match pelo cetro nacional. Porém, em fevereiro, Túlio Romano desistiu. Acabou vindo de São Paulo o forte enxadrista Manuel Madeira de Ley. O Match entre Souza Mendes e Madeira de Ley foi realizado de 15 a 21 de março, no Rio de Janeiro, em quatro partidas. Souza Mendes venceu com facilidade por 4 a 0. Embora tenha posto o título em jogo, Mendes não deveria perdê-lo se acontecesse sua derrota, porque a FBX reiterou que a disputa não era legal (COSTA, 2009: 20).

A disputa oficial pelo título, organizado pela Federação Brasileira de Xadrez, ocorreu em julho de 1929, entre Souza Mendes e o desafiante do ano anterior, Walter Cruz. O

---

<sup>43</sup> O Jornal do Brasil (RJ), de 13 de Agosto de 1927, publicou o regulamento do Campeonato brasileiro que ocorreria no mês seguinte. (BN DIGITAL: JORNAL DO BRASIL, N° 192. 1927. p.13 (RJ)). Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_04/57942](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_04/57942) , acessado em 20/05/2023.

campeão manteve o título por 5 a 2 conquistando seu terceiro título de campeão brasileiro de xadrez.

Waldemar Costa (2009) cita que durante a primeira metade da década de 1930, havia outro campeonato efervescente no Distrito Federal, organizado pelo Clube de Xadrez do Rio de Janeiro, que chamava-se Prova Clássica Caldas Viana, e que era, pelos dados citados por Costa, muito mais prestigiada do que a disputa pelo título da Federação Brasileira de Xadrez. Costa aponta o número de participantes das edições deste torneio, como mais de 50 participantes em 1931<sup>44</sup> e 46 em 1933<sup>45</sup>. E que até participantes de estados longínquos como o Ceará tinham representantes (COSTA:2009. p. 30). Isso mostra parte do processo de consolidação que o título de Campeão Brasileiro passava, e de como a Federação Brasileira de Xadrez foi construindo sua autoridade como instituição maior do xadrez nacional.

Foram encontradas 204 ocorrências do verbete “*prova clássica Caldas Vianna*”, nos acervos da Biblioteca Nacional Digital no recorte 1930-1939, e a verificação deles nos deu um panorama deste importante torneio realizado nos anos 1930. Em 1937 identificamos uma queda no número de inscritos, para 24 participantes<sup>46</sup>. O torneio Caldas Vianna era considerado o principal certame brasileiro no incipiente circuito enxadrístico brasileiro, como podemos ver em algumas ocorrências, como no Diário de Pernambuco (estado geograficamente longínquo do Distrito Federal, mas que enviara participante à Prova Clássica, seu campeão estadual Gilberto Câmara) em 10 de Dezembro de 1933:

Embora não tenham chegado, até o momento de escrevermos estas linhas, as derradeiras notícias sobre a prova máxima do xadrez nacional, podemos no entanto adeantar - talvez mesmo afirmar - que nos palpita ser Ademar da Silva Rocha, o enxadrista que vai ter, este ano, a sensação de vêr seu nome inscrito na taça que é o troféu de glória da “Prova Clássica dr. Caldas Vianna” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1933: 9)<sup>47</sup>.

A taça da Prova Clássica dr.Caldas Vianna era uma premiação simbólica que era muito valiosa e disputada, essa informação adiciona um objeto de consagração social advindo de uma atividade esportiva organizada e aceita por seus pares, como todo esporte socialmente consolidado, institucionalizado e dotado de história esportiva própria.

---

<sup>44</sup> “Trata se de uma das mais brilhantes competições de xadrez a que nos é dado assistir”. BN DIGITAL: O ESTADO, Ed. 5675, 27 de Agosto de 1932. p. 1 (SC). [http://memoria.bn.br/docreader/098027\\_03/4164](http://memoria.bn.br/docreader/098027_03/4164), acessado em 12/06/23.

<sup>45</sup> BN DIGITAL: DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Nº 02095. 08 de Outubro de 1933. p. 13 (RJ). [http://memoria.bn.br/docreader/093718\\_01/16512](http://memoria.bn.br/docreader/093718_01/16512), acessado em 12/06/2023.

<sup>46</sup> BN DIGITAL: CORREIO PAULISTANO, Ed. 25025, 10 de Outubro de 1937. p. 29 (SP). [http://memoria.bn.br/DocReader/090972\\_08/20865](http://memoria.bn.br/DocReader/090972_08/20865), acessado em 12/06/2023.

<sup>47</sup> BN DIGITAL: DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Ed. 281, 10 de Dezembro de 1933. p. 9 (PE). [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_11/10522](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/10522), acessado em 13/06/2023.

Não houve realização do campeonato brasileiro de xadrez nos anos 1936 e 1937, e Waldemar Costa atribui isto ao fato da instabilidade política do período e da prisão do então campeão brasileiro Tomás Pompeu Accioly Borges, perseguido e preso pela ditadura Vargasista de março de 1936 a junho de 1937 (COSTA: 2009. p.32). Preparando o Campeonato Brasileiro de 1938, vencido por Walter Oswaldo Cruz, a FBX resolveu reformular o regulamento do campeonato brasileiro, tornando-o agora um campeonato mais robusto, com um torneio que o antecede, juntando mais atletas da elite do xadrez nacional (embora ainda centrado nos atletas da cidade do então Distrito Federal) , tornando a disputa mais ampla e forte:

De acordo com as novas normas, a entidade abriu inscrições para o Torneio Nacional de Seleção a todos os enxadristas que já tivessem obtido o título de campeão brasileiro e campeão estadual. Além disso, a FBX teria o poder de convidar jogadores de reconhecida força para completar o número mínimo de participantes. Os dois primeiros colocados desta competição jogariam um match de dez partidas pelo título de campeão brasileiro. Os classificados foram Walter Cruz e Otávio Trompowsky.

O Torneio Nacional de Seleção foi realizado em Janeiro e Fevereiro de 1938, em dois turnos, com oito participantes (sete do antigo distrito federal, atual município do Rio de Janeiro): Souza Mendes (ex-campeão brasileiro), Otávio Trompowsky (campeão carioca de 1931), Joaquim de Almeida Pinto (campeão carioca de 1936), Walter Cruz e Ademar da Silva Rocha, que dividiram o título carioca de 1937. Os outros três concorrentes foram convidados pela FBX.

Novamente, fortes enxadristas de outros estados não se inscreveram (COSTA: 2009: 32).

Este novo modelo, contando com um Torneio Nacional de Seleção continuou, e em 1939 já contava com 10 participantes, e contou com um participante campeão estadual do Estado de Minas Gerais, Jaime Moses. Apontamos este aumento simbólico como parte de um lento movimento de consolidação do certame organizado pela FBX como campeonato brasileiro oficial.

O primeiro campeonato brasileiro feminino de xadrez foi realizado somente 30 anos após o certame nacional masculino ser iniciado. A campeã foi a enxadrista paulista Dora Rúbio (1930-1981), que viria a ser tetracampeã brasileira, em 1962.

Na biblioteca nacional digital, ao fazer a pesquisa pelo verbete “*campeonato brasileiro feminino de xadrez*”, encontramos apenas dezenove ocorrências no recorte temporal do ano do primeiro campeonato, 1950-1959, das quais, nove datam 1958, o segundo campeonato brasileiro feminino de xadrez, e apenas dez versam sobre o primeiro campeonato, ocorrências resumidas a dois periódicos: A Gazeta Esportiva (SP) e O Correio da manhã (RJ). Uma discrepante diferença com as 62 ocorrências que surgem ao se pesquisar



apenas “*campeonato brasileiro de xadrez*”, no recorte 1920-1929, que é o recorte do primeiro campeonato brasileiro de xadrez.

A Gazeta Esportiva (SP), de 29 de Abril de 1957 noticiava: *Programado para o dia 6 de maio o Campeonato Brasileiro de Xadrez*. E dava informações importantes sobre o acontecimento:

Por determinação da Confederação Brasileira de Xadrez, a Federação Paulista de Xadrez realizará, com o patrocínio do Clube de Xadrez de São Paulo, a partir do dia 6 de maio próximo, na sede da veterana entidade, à rua 24 de Maio, 250, 4º andar, O Campeonato Brasileiro Feminino de Xadrez, certame este de magna importância e que servirá para a indicação, da representante brasileira ao torneio zonal sulamericano, para o Campeonato Mundial feminino (GAZETA ESPORTIVA. 1957:11).<sup>48</sup>

#### **2.4 O MEQUINHO: a trajetória enxadrística de Henrique da Costa Mecking, o melhor atleta que o Brasil revelou**

Até 1965 já tinham sido organizados trinta e um campeonatos brasileiros de xadrez. E neste ano, um adolescente de 13 anos venceu o campeonato nacional absoluto. O prodígio chamava-se Henrique Mecking, Mequinho. Gaúcho de Santa Cruz do Sul, passou a infância entre as cidades de São Lourenço do Sul e Pelotas. Aos onze anos ganhou o campeonato Pelotense, aos 12 o campeonato gaúcho, aos treze o Campeonato Brasileiro e dois anos depois sagrou-se campeão Sul-americano de xadrez. Sua ascensão foi tão meteórica, que aos vinte anos recebeu o título de Grande Mestre Internacional - o primeiro brasileiro a obter o título! e aos 22 classificou-se para jogar o *torneio de candidatas*, que classifica o vencedor para disputar o título mundial. Nenhum outro brasileiro até hoje se classificou para tal torneio. A importância que Mequinho teve para o xadrez brasileiro é, portanto, imensurável. No recorte 1960-1969 encontramos dezenas de matérias sobre o prodígio brasileiro em oito estados diferentes da nação.

A Revista do Esporte (RJ) em 1965, publicou matéria de duas páginas com as manchetes “O gaúcho Henrique da Costa Mecking (MEQUINHO) é a nova sensação do esporte brasileiro” e “Garoto de treze anos é mestre do Xadrês”. Contando um pouco da história do jovem e chamando-o de novo Rei do xadrez brasileiro<sup>49</sup>.

Henrique Mecking, um menino de 13 anos de idade, que acaba de se tornar nacionalmente conhecido pelo apelido familiar de Mequinho, é o novo Rei do xadrez no Brasil. Obteve o título no XXXII Campeonato Brasileiro de Xadrez, realizado recentemente no Rio, com apenas uma derrota para o

<sup>48</sup> BN DIGITAL: GAZETA ESPORTIVA, 29 de Abril de 1957. p. 11 (RJ).  
<http://memoria.bn.br/DocReader/104140/21391> Acessado em 26/05/2023.

<sup>49</sup> BN DIGITAL: REVISTA DO ESPORTE, Nº 337. 1965. p. 22 (RJ).  
<http://memoria.bn.br/DocReader/144118/16105> Acessado em 26/05/2023.

septuagenário Souza Mendes, que já havia sido sete vezes campeão brasileiro (REVISTA DO ESPORTE, Rio de Janeiro. 1965: 22).

A revista ainda traz a feliz comparação dos resultados do prodígio com dois ex-campeões mundiais que também tiveram ascensão precoce:

Casos semelhantes ao do menino Henrique Mecking são poucos no mundo, não ultrapassando meia dúzia. Dois são muito conhecidos: o do norte-americano Robert Fisher, que aos 15 anos foi campeão dos Estados Unidos, e do cubano Raul Capablanca, que foi campeão de Cuba quando tinha 14 anos de idade. Fisher é um dos mestres do xadrez no mundo, enquanto Capablanca chegou a conquistar quatro campeonatos mundiais (REVISTA DO ESPORTE, Rio de Janeiro. 1965: 22).

No auge de sua carreira, em 1978, quando já havia disputado duas vezes o torneio de candidatos ao título mundial e alcançar o posto de terceiro jogador mais forte do mundo no ranking FIDE, ficando atrás de Victor Korchnoi e Anatoly Karpov, Mequinho precisou se afastar dos tabuleiros pois foi acometido por uma doença denominada miastenia gravis, que o debilitou muito e interrompeu a sua carreira incrivelmente meteórica. Mequinho era apontado por muitos especialistas como um grande nome para conquistar o título mundial.

Mequinho ser gaúcho, e ter passado a infância e começo da adolescência na região de Pelotas, onde está inserida a cidade de Jaguarão (que será o recorte geográfico do nosso próximo capítulo) pode ter servido de combustível para os jogadores das décadas imediatamente posteriores à sua ascensão. E tentaremos responder essa pergunta posteriormente, ao analisarmos a história do xadrez local, com entrevistas a indivíduos que estiveram envolvidos com xadrez no período subsequente ao da popularização de Mequinho.

Mequinho inaugurou a lista de Grandes Mestres de Xadrez Brasileiros, que hoje conta com 14 nomes além dele. São eles: Alexandr Fier, André Diamant, Darcy Lima, Evandro Barbosa, Everaldo Matsuura, Gilberto Milos, Giovanni Vescovi, Felipe El Debs, Jaime Sunye Neto, Krikor Mekhitarian, Luis Paulo Supi, Rafael Leitão, Renato Quintiliano e Yago Santiago. Além dos 15 Grandes Mestres, vários Mestres Internacionais (MI) estão na disputa para completarem as normas para a titulação de GM.

Entre as mulheres, o Brasil possui 2 FM (Mestre FIDE, titulação absoluta entre homens e mulheres), Juliana Terao (Atual Campeã Brasileira) e Julia Arboledo. As duas também possuem o título de Mestre Internacional Feminina (WIM). Além delas, mais sete atletas femininas do xadrez brasileiro possuem o título de WIM, a saber: Tatiana Ractu, Kathie Librelato, Vanessa Ebert, Tatiana Break, Maria de Oliveira, Larissa Ichimura e Joara Chaves<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> Segundo dados oficiais da FIDE. Em: <https://ratings.fide.com/>

### **3. A HISTÓRIA LOCAL DO XADREZ E SEU AUGE ENQUANTO ESPORTE (JAGUARÃO/RS, 1987-1993)**

Começamos com algumas perguntas. Qual é a história do xadrez jaguarense? Esta prática teve papel de destaque no cenário regional? Como o esporte se organizou nesta cidade? Qual seu auge? Principais nomes? Seu declínio?

Estas perguntas fazem-se necessárias visto que não encontramos publicações acadêmicas que respondam-nas. Nem trabalhos acadêmicos sobre esta temática, na cidade de Jaguarão. Como tentamos responder desde o primeiro capítulo como o xadrez organizou-se enquanto esporte mundial, e nacional (no segundo capítulo), agora revisitamos esta questão no âmbito local, enquanto organizamos parte da história do xadrez neste recorte geográfico. Já sabemos que o xadrez se torna esporte durante um processo de esportivização, advento da modernidade, e que o auge desse processo se dá na segunda metade do século XIX, também período onde o xadrez começa a ser praticado com mais intensidade teórica, no Brasil, inclusive sendo compatível os períodos de criação da FIDE e da FGX, como vimos. Em Jaguarão o xadrez já chega com status de uma prática consolidada no cenário esportivo mundial, e quais foram as experiências municipais que compreendem um processo local de instalação de um esporte?

#### **3.1 Reunindo o que se sabe sobre a história do xadrez jaguarense: principais nomes e lugares da prática nesta cidade**

Jaguarão, no extremo sul do Rio Grande do Sul, fronteira com Uruguai, cuja história data 1802, no contexto das disputas territoriais entre as coroas portuguesa e espanhola pelas delimitações das fronteiras. Cidade com 26.500 habitantes, segundo censo de 2020, Jaguarão está situada a 390 quilômetros de Porto Alegre e a 418 quilômetros de Montevidéu.

É a partir de um acampamento militar, a gênese da povoação desta terra. Não é possível afirmar que já havia prática de xadrez nos primórdios dessa povoação, não é de nosso conhecimento nenhum registro deste jogo no século XIX jaguarense. Queremos aqui neste capítulo pontuar, sim, a história do xadrez neste município, mas sem intenção de dizer quando o primeiro tabuleiro foi montado. Mas apontar fatos importantes sobre essa história até chegar um período áureo desta prática, e procurar sinais de profissionalismo, que remeta à constituição histórica do xadrez enquanto esporte, no município de Jaguarão.

Ao realizar uma pesquisa básica sobre xadrez em Jaguarão, nos sites de buscas, nos deparamos, de forma majoritária, com o blogue Confraria dos Poetas de Jaguarão<sup>51</sup>, e também outros locais, como o site do Instituto Federal Sul Rio-grandense de Jaguarão (IFSUL) que é grande fomentador do xadrez em ambiente escolar.

Mas foi no blogue *Confraria dos Poetas de Jaguarão*, que parte da história do esporte no município está registrada. Aos olhos de um observador protagonista de parte desse processo: o escritor e enxadrista, Jorge Luiz Neves dos Passos. No referido blogue, encontram-se nomes da história do xadrez jaguareense, equipes, partidas e poesias, dando-nos informações diversas para começar o trabalho de pesquisa.

Na postagem “XADREZ- Uma Equipe quase invencível !”<sup>52</sup>, de 26 de agosto de 2010, Passos nos agracia com uma bela poesia e a dedica aos participantes do xadrez jaguareense aos quais ele dividiu experiências durante o período de efervescência do xadrez presencial em Jaguarão, a saber são eles: Jorge e Aldo Pagliani, Álvaro Lopes, Meroni, Cassuriaga, Pepe, Carlos Azambuja, Cuello, Paulo Dutra, Luis Garcia, Vilmar, Rudi, Cleber, Deco, Derly, Tomate, Mário Cerqueira, Don Angel, João Batista, El Comissário Garcia, Helenilton, Guzmán, Ismael e Laerte, Telmo Caetano, Vaca, Mauro, Joaquim Vitória, Fabrício, Valdir Balbi de Castro, Capitão Wolff e Arno Raab.

Por essa lista, já percebemos que havia uma comunidade significativa de jogadores que se encontravam presencialmente para a prática do jogo dos reis. Na coluna do dia 8 de Junho de 2015, do blogue Fronteira Meridional, Jorge Passos escreve sobre a figura ítalo-jaguareense Jorge Pagliani (1913-2015), que falecera dias antes.<sup>53</sup>

Jorge Pagliani, italiano que veio para o Brasil em 1926, era sobrinho do Padre Humberto Pagliani, que aqui vivia desde 1915, e cujo nome ficou imortalizado em Jaguarão na Escola Municipal Padre Pagliani. Aqui foi fundada, em 1932, a Sociedade Ítalo Brasileira Giuseppe Garibaldi, situada na Rua XV de Novembro, 924 (FIGURA 1). Em 1942 (um ano antes da criação da FGX<sup>54</sup>), segundo Passos (2015), o prédio foi doado ao Esporte Clube Cruzeiro, onde funcionou um Departamento de Xadrez; Este é o primeiro local que se tem notícia de prática de xadrez em um ambiente próprio para isso, em Jaguarão. É lá que se pode apontar que reunia-se o mais antigo grupo de entusiastas do xadrez jaguareense.

---

<sup>51</sup> Disponível neste link: <https://confrariadospoetasdejaguarao.blogspot.com/>

<sup>52</sup> Poema composto e publicado por Jorge Passos. Em: <https://confrariadospoetasdejaguarao.blogspot.com/2010/08/xadrez-uma-equipe-quase-invencivel.html>

<sup>53</sup> <https://fronteirameridional.blogspot.com/2015/06/coluna-gente-fronteirica-jorge-pagliani.html>

<sup>54</sup> Federação Gaúcha de Xadrez, criada em 30 de Dezembro de 1943, com sede em Porto Alegre, segundo aponta o site da instituição no link: <https://fgx.org.br/wp/estatuto-2/>



Figura 1. Antigo imóvel na Rua XV de Novembro, 924. Onde foi situada a Sociedade Italo-brasileira Giuseppe Garibaldi, em 1932, e onde posteriormente sediou o primeiro lugar de prática de xadrez em forma de clube, na cidade de Jaguarão. Autor: Giovane Alves Lima.

Provavelmente antes disso, podemos pensar que eram realizados encontros enxadrísticos em residências privadas. Nomes como os já citados Jorge e Aldo Pagliani, Alvaro Lopes, Rodolfo Meroni, Cassuriaga, Carlos Eugênio Azambuja e outros encontravam-se para a prática neste primeiro local.

Ao ler os artigos de Passos, percebemos um certo destaque nas atuações competitivas de Luis Garcia, indivíduo Uruguaio, mas com muitas conexões familiares e emocionais com Jaguarão, e também dele mesmo, Jorge Passos em um certo período da história enxadrística municipal. Outro jogador que se destacava nesta época era o Carlos Cardoso, conhecido como Tomate, que já conhecíamos, do convívio na cidade, portanto foi de mais rápido contato. Carlos, que formou-se no curso de História da Universidade Federal do Pampa, hoje atua como professor na rede municipal.

Elaboramos um questionário (Anexo 1), que abordasse questões cujas respostas dessem margem às subjetividades dos indivíduos que as respondem. Para que nessas respostas surgissem as questões centrais ao capítulo, e outros pontos que julgamos importantes para analisar as complexidades do contexto histórico deste esporte no município. Por virtude de diversos pontos que dificultaram o encontro com os entrevistados escolhidos, de forma presencial, foi acertado que as perguntas seriam enviadas por aplicativos de mensagem, e que eles responderiam da forma que sentirem-se mais confortáveis, pela via escrita ou por respostas de áudio.

Os três entrevistados são: Carlos Hermelino Marques Cardoso, Luis Alberto Garcia Silveira e Jorge Luiz Neves Passos. São jogadores que tiveram destaque na prática enxadrística jaguareense, e que obtivemos contato.

A utilização dos aplicativos de mensagem instantâneas é uma ferramenta nova no que concerne à coleta de dados para a pesquisa científica. Encontramos alguns artigos que utilizam deste recurso, como: *O uso do WhatsApp enquanto ferramenta de pesquisa na análise das práticas profissionais da enfermagem na Atenção Básica* (VÁRIAS, 2019)<sup>55</sup>, que não só utiliza o WhatsApp como ferramenta de coleta de dados, mas também como metodologia qualitativa de análise de grupo, para tentar entender as necessidades de um grupo de enfermeiros. Não encontramos, em nossa pesquisa, trabalhos no Campo da História que utilizaram estas ferramentas, mas é provável que uma pesquisa mais longa descubra algumas experiências acadêmicas com aplicativos de mensagens entre historiadores.

Em nossa aplicação, neste trabalho, pensamos que ao responder via whatsapp carrega especificidades que não teríamos em um encontro presencial gravado, ou em um documento formal respondido por escrito. A subjetividade do entrevistado ao responder, supera as que ele carrega enquanto simples portador de memórias, mas também estão presentes nesse contexto, o acesso quase que muitas vezes contínuo do Whatsapp durante o dia. Podendo assim as respostas serem pensadas durante momentos diferentes da rotina do entrevistado. E essas nuances foram percebidas nas respostas dos três indivíduos, que produziram texto totalmente distintos.

Carlos Cardoso que respondeu por via textual, produziu respostas práticas, sucintas e incisivas. Correspondendo com a rotina exaustiva que informara.

Jorge Passos também respondeu por via de texto, porém elaborou as respostas de uma forma que contivessem mais informações e detalhes, mesmo tendo que respeitar as formalidades da linguagem escrita, que não permitem perceber entonações do momento, como seria em resposta por áudio.

Luis Garcia respondeu através de várias mensagens de áudio, de tamanhos variados, conforme sua memória e sentimentos o controlavam. E estas mensagens vieram carregadas de informações sobre pontuais sobre as perguntas, mas também trouxeram relatos mais profundos da sua experiência enquanto atleta do xadrez e sua convivência na comunidade enxadrística jaguareense. O que evidencia que certas nuances em relação à utilização de aplicativos de mensagens instantâneas como o Whatsapp.

---

<sup>55</sup> Mnemosine Vol.15, nº1, p. 242-264 (2019) – Parte Geral - Artigos. 264 Claudia Cristiane Vivot; Solange L'Abbate; Cinira Magali Fortuna; Daniele Pompei Sacardo; Maristel Kasper.

A escolha das perguntas deu-se após o desenrolar da pesquisa que gerou os textos dos capítulos 1 e 2, percebemos importante descobrir desde as primeiras perguntas, os nomes daqueles que constituíram esta história, a estrutura de estudo e competições que estes atletas envolveram-se. Buscando responder dois questionamentos iniciais: a) Houve um período auge do xadrez em Jaguarão, com certo destaque regional ou estadual? b) Houve profissionalismo nessa prática do xadrez, em Jaguarão? Partindo da constatação do presente, onde não há destaque, nem atletas jaguarenses profissionais de Xadrez.

Pontuamos também uma questão sobre a possível influência do Henrique Mecking (Mequinho) no xadrez jaguarense, tentando responder o tamanho da importância que o grande mestre gaúcho, destaque nacional e mundial na década de 1970, exerceu sobre os jogadores que vieram após dele, em Jaguarão.

Essa pergunta divide opiniões entre os entrevistados. Carlos Cardoso responde que: *“para mim não teve influência nenhuma porque o intercâmbio de jogadores era local, mas depois que o nosso campeão recebeu o apelido de Mequinho despertou o interesse de conhecer a história desse grande jogador.”*

Já Luis Garcia enxergou com ares de esperança ao dizer que: *“E a influência no Xadrez, do Mequinho, eu acho que, do Henrique Mecking, eu acho que grande né. Acho que ele dava aquela imagem de que um brasileiro, um cara que até era gaúcho né? Que era de uma cidade pequena, ai de Pelotas. Acho até que ele foi morar em Pelotas depois, mas eu acho que ele era até de uma cidade mais pequena ainda. Isso fez possível que a gente pensasse, ou sentisse que era possível para qualquer um de nós ser um jogador de elite.”*

Mas ambos citaram o fato de que o atleta Jorge Passos, recebeu o apelido de mequinho (inclusive o utiliza até hoje) por seus excelentes desempenhos no tabuleiro.

O que podemos concluir é que direta ou indiretamente, a ascensão do Henrique Mecking à posição de destaque mundial do xadrez, foi de grande influência para os membros da comunidade enxadrística local. Visto que mesmo num período onde a transmissão de informação ainda era lenta e invariavelmente mais escassa, ainda assim ficou de conhecimento destes quem era Mequinho e seus feitos no jogo dos Reis.

Em relação à presença feminina nos capítulos, após o recorte sobre a história do surgimento e evolução da peça Dama (ou Rainha) no tabuleiro, do destaque da grande mestra húngara, Judit Pólgar e das informações sobre os primeiros campeonatos brasileiros femininos de xadrez, nos questionamos se havia presença de mulheres no contexto do xadrez jaguarense. A resposta recebida dos entrevistados foi de que não era de conhecimento deles

que haviam mulheres jogando no período em que estes estiveram participando do cenário municipal. Que encontravam presença feminina em competições grandes fora da cidade, mas que aqui não havia nenhum nome participante desta comunidade local. Essa ausência, embora não tenha sido investigada durante o trabalho, se faz importante citar, pois aponta outros direcionamentos para outras pesquisas.

Após o recebimento das respostas ao questionário, que gerou muitos questionamentos, a pesquisa recebeu um novo conjunto de fontes que somaram imensamente ao trabalho, inclusive trazendo muitas respostas aos nossos principais questionamentos. O entrevistado Jorge Passos cedeu-nos seu acervo particular de recortes de jornais sobre os destaques do xadrez jaguarense, recortes estes que formam uma fonte riquíssima de material de análise para as perguntas que queremos responder, e para o surgimento de novas e importantes perguntas. São recortes de jornais jaguarenses em sua maioria, mas também de jornais de destaque estadual, e jornais uruguaios. O que já aponta uma visibilidade estadual e binacional no que se refere a alguns eventos de um recorte temporal específico.

São ao todo cinquenta e um arquivos de imagens. Destas, três são fotos dos jogadores em eventos diversos (Jorge Passos está presente em todas elas com outros jogadores das duas gerações citadas no capítulo, entre eles Jorge Pagliani, Gilberto Cuello e Luis Garcia). As outras 40 são recortes de periódicos e outros materiais do xadrez jaguarense datados do período compreendido entre os anos 1987 e 1993.

Destes, trinta e seis recortes de publicações, encontramos os jornais e seus respectivos números de recortes: A Folha, de Jaguarão, mais antigo jornal em atividade no município (20), o El Dia, de Montevideu (5), Diário da Manhã, de Pelotas (4), Zero Hora, de Porto Alegre (3), Diário Popular, de Porto Alegre (1), Diário do Sul, também de Porto Alegre (1), Jornal O Timoneiro, de Canoas (1) e Gazeta Regional, de Camaquã (1).

Os outros cinco materiais são de divulgações. Dois destes são do Metrópole Xadrez Clube, tradicional clube de xadrez Porto Alegrense. Três materiais são da Associação Cruzeiro Jaguarense, de divulgação de torneios abertos dos anos de 1988 e 1989.

Encontra-se também uma lista da Federação Gaúcha de Xadrez, com os cinquenta atletas enxadristas mais bem ranqueados em Setembro de 1993.

Nesta lista estão 3 atletas que competiam pelas equipes jaguarenses: Jorge Luiz Neves Passos (rating 2149, ocupando a oitava colocação no estado do Rio Grande do Sul), Luis Alberto Garcia Silveira (rating 2103, 16º colocação) e Paulo Dutra da Silva (rating 1972, ocupando a 46º colocação estadual).



SET/93

**FEDERAÇÃO GAÚCHA DE XADREZ**  
Listagem dos 50 Top's  
Jogadores em ordem de rating

| Pos | Nome Completo do Jogador          | Cidade           | Rating |
|-----|-----------------------------------|------------------|--------|
| 01  | FRANCISCO RICARDO TERRES TROIS    | CANOAS           | 2395   |
| 02  | PAULO SERGIO DE CASTRO OLIVEIRA   | RIO GRANDE       | 2244   |
| 03  | FRANCISCO HORACIO DEJEANNE        | ITAQUI           | 2220   |
| 04  | ROBERTO WILSON KAMPITZ            | PASSO FUNDO      | 2202   |
| 05  | PAULO CALLIARI                    | CAXIAS DO SUL    | 2188   |
| 06  | ANTONIO ROGERIO P. TAVARES CRESPO | PORTO ALEGRE     | 2178   |
| 07  | ANDRE HENRIQUE LEMOS DE FREITAS   | CANOAS           | 2169   |
| 08  | JORGE LUIZ NEVES PASSOS           | JAGUARAO         | 2149   |
| 09  | RICARDO BASTOS MACHADO            | PORTO ALEGRE     | 2146   |
| 10  | GIN DEXHEIMER                     | PORTO ALEGRE     | 2135   |
| 11  | EDUARDO DANTE DE CALATAYUD        | PORTO ALEGRE     | 2129   |
| 12  | GILBERTO ANTONIO KLEIN            | CAXIAS DO SUL    | 2128   |
| 13  | EDUARDO RIVEIRA PALMEIRA FILHO    | PORTO ALEGRE     | 2123   |
| 14  | DANIEL DIANO                      | SANTA V. PALMAR  | 2119   |
| 15  | SERGIO ANTONIO P. FERREIRA        | PORTO ALEGRE     | 2104   |
| 16  | LUIZ A. GARCIA SILVEIRA           | JAGUARAO         | 2103   |
| 17  | CARLOS RODRIGUES PEIXOTO          | PELOTAS          | 2096   |
| 18  | FABIO BIDART PICCOLI              | PORTO ALEGRE     | 2090   |
| 19  | JOSE EDUARDO RAMOS DA SILVA       | CACHOEIRA DO SUL | 2085   |
| 20  | MARCIO MERG VAZ                   | PORTO ALEGRE     | 2085   |
| 21  | FABIANO FORTES PRATES             | SAO LEOPOLDO     | 2082   |
| 22  | CARLOS RODRIGUES D'AVILA          | PASSO FUNDO      | 2081   |
| 23  | DANIEL DE AZEVEDO SCHOSSLER       | PORTO ALEGRE     | 2062   |
| 24  | JOAO MANOEL MENNA BARRETO         | PORTO ALEGRE     | 2055   |
| 25  | AUGUSTO DIANA TERRA               | PORTO ALEGRE     | 2053   |
| 26  | TELMO DE MORAES TEIXEIRA          | PORTO ALEGRE     | 2047   |
| 27  | MILON BRASIL                      | PORTO ALEGRE     | 2044   |
| 28  | JORGE PIPPI DE VASCONCELLOS       | PASSO FUNDO      | 2044   |
| 29  | ADO CALSING                       | NOVO HAMBURGO    | 2038   |
| 30  | LUIZ TAKASHI KAJIWARA             | CANOAS           | 2032   |
| 31  | PAULO AIRTON RABUSKE              | ITAQUI           | 2026   |
| 32  | KLEBER RENATO P. ZIMMERMANN       | SANTA MARIA      | 2024   |
| 33  | DILON LUCENA TAVARES              | CANOAS           | 2016   |
| 34  | JORGE HENRIQUE MARX BACKES        | PORTO ALEGRE     | 2013   |
| 35  | LUIZ C. DOS SANTOS MIRANDA        | PASSO FUNDO      | 2010   |
| 36  | ALCINDO BASTOS SILVA FILHO        | RIO GRANDE       | 2006   |
| 37  | EGON CARLI KLEIN                  | PORTO ALEGRE     | 1998   |
| 38  | DAYAN KUHN DESTE                  | PORTO ALEGRE     | 1997   |
| 39  | AIRTON DA COSTA RODRIGUES         | PORTO ALEGRE     | 1996   |
| 40  | ROBERTO S. BIRINDELLI             | PORTO ALEGRE     | 1993   |
| 41  | ELEANDRO DE SOUZA FELJO           | PORTO ALEGRE     | 1991   |
| 42  | SIDNEI BISSACOTT COUTINHO         | CRUZ ALTA        | 1990   |
| 43  | CLAYTON BRITO BORGES              | PORTO ALEGRE     | 1983   |
| 44  | EDEMIR BRESSAN                    | CANOAS           | 1978   |
| 45  | JOAO CARLOS M. JULIANO            | RIO GRANDE       | 1972   |
| 46  | PAULO DUTRA DA SILVA              | JAGUARAO         | 1972   |
| 47  | RUI ARNO RICHTER                  | PORTO ALEGRE     | 1969   |
| 48  | ARTUR ROTBAND                     | PORTO ALEGRE     | 1968   |
| 49  | MARCO ROGERIO BORGES              | CAMAQUA          | 1961   |
| 50  | JOSE LEOPOLDO DEXHEIMER           | PORTO ALEGRE     | 1960   |

Figura 2. Lista dos 50 mais bem ranqueados no Rio Grande do Sul em Setembro de 1993 (Passos, Jorge. Acervo pessoal).

E pra completar recebemos também a notação de 6 partidas, de Jorge Passos contra importantes jogadores da história dos grandes títulos que os jaguarenses obtiveram no período descrito. Partidas anotadas à mão, com as devidas análises em cor vermelha.

O que esse material, que é o acervo individual de uma das testemunhas dessa história pode nos dizer? Quais direções a análise crítica destas fontes vão apontar?

O primeiro cruzamento que chama atenção para pensar estas fontes, são as cidades dos jornais e publicações deste acervo. São seis cidades diferentes, contando com a cidade objeto deste trabalho. Jaguarão, Porto Alegre, Pelotas, Canoas, Camaquã e Montevidéu. As publicações dos materiais brasileiros estão situadas geograficamente entre Jaguarão e Região Metropolitana de Porto Alegre. E os recortes do jornal El Dia, de Montevidéu apontam, por si, que os eventos citados nele - que trabalharemos em seguida - foram deveras importantes para o cenário uruguaio de xadrez, o que caracteriza um papel de destaque jaguarense nessa relação binacional deste esporte, no período.

E essa relação fluída de fronteira, no Esporte, fica clara principalmente nos já citados Gilberto Cuello, Luis Garcia, Vilmar Rienzo, todos de nacionalidade uruguaia, e peças importantíssimas na equipe jaguareense que disputava sempre em condições de títulos, os torneios e campeonatos do período analisado. Essa "mescla", nas palavras de Jorge Passos, enriqueceu muito a qualidade do xadrez jaguareense.

### **3.2 Principais conquistas jaguareenses identificadas**

Ao analisar mais profundamente estas fontes impressas, recebidas do acervo pessoal de Jorge Passos, podemos apontar pelo menos três momentos muito importantes para analisar a atuação jaguareense nos tabuleiros: a vitória no match internacional alusivo aos 45 anos da FGX, com jaguareenses jogando pela seleção gaúcha, em Jaguarão, 1988. O título estadual individual de Jorge Passos, em Canoas, 1989. O título de campeão estadual interclubes por equipe em 1989.

Em 1988, o Mestre Internacional de Xadrez, Francisco Terres Trois, então Presidente da Federação Gaúcha de Xadrez, organizou um match internacional, em comemoração aos 45 anos da FGX. Trois, ao organizar este evento, convidou para jogar junto a ele, representando a Seleção gaúcha de xadrez, os jogadores jaguareenses Jorge Passos, Paulo Dutra e Gilberto Cuello. Além de outros jogadores de destaque no estado: Márcio Vaz, Milon Brasil, Telmo Teixeira, Carlos Peixoto, Soyaux Almeida, Alcindo Silva e Ricardo Müller. O confronto foi realizado nos dias 22 e 23 de Outubro de 1988, na Biblioteca Pública Oscar Furtado de Azambuja, em Jaguarão. A seleção uruguaia era representada pelo Club Brasileiro de Montevideú. Entre nossas fontes que informaram esse evento encontram-se jornais de Jaguarão, Porto Alegre, Camaquã, Canoas e Montevideú. Com essas características percebemos que este evento foi de grande importância na história do xadrez gaúcho e portanto um dos mais importantes eventos de xadrez sediados e organizados em Jaguarão.

O Jornal A folha de 22 de Outubro de 1988, noticia o evento e nos mostra que existia uma estrutura de organização e patrocínios (estes recorrentes nos outros recortes. Seria uma indicação que o xadrez jaguareense gozava de muito prestígio?):

Este encontro é comemorativo aos 45 anos da Federação Gaúcha de Xadrez, é uma promoção da própria federação conjuntamente com o Departamento de Xadrez da Associação Cruzeiro-Jaguareense de Xadrez e o Club Brasileiro de Montevideú, com o apoio do CMD local e Transportadora Mayer. (A FOLHA, 1988; Arquivo pessoal Jorge Passos)

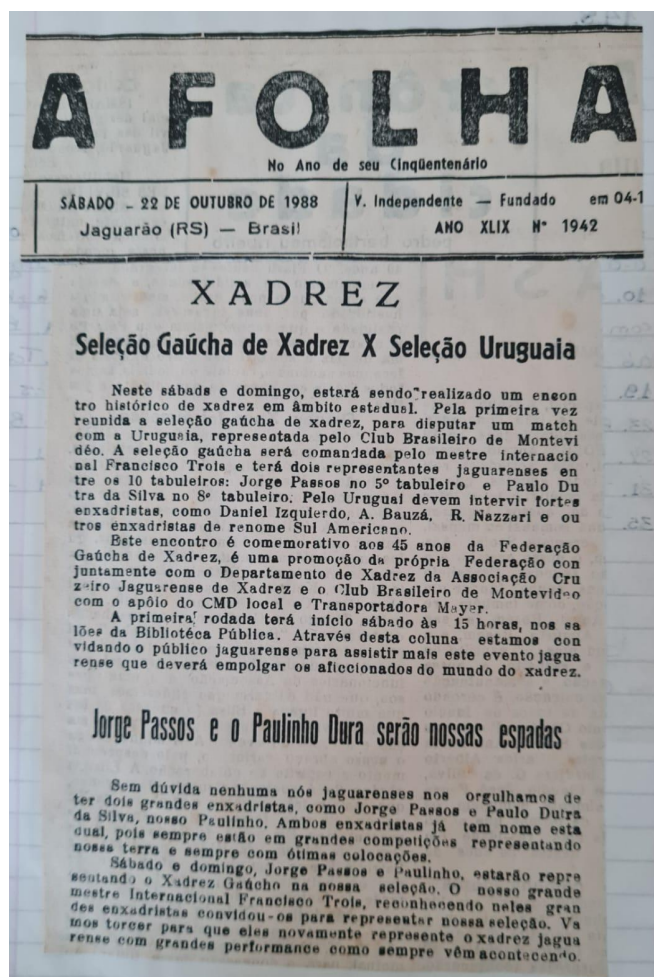


Figura 3. Jornal A Folha, de 22 de Outubro de 1988, o match internacional em destaque e a aposta nos fortes jogadores jaguarenses (Passos, Jorge. Acervo pessoal)..

Se havia um prestígio social em relação à comunidade enxadrística jaguarenses, havia também um grande prestígio em relação à sua força de jogo. O Jornal uruguaio El Dia, de 19 de Outubro de 1988, descreve com muito respeito a força da equipe gaúcha, na matéria que informa sobre o acontecimento do match internacional do dia 22:

En el equipo brasileño estarán presentes los mejores ajedrecistas del sur del Brasil; mientras el Club Brasileiro llevará una fuerte alineación teniendo en cuenta el poderío del equipo adversario. (EL DIA, 1988. Jorge Passos, acervo pessoal).

Na edição do El Dia, de 26 de Outubro, posterior ao acontecimento da primeira parte do confronto, o periódico uruguaio aponta como apertada a vitória brasileira por 11 a 9 (Cada partida vale 1 ponto pela vitória e 0,5 pelo empate) na somatória das duas rodadas da primeira etapa do confronto, e descreve os confrontos e resultados. O match decisivo, jogado na segunda quinzena de Dezembro de 1988 terminou empatado em 10 a 10, o resultado somado ficou 21 a 19 para a seleção gaúcha. Resultado que garantiu o troféu de campeão do

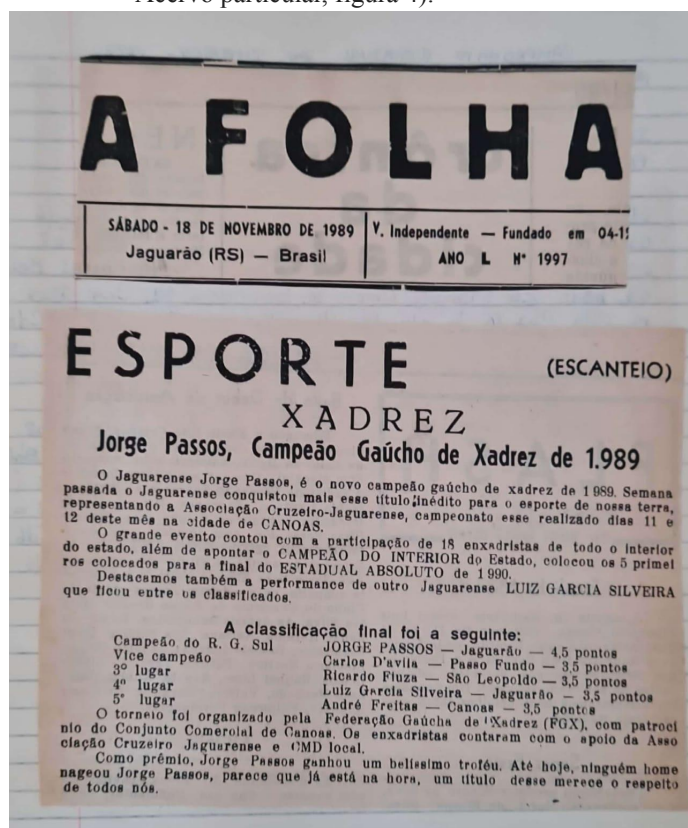
match internacional alusivo aos 45 anos da FGX. O Jornal El Dia, que havia divulgado o confronto, noticiado o resultado do primeiro embate, agora no dia 22 de Dezembro de 1988 noticiava o resultado final do match e também os resultados partida por partida deste segundo e derradeiro encontro.

Em 1889 temos o título individual máximo de um jaguareense, no Xadrez. Jorge Passos, o Mequinho de Jaguarão, conquistou, em 12 de Novembro de 1989, o título de Campeão Estadual do Rio Grande do Sul. Um título inédito e ainda único para o xadrez jaguareense. Segundo o jornal A FOLHA, de 18 de Novembro de 1989, diz sobre o belo evento ocorrido na cidade de Canoas:

O jaguareense Jorge Passos, é o novo campeão gaúcho de xadrez em 1989. Semana passada o jaguareense conquistou mais esse título inédito para o esporte de nossa terra, representando a Associação Cruzeiro-Jaguareense, campeonato esse realizado dias 11 e 12 deste mês na cidade de Canoas.

O grande evento contou com a participação de 18 enxadristas de todo o interior do estado, além de apontar o campeão do interior do estado, colocou os cinco primeiros colocado para a final do campeonato absoluto de 1990.

Destacamos também a performance de outro jaguareense Luis Garcia Silveira<sup>56</sup>, que ficou entre os classificados (A FOLHA, 1989; Passos, Jorge. Acervo particular, figura 4).



CS Digitalizado com CamScanner

<sup>56</sup> Interessante ver como o periódico do período configurou o atleta Luis Alberto Garcia Silveira como jaguareense, ilustrando o nível de interação que este tinha com a comunidade jaguareense, nessa mescla fronteiraça. Gilberto Cuello também participou deste campeonato representando Jaguarão. Cuello e Garcia classificaram-se num torneio zonal, e Jorge Passos classificou-se por ter mais de 2000 pontos de rating.

Figura 4. Com a legenda “Jorge Passos, campeão gaúcho de xadrez de 1,989”, o Jornal A Folha mostra à Jaguarão como o xadrez era um protagonista esportivo em Jaguarão (Passos, Jorge. Acervo Pessoal)

Sobre este título, em conversa com o entrevistado, e pesquisando sobre esse campeonato, não ficou bem resolvido o fato de ter sido campeão do Interior (já um título de muita expressão) ou campeão do absoluto. No site da Federação Gaúcha de Xadrez encontramos uma tabela com os campeões e consta como campeão de 1989, Márcio Vaz. Essa questão carece de mais pesquisa para entendimento geral do funcionamento do circuito de xadrez da FGX neste período, que não estão explícitos nos meios de comunicação da federação.

Ao longo desta pesquisa descobrimos que Jorge Passos, além de nosso maior colaborador, é também nosso maior campeão, do xadrez jaguarense. Além de participar da vitória no match internacional por equipes, em 1988, do título estadual no Interclubes por equipes em 1989, do título jaguarense de campeão estadual do interior por equipes em 1991 e do Vice-campeonato absoluto no mesmo ano, ainda colecionou diversos títulos individuais. Em setembro de 1993, ocupava a 8º colocação na listagem dos jogadores ativos no Rio Grande do Sul com 2149 pontos de rating. A lista era encabeçada pelo Mestre Internacional gaúcho Francisco Ricardo Terres Trois, com 2395 pontos.

O jornal A Folha, de Jaguarão, de 03 de Dezembro de 1988, noticiava o destaque da equipe jaguarense em um importante torneio naquele ano, e citava o jaguarense Jorge Passos como o melhor atleta do campeonato:

A equipe de xadrez da Associação Cruzeiro-Jaguarense, com o apoio do CMD, representando a nossa cidade no XXI JIRGS (Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul), realizado dias 4, 5 e 6 de novembro em Cruz Alta, conquistou o 3º lugar, ganhando assim a medalha de bronze o que corresponde a um ótimo resultado, já que Jaguarão está entre os três melhores do estado.

O jaguarense Jorge Passos foi o melhor tabuleiro do campeonato gaúcho: 1º tabuleiro - Jorge Passos - 4,5 pontos. (A FOLHA, 1988).

Passos informou-nos que em 1990, foi agraciado com a Medalha João Saldanha, no Palácio Piratini, sede do Governo gaúcho, em Porto Alegre. Como melhor desportista do interior do estado do ano citado. Segundo as palavras do próprio Passos:

“...na minha atuação individual, mas representando o clube. Eu acho que o melhor, o maior título que eu tive. Foi ter recebido aquela medalha. Aquela medalha, João Saldanha. Lá no Palácio Piratini. Tá como melhor desportista do interior do estado, táis. Tá? Estavam presentes lá no Tchê. Infelizmente, naquela época não tinha esses celulares e tal e eu não. Eu fui sozinho, não me dei conta de tentar achar um. Achar um fotógrafo, olhei por perto, é? Recebi a medalha junto com o Mazzaropi, que era goleiro do Grêmio, estava outros outros portistas, estavam o foguinho, aquele que era treinador, que era comentarista de rádio. Tinha uns 20 esportistas de todo o estado. Tai,

recebi a medalha lá no Palácio Piratini nas mãos do governador Sinval Guazelli, na época. Tá, deve ter algum registro lá no próprio arquivo, lá da do estado (PASSOS. 2023, mensagem de áudio).”.

Em 1990, Jorge Passos tinha sido o segundo colocado num forte torneio aberto na cidade de Caxias do Sul, que contou com a presença de 112 jogadores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Evento que fazia parte da Festa da Uva daquele ano. o vencedor do torneio foi o catarinense Luiz Nei Mena Barreto, que superou Passos por meio ponto apenas. Passos foi então agraciado com a medalha João Saldanha como melhor desportista do interior do estado.

Ao responder-nos sobre o auge do xadrez em Jaguarão, Passos descreve um momento de atuação profissional plena, onde Paulo Dutra da Silva e ele recebiam recursos financeiros para jogar xadrez:

O auge foi durante os anos de 88 a 93 como está nos registros que te mandei. Em 92 , junto com o Paulo Dutra, fomos convidados a participar na Equipe de Maravilha -SC nos jogos intermunicipais de Santa Catarina. Nessa Equipe, eu era o primeiro tabuleiro, o MI Trois, o segundo, o Paulo Dutra , o terceiro e o quarto era o Godois, forte jogador de Vacaria e professor de xadrez em Maravilha. SC era um estado que apoiava muito o xadrez nas escolas e que estava atingindo já um nível profissional. fomos bem na classificatória do Oeste de SC garantindo lugar na final, que foi em tubarão alguns meses depois. Foi a primeira atuação nossa como profissional, ganhávamos um salário mensal do município catarinense para jogar nessas competições. Na final, partida duríssima que joguei com o forte jogador Rogério Becker (partida que durou mais de 5 horas defendendo uma posição igualada e que acabei perdendo) foi o que me fez dar uma parada no Xadrez de competição. Cheguei no hotel exausto, me olhei no espelho e vi que tinha envelhecido uns 10 anos! (PASSOS, 2023, entrevista em anexo).

Foi muito interessante percorrer essa história do xadrez jaguarense, desde a fase do descobrimento dos nomes de antigos praticantes, locais onde se praticavam xadrez em Jaguarão, até encaixar as peças para descobrir um período auge do esporte no município, onde não sabíamos que nível de destaque esse período auge teria atingido, e por fim descobrimos momentos onde os atletas atuaram de forma profissional, obtendo renda a partir de seus bons resultados, neste esporte, mesmo que esta não tenha sido uma experiência vivida na cidade de Jaguarão.

Nosso maior título por equipes, foram na verdade dois títulos, o estadual interclubes de 1989 e o de Campeão do interior do Rio Grande do Sul em 1991.

Em 01 de outubro de 1989, na cidade gaúcha de Santa Maria, a equipe da Associação Cruzeiro-Jaguarense, representando a cidade de Jaguarão, conquistou o título de Campeã Estadual do Campeonato Interclubes do Rio Grande do Sul.

Segundo matéria do jornal A Folha de 39 de Setembro de 1989, a final aconteceu no Clube Comercial de Santa Maria. O campeonato foi disputado por 10 equipes classificadas e a equipe de Jaguarão foi representada por Jorge Passos, Paulo Dutra, Luis Garcia e Gilberto Cuello. A equipe contou com apoio da Comissão Municipal de Desportes e da Empresa JOTACÊ.

O periódico cita ainda, que de forma concomitante, está sendo realizado no Departamento de Xadrez da ACJ o Campeonato citadino jaguareense de xadrez, com 12 participantes, sob a organização de Vilmar Rienzo, este mais uma peça importante no xadrez jaguareense, lembrado por todos os entrevistados.

Das fontes que recebemos, a que noticia o resultado do campeonato é o Boletim Interno do Metrópole Xadrez Clube, de Porto Alegre, em Outubro de 1989. Clube que também participou deste campeonato e que destaca:

CAMPEONATO ESTADUAL POR EQUIPES: Realizados nos dias 30 de Setembro e 1º de Outubro, em Santa Maria, apresentou o seguinte resultado: 1º lugar Equipe de Jaguarão com 12 ½ pontos; 2º lugar Metrópole Xadrez Clube com 12 p.; 3º Sulpetro de Canoas; 4º Passo Fundo; 5º Soc. São Leopoldo; 6º Santa Maria.

E no dia 07 de Outubro, o jornal A Folha publica a matéria que dá destaque a conquista do título gaúcho pela equipe Jaguareense, publicando a classificação final, a nossa campanha e a atuação individual dos nossos atletas.

Percebe-se que a equipe que se formara na segunda metade da década de 1980, torna-se uma das melhores do estado, quiçá a melhor, neste período de 1987 a 1993. E individualmente estivemos em destaque também, como aponta a listagem dos 50 mais bem ranqueados no Rio Grande do Sul em Setembro de 1993.

Em 1991, esse destaque estadual consolida-se com o título de campeão estadual do interior em 29 de Setembro de 1991, em Novo Hamburgo, com a presença de oito equipes. E vice-campeão absoluto do Rio Grande do Sul neste ano.

A equipe de Jaguarão no período estudado era temida e tida como quase imbatível, ou invencível, como no título do poema (já anteriormente citado, no começo deste capítulo), escrito por Jorge Luiz Neves Passos:

A UN EQUIPO CASI INVENCIBLE  
Cavilando, revolvió con un alfil el café,  
De repente, renunciando el gran ataque  
Sin titubear, exclamó bien alto, casi en pié,

Donde está tu rey pá darle un jaque!  
Al lado, los caballos parecían hacer arcadas,  
Temblorosas manos se hundían en el vacío,  
Damas volaban, el peonaje en lucha encarnizada,  
Asombrosa batalla entre el Maestro y Rock en Rio!  
Al otro costado, olor a pólvora, canñon y dinamita.  
Detrás del muro de piedra, una bala en la cartuchera,  
espetáculo feroz, Paulinho, mirada fija como un Cita,  
Defensor inquebrantable, más que un titán de la frontera!  
Adelante, cual Saladino entrando em Navarra  
Impasible , masacrando y varriendo adversário,  
Veíase a Luis Garcia, el moro con su cimitarra,  
Singrando diagonales, de tablero y mar corsário!  
Fúria desatada, entre lo blanco y lo negro, reyes  
en desespero, avalancha, entrevero, malón!  
Una epopeya, torres tiradas por mil bueyes!  
Se presenta ante ustedes, el equipo de Yaguarón!  
(PASSOS, 2010)<sup>57</sup>



Figura 5. Jorge Pagliani (a esquerda), posa com a equipe muitas vezes temida, do xadrez da ACJ. Da esquerda para direita: Jorge Pagliani, Jorge Passos, Gilberto Cuello, Luis Garcia e Paulo Dutra. (Passos, Jorge. Acervo pessoal).

<sup>57</sup> Disponível no blogue Confraria dos Poetas de Jaguarão, em: <https://confrariadospoetasdejaguarao.blogspot.com/2010/08/xadrez-uma-equipe-quase-invencivel.html>



### **3.3 Jaguarão como destaque estadual no circuito de eventos de xadrez (Aberto da Cidade de Jaguarão e outros torneios)**

No recorte temporal estudado neste capítulo descobrimos também que Jaguarão foi uma das cidades mais importantes do Rio Grande do Sul no que concerne a organização de torneios de xadrez. Cidades como Porto Alegre, Canoas e Santa Maria eram os principais centros do xadrez competitivo, mas entre 1987 e 1992 Jaguarão foi uma força entre eles no que podemos chamar de circuito rio-grandense de xadrez.

Em 1987, aconteceu o 1º Torneio Aberto de Xadrez Cidade de Jaguarão, cujo resultados não encontramos nas fontes identificadas. Mas identificamos pelas fontes que destacaram a segunda edição deste torneio aberto. Temos o folder do torneio, que em sua capa expõe que ele ocorrerá nas datas de 26 e 27 de Março de 1988, os apoiadores (Comissão Municipal de Desporto, Associação Cruzeiro Jaguareense e Federação Gaúcha de Xadrez) e os patrocinadores (Casa do Arroz, Jotacê e Radioluz). É sempre importante citar essa questão de quem apoiava como organização do evento e também quem patrocinava. Pois assim reforçamos a estrutura que fazia a organização física e financeira do xadrez jaguareense.

O Jornal Diário do Sul, de Porto Alegre, em 23 de Março de 1988, em coluna escrita pelo Mestre Internacional Francisco Trois, descreve o segundo torneio aberto de xadrez de Jaguarão:

Será realizado nos próximos dias 26 e 27 de Março na Associação Cruzeiro-Jaguareense - Dr. Alcides Marques, 20. A premiação, patrocinada por JOTACÊ, Rádio Luz e Casas do Arroz, terá um total de Cz\$ 30 mil (12, 8, 5, 3 e 2), mais um troféu para o campeão. A competição se desenvolverá pelo sistema suíço de emparceiramento em 5 (cinco) rodadas, ao ritmo máximo de 1:30 horas para cada jogador. Haverá alojamento gratuito para todos os interessados no Ginásio Municipal Dario de Almeida Neves - o Ferrujão. Inscrições e informações gerais poderão ser obtidas pelo fone 0532-611824, ou no próprio local até às 8:30 de sábado, dia 26. A primeira rodada será às 9:00 horas. A promoção é da A.C.J. - Departamento de Xadrez, com o apoio da C.M.D. e da Federação Gaúcha. PARTICIPE! (TROIS. In: Diário do Sul; 1988).

Percebemos como não era um torneio de foco local, a premiação, a divulgação, o oferecimento de alojamento gratuito, demonstram uma estrutura apta a criar interesse em atletas de todo o estado. E provavelmente dos atletas uruguaios também.

Em 1989, o jornal El Dia, de Montevideu, em 03 de Maio, noticiava o III Torneio Aberto “Cidade de Jaguarão”, a ocorrer nos dias 13 e 14 de maio, nos mesmo moldes e apoios do que citamos acima, do ano de 1988. Cita ainda que quem irá dirigir o torneio será o Mestre Internacional Francisco Trois e que novamente haverá alojamento gratuito no ginásio

municipal. Chegando portanto essa informação aos ávidos jogadores uruguaios, que compareciam em nossa cidade, para a prática deste esporte.

Em 1990 Jaguarão sedia o Zonal de Xadrez, de 25 a 29 de Julho. O Campeonato Zonal de Xadrez, classificava 20 participantes para o campeonato estadual do interior, que vai gerar os atletas que disputarão as finais pelo título absoluto de campeão estadual rio-grandense de xadrez. O periódico Diário da Manhã, de Pelotas, divulga o evento, no dia 27 de Julho, dá diretrizes da modalidade das inscrições e retoma a força do xadrez jaguareense quando cita que, a cidade Jaguarão é atualmente a campeã estadual de xadrez, por equipes, e também detém o título do interior, sendo que seus enxadrezistas tem participado das finais de competições estaduais também na categoria individual (DIÁRIO DA MANHÃ. 1990).

Esses eventos com certeza colocaram Jaguarão na condição de destaque estadual não somente pelos resultados de suas equipes, nem tampouco somente pelos excelentes resultados individuais de seus atletas. Mas tivemos esse destaque na condição de organizadores de torneios e campeonatos de xadrez de nível estadual e binacional.

Após 1993, identificamos um declínio na efervescência do xadrez local. As causas foram questão de pergunta no questionário que aplicamos aos três atletas da fase áurea do xadrez jaguareense, e segundo Luis Garcia:

Eu acho que o xadrez em Jaguarão declinou né, sobretudo porque fechou o departamento de xadrez do Clube Jaguareense, que era o único clube que tinha xadrez oficialmente com jogadores federados. E eu acho que contribuiu, de certa forma que, alguns de nós fomos embora de Jaguarão, não moramos mais... Paulinho Dutra mora em Porto Alegre, é Arquiteto, ele era muito importante. O Jorge Passos até esteve morando em Brasília. Eu mudei para Montevideú, hoje eu sou Psicólogo, estudei em Montevideú, moro em Montevideú. Gilberto Cuello que faleceu. Então acho que aquele grupo que foi campeão do estado, que obteve o melhor resultado, foi embora. Então, a turma que ficou, muitos foram para outros lugares. O Mário Cerqueira viajou para Portugal, mora em Portugal, está estudando lá. Deco Cardoso e Gilberto Cuello morreram. Então, os veteranos já não estão, alguns já não estão vivos também.. Então eu acho que a juventude, não deu tempo de repor ai, que entrasse mais juventude a jogar, então acho que isso, junto com o clube que fechou as portas, acho que aí estão algumas das causas (GARCIA, L. 2023. Em resposta ao questionário semiestruturado).

Apontado como uma das causas do declínio do xadrez jaguareense, o fechamento do departamento de xadrez da Associação Cruzeiro Jaguareense, não encontramos documentação que explique essa passagem. A atual diretoria da Associação foi procurada, e quando perguntamos sobre os arquivos do clube, a resposta foi de que após o desabamento de parte do telhado, em 2011, os arquivos foram perdidos. A ACJ foi peça importante na construção deste período auge do xadrez competitivo em Jaguarão, num período em que este fazia frente em prestígio, com qualquer outro esporte praticado nesta cidade.

A fundação do Clube data o ano de 1881, o prédio foi concluído em 1897, mas foi quase um século depois que o clube tornou os contornos do contexto do recorte deste trabalho. Segundo apontam Melo e Colvero (2018), no ano de 1975 foi realizada uma fusão com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, fundado em 1924 e deste então, após a fusão associativa e patrimonial guarda a denominação atual como Associação Cruzeiro Jaguarense (MELO & COLVERO, 2018: 7).

Foi nesta associação que foi instalado um Departamento de Xadrez, de onde foi organizado grande parte dos eventos deste capítulo, e através do qual o xadrez jaguarense encontrou estrutura física e aporte institucional para se destacar. Podemos destacar esse protagonismo institucional da ACJ com base nas entrevistas, onde foi unanimidade que este local foi a principal casa do xadrez jaguarense. E também nas fontes primárias que recebemos, que apontam o nome da associação em quase todos os eventos, por equipe e individuais. Claro que estamos falando de fontes selecionadas por um único investigado, que as selecionou conforme sua própria subjetividade enquanto agente envolvido neste processo histórico.

Atualmente, na cidade de Jaguarão não existem clubes de xadrez, nem locais comuns onde jogadores se reúnem com frequência para a prática do jogo. Um contexto muito diferente do vivido nos anos finais de 1980. Porém, como contraponto verificamos que existe uma quantidade significativa de jogadores da modalidade online de xadrez na cidade de Jaguarão (principalmente nas plataformas chess.com e lichess.org). Que é uma prática mais da área do lazer. Existem torneios com premiações na modalidade online, mas são torneios reservados a jogadores titulados, ou outros profissionais do esporte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa primeira intenção era pesquisar sobre o xadrez, pra saber mais sobre esse jogo tão histórico e importante. Em seguida veio a vontade de saber sobre a história do xadrez em Jaguarão, minha cidade natal. Descobrimos com a pesquisa que xadrez é considerado um esporte e vendo que esse debate carecia de explicação, colocamos a temática do xadrez enquanto esporte como um dos eixos principais do trabalho. Ao descobrir as condições que configuraram uma prática ao status de esporte, como a esportivização é um processo da modernidade, levamos esse olhar para o xadrez. Quais as estruturas que compõem o xadrez atual? Como eram antes da modernidade? Quais mudanças caracterizam este período? E como elas chegaram até esse ponto? Para isso resgatamos a história do esporte para entender como este se estruturou ao longo de mais de um milênio, e quando que ele começou a se tornar uma prática esportiva profissional.

Para chegar até a cidade de Jaguarão, vimos que primeiro era preciso entender a história do xadrez no Brasil, principalmente quando este se institucionalizou neste país. Aí então partimos para conectar tudo isso com a história do xadrez local, e as experiências dele na cidade que era o objeto inicial da pesquisa. Partindo da pesquisa bibliográfica, que é um tema quase inexistente na historiografia nacional, tivemos que lidar com essa ausência. De um campo que possui bibliografia quase que infinita no que se refere à sua acumulação teórica, passando para às buscas nos periódicos online, indo atrás de cada pista que surgia, passamos à aplicação de questionários semi estruturados, que deram margem a muitas perguntas que carecem de mais fontes e mais análises para obter respostas.

O primeiro capítulo utiliza a bibliografia encontrada (inclusive obras que não possuem edições em português e precisaram ser traduzidas do inglês) para configurar o xadrez como um esporte fruto da modernidade, em comparação com outros exemplos de esportivização do mesmo período, e como ele era antes deste processo, suas principais transformações e como a modernidade o configurou, desenhando como o jogo e os praticantes de elite foram se profissionalizando, até a criação de instituições consolidadas. Conseguimos responder que tipo de organização foi capaz de dar origem ao jogo, como deu-se o desenvolvimento dele através do antigo mundo e como ele chegou à Europa, onde sua versão moderna foi concebida. Descobrimos as primeiras experiências profissionais que se tem registro com a prática do xadrez e também como as instituições que comandam o esporte surgiram e se desenvolveram. E como bônus, conectamos ao longo do capítulo, a

história do desenvolvimento deste esporte com a História, que estava acontecendo durante todo esse processo.

No segundo capítulo, com intuito de trazer o debate da história do xadrez e da consolidação dele como esporte, no Brasil, houve grande dificuldade de encontrar bibliografia sobre este objeto, então partimos para o acervo de periódicos da Biblioteca Nacional Digital, onde ao final do trabalho, já tínhamos analisado em torno de 1000 páginas de verbetes. Os quais nos fizeram centrar grande parte do capítulo na década de 1920, onde o jogo ganhou estruturas, instituições e campeonatos nacionais que foram consolidando-se dentro do cenário do xadrez no Brasil. Conseguimos responder como a principal instituição de organização do Xadrez brasileiro foi criada e como o Campeonato Brasileiro foi criado e as dificuldades que enfrentou para consolidar-se. Por fim trouxemos o destaque que o xadrez brasileiro teve ante o cenário mundial.

Já no terceiro capítulo trouxemos a discussão do xadrez para o contexto da cidade de Jaguarão, Rio Grande do Sul.

Descobrir seus principais nomes, títulos e estrutura. Entender a relevância que este esporte pode ter tido neste município e na região explicaria como o processo de esportivização consolidado se transmite na prática local. Para isso, como não existe bibliografia sobre a história do xadrez local, realizamos uma pesquisa básica nos meios online, e ao descobrir as primeiras informações, intentamos a aplicação de questionários semiestruturadas - para começar a entender, com nomes que participaram do esporte neste município. Em busca de registrar nomes, locais, disputas e outras informações para preencher um pouco dessa lacuna historiográfica também no âmbito local. Após a análises às respostas do questionário surgiu-nos várias dúvidas que só foram respondidas com a chegada de novas fontes (recortes de periódicos) recebidas de um dos nomes que compõem essa história.

Conseguimos responder se houve um período de auge na força do xadrez jaguarense, bem como os principais nomes e títulos e uma questão muito importante que era a existência ou não de experiências profissionais com o xadrez em Jaguarão.

Concluimos, percebendo que o xadrez é um esporte em constante mudança, assimilando culturas e tecnologias, que resistiu ao teste do tempo com muitas adversidades. Que ele enraizou-se ao redor do mundo com instituições e regras unificadas que permitem que a teoria do jogo desenvolva-se praticamente à exaustão.

No Brasil, o esporte chegou com a efervescência do xadrez no Século XIX, e institucionalizou-se ao longo do Século XX com a consolidação da Confederação Brasileira

de Xadrez e o fortalecimento do Campeonato brasileiro de Xadrez. Estruturando-se a ponto de um talento brasileiro e gaúcho (Henrique Mecking), obter um papel de destaque no cenário mundial do xadrez.

Em Jaguarão, pequena cidade do extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, o xadrez foi praticado como lazer durante o século XX até a chegada da década de 1980, onde houve um período de destaque estadual do xadrez jaguarense. Títulos estaduais por equipes e estaduais. Torneios importantes e com boas estruturas sendo organizados pela comunidade enxadrística local. Patrocínios, premiações e experiências profissionais trazem à tona uma história que estava escondida na memória e no coração de alguns jaguarenses.

Não conseguimos, neste trabalho, descrever o perfil dos jogadores destaque dos três âmbitos pesquisados (mundial, nacional e local), a ponto de identificar características em comum (como características sociais e geográficas) e que talvez fosse possível através de prosopografias ou outros meios metodológicos. Este foi um dos interesses que surgiram durante a pesquisa.

Embora tenhamos dado atenção ao tema, não conseguimos problematizar melhor a presença (e ausência) das mulheres nos tabuleiros. É um ponto que carece de mais pesquisa, e que julgamos muito importante para entender melhor qual é o lugar do xadrez na sociedade moderna.

Não conseguimos também, fazer uma pesquisa em Jaguarão sobre os jogadores que praticam a modalidade online do xadrez, que sabemos que é um número muito expressivo de indivíduos e que caracterizam uma grande comunidade que não está conectada como os que atuavam no modo presencial e que são citados no trabalho. Entender essa comunidade local é algo que pode ser objeto de estudo.

Tentamos a todo custo, nos distanciar neste trabalho, de uma história universalista, ou positivista. Não tentamos apontar o Xadrez em tudo, mas também não queríamos correr o risco dele parecer não estar em nada. Fizemos, no geral, uma pesquisa de fôlego no quesito quantitativo, o que nos trouxe o problema de como historicizar, desapegando de muitas coisas que pareciam interessantes, que surgiram, em prol de tentar dar ênfase ao método, à tentativa de ir além do que estava flutuando na superfície.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana de. Imprensa : fonte de estudo para construção e reconstrução da História. **X Encontro Estadual de História**. 26 a 30 de julho de 2010. Santa Maria - RS. Disponível em < [http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279234975\\_ARQUIVO\\_artigoimprensaanpuhrs\[1\].pdf](http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279234975_ARQUIVO_artigoimprensaanpuhrs[1].pdf) >.

BARBANTI, Valdir. O que é Esporte? **Revista brasileira de Atividade Física & Saúde**. 2006 p.54-58.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma Sociologia do Esporte. In: **Coisas Ditas**. Sao Paulo: Brasiliense, 1990. Pág. 207-220.

CARATTI, Jônatas M. **Dentro e fora dos ringues: o processo de constituição do boxe moderno e sua difusão e recepção na América Latina (Séculos XVIII-XX)**. Tese de Doutorado no PPG em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

CASTRO, Celso. Uma história cultural do xadrez. **Cadernos de Teoria da Comunicação**, Rio de Janeiro, v.1, nº2, p.3-12,1994.

COSTA, Waldemar. **Epopéia do Campeonato Brasileiro de Xadrez - 1927-2008**. 1.ed. - Santana de Parnaíba, SP : Editora Solis, 2009.

CUSTÓDIO. José Antônio Loures. **Oitavo dia: A gamearte nos jogos de tabuleiro** / José Antônio Loures Custódio - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV) 2016.

DE MELO, Victor Andrade; FORTES, Rafael HISTÓRIA DO ESPORTE: PANORAMA E PERSPECTIVAS Fronteiras: **Revista de História**, vol. 12, núm. 22, julho-Dezembro, 2010, pp. 11-35 Universidade Federal da Grande Dourados.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (Org.) São Paulo, Editora Atlas S. A., 2ª Edição. p. 62-83, 2006.

FILGUTH. Rubens A. **Mequinho, o perfil de um gênio**. Editora Promochess LTDA. PR, 1983.

GIACHINI, F.A.; A Influência do xadrez no desenvolvimento da capacidade de concentração em 111 **Revista SL Educacional**, São Paulo, v.5 n.5, p.493, jun.2019 alunos da 6ª série do ensino fundamental. Unisep União de Ensino do Sudoeste do Paraná FAED Faculdade Educacional de Dois Vizinhos. 2011.

HOPER, David; WHYLD, Kenneth. **The Oxford companion to chess**. 1984. Oxford University Press. New York.

JANUÁRIO, Jessica dos Anjos. **A herança na trajetória esportiva dos Grandes Mestres brasileiros: processos educacionais e esportivos de formação de uma elite cultural**. Ribeirão Preto, 2017.

LASKER, Edward. **História do Xadrez**. Editora Ibrasa. 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

MATHIAS, Herculano Gomes. “Machado de Assis e o jogo de xadrez” in: **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, vol.13, 1952-1964.

MELO, A. D. de, & COLVERO, R. B. (2018). Associação Cruzeiro Jaguareense em Jaguarão RS (1881-2016): Entre a História e a Memória. **RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade**, 4. <https://doi.org/10.23899/relacult.v4i0.679>

MILOS JÚNIOR, G.; D'ISRAEL, D. M. Xequê mate. **O Xadrez nas escolas**. 2ª Ed. Americana: Adonis, 2001.



MURRAY, H. J. R. **Uma história do Xadrez. Publicado** em 1913 pela Clarendon Press, Oxford.

NEGRI, Sergio Ernesto. 2017. Disponível em:  
<https://en.chessbase.com/post/on-the-origins-of-chess-part-4-egypt-2>

NEGRI, Sergio Ernesto. 2017. Disponível em:  
<https://en.chessbase.com/post/on-the-origins-of-chess-part-2-india>

PROST, Antoine. A história social/ Verdade e função social da História. PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

ROCHA, Wesley Rodrigues. **O jogo e o Xadrez: Entre teorias e a História.** 2009. 80f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2009.

SAIDY, Anthony. **The march of chess ideas.** Published in the United States by David McKay Company, Inc., a division of Random House, Inc., New York. 1994. p. 9-48.

SHENK, D. **O jogo imortal: o que o xadrez nos revela sobre a guerra, a arte, a ciência e o cérebro humano.** Tradução: Roberto F. Valente. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SILVA, Edson Rodrigo da. A HISTÓRIA DO XADREZ MUNDIAL E NO BRASIL. **Revista SL Educacional**, São Paulo, v.5 n.5, p.493, jun.2019.

SOARES, Claudio de Souza. "Machado de Assis, o enxadrista" in: **Revista Brasileira**, nº 55. Academia Brasileira de Letras, 2008.

SOUZA, Juliano de. **O xadrez em xeque – uma análise sociológica da “história esportiva” da modalidade.** 2010. 191 f. Dissertação (Mestrado). Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SOUZA, Juliano; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Rupturas e tensões no processo de constituição estrutural do subcampo esportivo do xadrez (1900-1960). Em: **Revista Brasileira de ciências do esporte**. v.34, n.3. p. 557-570. 2012.

SOUZA, Juliano; MARCHI JUNIOR, Wanderley. A Guerra Fria e a final do Campeonato Mundial de Xadrez de 1972: algumas possibilidades analíticas e correlacionais. **Rev Bras Educ Fís Esporte, (São Paulo)** 2013 Out-Dez; 27(4):567-81.

TIRADO, Augusto & BRUSAMOLIN, Valério. (2020). O ESTUDO EVOLUTIVO DO TREINAMENTO DO XADREZ E A INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS. **Revista Mundi Engenharia, Tecnologia e Gestão** (ISSN: 2525-4782). 5. 10.21575/25254782rmetg2020vol5n11014.

TOLEDO, J. M.; KAMADA, J. K. **Xadrez para todos: Aprendendo a jogar xadrez passo a passo**. 1ª Ed. Americana: Adonis, 2004.

YALOM, Marilyn. In: The Birth of the Chess Queen. HarperCollins, April 2004. Pág. 3-59).  
SÁ, Antônio Villar Marques de; ROCHA, Rodrigues Rocha. **Iniciação ao xadrez escolar**. 2 ed. Goiânia: Potência, 1997.

ZUIN, E. de S.L; SANT'ANA, N, A dos S. Produzindo aproximações da cultura africana com a matemática escolar: A utilização do jogo Mancala. In: **Revista Pedagogia em Ação** – v.7 – n.1 – 2015 – p.7-26.

## **ANEXOS**

### **Anexo 1:**

Questionário semiestruturado

Perguntas:

- 1 - Nome completo, data nascimento , naturalidade. Fale um pouco sobre sua biografia.
- 2 - Quando começou sua história com o xadrez? Quais pessoas estavam envolvidas e como foi esse processo?
- 3 - Como era o contexto enxadrístico jaguarense quando você começou a jogar e desenvolveu seus estudos no xadrez?
- 4 - Quem eram os participantes jogadores e comunidade enxadrística jaguarense? Inclusive os mais antigos que forem lembrados.
- 5 - Como você estudava xadrez? Teoria, livros, revistas, aulas.
- 6 - Havia campeonatos municipais? Sabe quando ocorreram e como eram elaborados? Quem eram os principais jogadores? Havia premiações?
- 7 - Quais os outros grandes eventos do xadrez você participou? Em equipes e individual. Como eles ocorreram, quais as experiências vividas neles?
- 8 - O xadrez jaguarense teve seu maior auge em sua época como jogador? Qual período representa esse auge?
- 9 - A ascensão meteórica do Henrique Mecking (Mequinho) no xadrez nacional e mundial foi um fator influenciador do xadrez jaguarense? Que importância podemos atribuir a ele para pensar o xadrez local?
- 10 - Outros grandes jogadores mundiais que atuavam no período em que você jogou, foram influência para você e outros jogadores?
- 11 - Quais os locais onde eram praticados xadrez em Jaguarão? Clubes, residências e outros.
- 12 - Havia mulheres que jogavam xadrez? Quem eram elas?
- 13 - Houve um declínio da intensidade da prática deste esporte em Jaguarão? Se sim, ao que você atribui isto?

### **Anexo 2:**

#### **Respostas Carlos Cardoso**

1 Carlos hermelino marques Cardoso

26/10/1958, brasileiro

Professor, historiador, discotecário, comerciante.

2 final dos anos 1960 como espectador, meus irmãos e amigos, numa sede localizada perto da minha casa hoje é piscina do harmonia na rua mal Deodoro, aprendi a jogar assistindo meus irmãos e amigos jogando

3 não sei porque não me envolvia, meu lance era jogar, não saia desse local

4 eram muitos quando comecei a me envolver mais afundo alguns saudoso Gilberto Cuello, saudoso Deco( Airton Kardec campeão em 1990 se não me engano), saudoso Arno Raab, o importante Jorge pagiliane, in memoriun, também o irmão Aldo, saudoso Álvaro Félix Lopes e seu Meroni, seu Pepe, depois os mais novos (na época) eu, Mario Cerqueira (pelanca) Paulinho (viola), seu Rudi seibth (veterano), Jorge passos, Vilmar Rienzo, Luis Garcia( campeão uruguaio) e a lista é enorme, tem bem mais enxadristas dessa época

5 o início era prática mesmo, mas depois comecei a estudar após ter ganho uns livros e praticava com meu irmão Deco.

6 havia muitos campeonatos, principalmente meados de 1980 e parte dos 1990, os principais jogadores era o Jorge passos, o Deco , Paulinho, Luis Garcia( esse já nos anos 1990) Mario ( pelanca), Cuello, eu Rudi, Vilmar, etc, e as premiações eram troféus ou medalhas.

7 o bom desses eventos foi a troca de experiência fora as relações de amizades, porque geralmente todos os campeonatos eram quase sempre os mesmos adversários, fora do Brasil foi por em equipe no Uruguai na cidade de Melo e Rio branco, por equipe sagramos campeão, também fazíamos amistosos na casa de amigos no rio branco no Uruguai.

8 não sei anterior a quando comecei a jogar, mas acredito que o auge foi no final dos anos 1980 e meados dos 1990, porque nossa equipe sagrou campeã e o Jorge passos campeão individual.

9 para mim não teve influência nenhuma porque o intercâmbio de jogadores era local, mas depois que o nosso campeão recebeu o apelido de Mequinho despertou o interesse de conhecer a história desse grande jogador, acredito que pra muitos colegas teve influência.

10 só depois que comecei a estudar e sentir a genialidade deles, como karpov, Kasparov e o Tal além de enxadrista escreveu livros sobre xadrez.

11 no clube Jaguarense, casa de amigos e na loja de discos Sugeramos sempre se reuniam amigos para praticar desde principiantes até veteranos.

12 haviam mas no nosso clube não, mas presenciei em torneios fora de Jaguarão, em Jaguarão não lembro.

### **Anexo 3:**

#### **Respostas Luis Garcia**

Luis Alberto Garcia Silveira. Meu avô era brasileiro, era “da Silveira”, mas por assunto de papéis, um erro, ficou *castelhanizado* como Silveira.

Nascido em 28 de outubro de 1970, o ano que o Brasil ganhou o mundial do México, de futebol.

Natural de Cerro Largo, Uruguai. Eu nasci num povo pequeno, que hoje é uma cidade, chama-se Fraile Muerto. E aos 9 anos meu pai trocou de trabalho, foi trabalhar na fronteira e ai minha vida transcorre na fronteira. Aos 12 anos comecei o secundário, em Rio Branco e fiz todo o secundário lá.

Aos 9 anos a gente morava uns 50 quilômetros de Rio Branco, no meio do campo, e ai uma tia que morava em Montevideú, ela mandou de presente pra mim, dia das crianças no Uruguai, e ela, inverno lembro, ela mando um joguinho de peças de xadrez, de plástico, e o tabuleiro de cartão, de papelão.

E o meu pai falou: - Ah! Eu sei os movimentos. E me ensinou, a gente jogou até a metade de uma partida, ai por acidente o tabuleiro virou, caíram as peças, e a partida número um da minha vida ficou interrompida, mas eu fiquei muito entusiasmado. Eu adorei o jogo! Já, desde o início eu adorei. E aí ficamos jogando entre nós, depois algum engenheiro ai, da Saman, produtora de arroz, também jogavam e um deles estudava, então, a gente não estudava nada, e só observamos, e quando jogam os adultos, eu não podia jogar, ficava ali, do lado, ninguém jogava comigo, até que eu desafiei um dos engenheiros, e eu disse: - Olha que eu posso te vencer! O cara deu uma risada, e acho que eu venci ele. E ai começou a me prestar atenção, ai eu fui integrado no grupo dos adultos e ai jogava com eles. Mas sempre num nível que hoje eu consideraria muito fraco né, a gente jogava muito mal. Mas com muito entusiasmo. A gente gostava muito.

Depois mudamos para Rio Branco, em 1982, quando eu comecei o secundário, ai conhecemos o Gilberto Cuello. Que era campeão de Cerro Largo, jogador experimentado, ele tinha jogado final de campeonato uruguaio já, de xadrez absoluto, jogava no clube jaguareense, e ele que me proporcionou os primeiros livros teóricos, revistas, e ai foi que eu fiquei sabendo que xadrez se estudava, que tinha todo um aspecto científico. E ai me

apaixonei ainda mais pelo xadrez. Já gostava muito e passei a adorar o xadrez. Fascinante, me pareceu. E ai ele me apresentou no clube jaguareense, ai eu conheci a turma do jaguareense, com quem, logo após, isso foi em 87, que eu conheci a turma do jaguareense, 86...87. Em 88 eu comecei a competir pelo jaguareense. Essa foi a minha história.

E quanto à pergunta dos jogadores, do jaguareense, basicamente estão divididos em duas, dois grupos eu acho né? A grosso modo, grupo número um, era o pessoal que estudava e competia e jogava em nível bom né. E estava Jorge Passos, paulinho Dutra, Gilberto Cuello, Mário Cerqueira, Vilmar Rienzo, Tenente Wolff, acho que não esqueci ninguém... Os irmãos Cardoso, o Deko, Airton, e o Tomate. E essa turma estudava, conhecia a teoria do xadrez e jogava torneios regularmente. E eram os caras com melhor nível. O Jorge Passos era o mais destacado de todos, e o cara era o nosso espelho né? Em Jaguarão, nós queríamos jogar como o Jorge. Jorge já tinha jogado campeonato gaúcho, final de campeonato gaúcho, era muito bom. Era ainda jovem e tinha muita experiência. Era “a fera” de Jaguarão!

E quanto a pergunta da influência do Mequinho? O Jorge Passos era apelidado mequinho, até hoje eu acho que se a gente falar com o pessoal mais veterano ai, quem é o mequinho de Jaguarão? Eles respondem com certeza, Jorge Passos. E a influência no Xadrez, do Mequinho, eu acho que, do Henrique Mecking, eu acho que grande né. Acho que ele dava aquela imagem de que um brasileiro, um cara que até era gaúcho né? Que era de uma cidade pequena, ai de Pelotas. Acho até que ele foi morar em Pelotas depois, mas eu acho que ele era até de uma cidade mais pequena ainda. Isso fez possível que a gente pensasse, ou sentisse que era possível para qualquer um de nós ser um jogador de elite.

No mundo, nessa época, o melhor jogador, mais influente, era Karpov, e já estava aparecendo Kasparov, que ganhou o título em 84, ou 85. E ai esses caras mais o Korchnoi acho que eram os caras mais influentes. E no Rio Grande do Sul o Maestro Terres Trois era o nosso ídolo.

Esqueci de dizer qual era o segundo grupo de jogadores do jaguareense, que eram os veteranos que não estudavam xadrez, mas eram muito entusiastas, gostavam muito, e a gurizada que nem eu naquela época, foi muito influenciada por esses caras, e eram o seu Jorge Pagliani, seu Álvaro Lopes, que até foi vereador na época, do pmdb, Cleber Domingues, Pepe, Rudi, Arno Raab, seu Aldo, jogadores veteranos que foram muito importantes. Eu diria que dos dois grupos, o grupo que estudava estava mais focado em jogar a sério né, competir torneios, e obter resultados importantes, e o outro grupo, dos veteranos, seniors, eles jogavam para se divertir. Jogavam cantando, assobiando, cantando piada, dando risada, dando

gargalhadas, pegando no pé do outro, era muito engraçado. E isso fazia que o clube tivesse um clima único né. Porque era, a seriedade do estudo, e era também alegria. Tudo junto na mesma sala.

Eu não lembro que tivessem torneios municipais na época, sim tinham torneios estaduais, que eram organizados pela Federação, e tinham torneios abertos. Jaguarão, na época, até 93 acho eu, é o que eu lembro, era muito importante. Jaguarão organizava, sob tudo o Jorge Passos, tinha muito apoio do clube, da prefeitura, da época. E Jaguarão organizava torneios abertos, que era outro tipo de torneio, e internacionais. Jaguarão foi visitada por jogadores muito fortes, da região. Argentinos, uruguaios, brasileiros até do nordeste. Lembro de campeão brasileiro jogando ai né. Campeão estadual jogando ai. Campeão uruguaio, Mestres Fide, Mestres Internacionais, muito bons jogadores jogaram em Jaguarão.

Pessoalmente acho que, o momento mais importante da época foi 91, que com a equipe jaguareense, por equipes, conseguimos o título estadual. Campeão Estadual.

Na época, não sei agora, Jaguarão nunca tinha vencido uma competição dessa categoria a nível estadual. Jaguarão, em nenhum esporte, tinha vencido na época, não sei agora., na atualidade não sei. E foi xadrez o primeiro a ser campeão do estado. E na equipe jaguareense tive a honra de participar, era o tabuleiro número três ai, os outros três eram o Jorge Passos, Paulo Dutra (tabuleiro número dois) e tabuleiro número quatro, Gilberto Cuello, hoje falecido.

Respondendo às perguntas. Acho que sim, aquela época, na minha época, foi a melhor época com o Clube Jaguareense, no xadrez. Porque depois do título estadual, acho que não conseguimos outro título dessa importância.

Pessoalmente eu cheguei a jogar uma Copa Latino-americana , em Montevideú. Acho que este torneio, em 2010, acho que é o torneio mais importante que eu joguei. Teve outros. E, como eu cheguei a ser treinador da equipe uruguaia juvenil, sub 20, eu participei como treinador de 4 sul-americanos: Bolívia, 2015 Bolívia, 2016 no Chile, 2017 no Paraguai e o seguinte foi na Argentina. E tivemos também pan-americanos juvenil, e um mundial juvenil. Participei de dois mundiais juvenis, como treinador de equipe. E na Bolívia, uma jogadora do nosso time uruguaio sub 20, ela foi vice-campeã sul-americana. Medalha de Prata. Esse foi, como treinador, meu melhor resultado, acho.

Pergunta número 12, mulheres no xadrez. No Rio Grande do Sul, eu não tive conhecimento, nos anos 80 e dos anos 90 que foi quando eu joguei lá, que haviam mulheres

jogando. E sim em Santa Catarina, tinha jogadoras muito conhecidas, que até hoje elas jogam, até uma é campeã brasileira, eu acho. E depois as mulheres jogavam mais em São Paulo, Rio de Janeiro, aí tinha mulheres. No Uruguai sempre teve mulheres, e ultimamente tivemos uma Mestre Internacional feminina, Camila Colombo, é o título máximo de uma mulher aqui no Uruguai.

Eu acho que o xadrez em Jaguarão declinou né, sobretudo porque fechou o departamento de xadrez do Clube Jaguareense, que era o único clube que tinha xadrez oficialmente com jogadores federados. E eu acho que contribuiu, de certa forma que, alguns de nós fomos embora de Jaguarão, não moramos mais... Paulinho Dutra mora em Porto Alegre, é Arquiteto, ele era muito importante. O Jorge Passos até esteve morando em Brasília. Eu mudei para Montevideú, hoje eu sou Psicólogo, estudei em Montevideú, moro em Montevideú. Gilberto Cuello que faleceu. Então acho que aquele grupo que foi campeão do estado, que obteve o melhor resultado, foi embora. Então, a turma que ficou, muitos foram para outros lugares. O Mário Cerqueira viajou para Portugal, mora em Portugal, está estudando lá. Deco Cardoso e Gilberto Cuello morreram. Então, os veteranos já não estão, alguns já não estão vivos também.. Então eu acho que a juventude, não deu tempo de repor aí, que entrasse mais juventude a jogar, então acho que isso, junto com o clube que fechou as portas, acho que aí estão algumas das causas.

Em quantos locais a gente jogava xadrez? Na Igreja de Rio Branco com o Padre Vicente tinha um grupo aí que jogava, depois no clube jaguareense, acho que era o lugar mais importante, juntava maior número de pessoas, e depois a casa do Jorge Passos, a gente íamos muito lá, o Jorge tinha uma vocação de professor, então ele tinha muita paciência. Sentava, analisava as próprias partidas e as nossas também ajudava a analisar e a gente aprendia muito aí né, era um espaço né, a casa do Jorge era uma escola para nós.

Uma coisa que eu acho importante dizer, é que no xadrez, eu fiz os meus amigos talvez mais importantes né, da minha vida. E caras que eu não vou esquecer nunca né, e que eu adoro. O Jorge Passos, o Paulinho Dutra, o Gilberto Cuello que faleceu e muito outros né. E porque a gente não só jogava, competia, e é muito bonito a gente ter um título estadual, tivemos outros títulos e por equipes também, individuais em torneios, isso é importante. Mas é muito mais importante eu acho são os amigos, as histórias que a gente viveu, as viagens, e tudo que esses caras que eram, eu era um adolescente e esses caras tinham 30, 40. E passaram pra mim né, de conselhos, de experiências, e para mim foi como uma formatura né, de conviver com esses caras, viajar com eles, jantar com eles depois de uma derrota muito dura,



e os conselhos, as piadas, ou que eles pegassem no meu pé, ou eu que era um guri muito chato também pegava no pé deles, ou a gente cantando juntos né, num ônibus, essas coisas ficam para sempre, e eu acho muito mais importante do que títulos, troféus e que depois todo mundo esquece. Mas o que a gente não esquece, e fica pra sempre são os amigos e as histórias né, e eu acho que foi um formante para mim, eu me formei aí, com esses caras, e até hoje são muito importantes para mim, e eu adoro eles.

Só pra complementar o que eu estava dizendo sobre os amigos do xadrez, e como eu me formei com eles. Era muito interessante, porque você estava analisando uma partida, que chegava da Iugoslávia né, no informante, que era um enciclopédia que a gente recebia a cada 6 meses, e era impressa na Iugoslávia. Na época chamava-se Iugoslávia, agora já não existe né, são diferentes nações, e essa era a informação top né, era o máximo na época, não tinha melhor informação teórica para o enxadrista, que jogava torneios, e a gente vendo uma partida, reproduzindo uma partida desse livro no tabuleiro, no clube jaguareense ou na casa do Jorge Passos. E de repente o paulinho dava uma interpretação, cantando uma canção. Ou um poema, ou o Cuello cantava um tango, né, que tinha uma relação com o que estava acontecendo naquela partida e então era interessantíssimo né? Jogar uma partida num torneio e perder, e o Jorge Passos dizer que há 5 anos ou 10 anos eu perdi na mesma posição, e aí ele me explicava, me ensinava, me dava um livro, me dizia: olha aqui que a resposta está aqui, Então foi muito importante porque era uma forma de vida, era como você recebia valores dos caras. Como os caras interpretavam o que acontecia no tabuleiro, na vida, como era percebida uma derrota, uma vitória, e isso é muito importante para um adolescente, para uma pessoa. Receber valores de uma forma criativa né. E muito divertida. Porque xadrez pode parecer intelectual e muito chato, e como esses caras não era nada disso. Era muito divertido, era mais divertido do que no campo de futebol ou no sambódromo.

Bueno tchê, eu também me emocionei, a gente nem percebe que tem tudo isso dentro né? Tu começa a responder as perguntas... Eu sei isso da minha profissão. Quando o cara faz uma pergunta, para responder tu tem que fazer uma viagem para dentro. Como disse o Pepe Mujica: “tu tem que galopar pra dentro”. Quando tu galopeas para dentro e vê tudo isso e te emociona. Eu me emocionei muito. até ficar trancado no momento.

#### **Anexo 4:**

#### **Respostas Jorge Passos**

1: Jorge Luiz Neves Passos, 18/08/1957, Jaguarão. Nascido em Jaguarão, criado em Rio Branco. Fronteiriço. Formado em Letras pela UCPEL. Servidor público Federal desde 1987. Ativista cultural.

2. Meu primeiro contato com o xadrez e que deve ter exercido um fascínio sobre mim foi quando, ainda criança, ia visitar os donos da Casa Azpiroz, loja na qual meu pai trabalhava. Era ali no edifício. O Esteban e o Simón deviam ser praticantes pois numa mesa no canto da sala luzia um tabuleiro com as peças. Eu as admirava, mas nem sabia como era o jogo. Mais tarde, quando já cursava o ginásio Espírito Santo, os colegas Samuel Ricordi e mais outro que não lembro agora, armaram um jogo de xadrez num sábado na casa do Renato Couto, filho do professor de matemática Cleóbulo Periglinotti Couto, e me convidaram. Eu não sabia nem como mexer as peças. Na manhã desse dia me atirei numa enciclopédia Delta Larousse (era o google de antes) para ter uma ideia das regras do jogo e como manobrá-las. Nesse momento aprendi o mate do pastor. Isso deve ter sido em 1970.

É claro que essa tarde de sábado, apesar de ter perdido quase todas as partidas foi o ponto de partida para o desafio de aprender a dominar aquele jogo. O único que sabia jogar com desenvoltura era o Renato Couto. Eu e o Samuel fizemos uma parceria de estudo. conseguimos algum livro, revista, o que fosse, colunas de xadrez que saiam no correio do povo nos domingos. durante um ano não conseguimos ganhar nenhuma partida do Couto. Depois, ele jamais nos ganhou. Já éramos letrados em xadrez. O livro que nos elevou a uma categoria superior foi o "Estratégia moderna del Ajedrez" de Ludek Pachmann onde conseguimos apreender o segredo de cada peça, sua força, seu alcance.

Claro que essa partida teve a influência dos resultados do Mecking (Mequinho) no xadrez internacional. O xadrez virou um assunto mais em voga nos esportes. Logo viria em 1972 o match Fischer - Spassky que levaria o xadrez ao noticiário e tema de conversa em todas as rodas. Por essa época, os colegas do Ginásio passaram a me apelidar de Jorge Mequinho. Claro que esse início

3- Nessa época (72/73) fui introduzido na sede do departamento de Xadrez do Cruzeiro que ficava ali no antigo prédio da sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi na rua 15 de novembro. Ali estavam os jogadores tradicionais da cidade, Jorge e Aldo Pagliani, Meroni, Álvaro Lopes, Carlos Azambuja, Rudi Seibt, o uruguaio Pepe entre outros. Joguei 2 torneios creio nesse clube. Eu estudava já muito xadrez e estava num nível superior a eles , que somente praticavam, sem leitura aprofundada. Lembro que ganhei os 2 torneios perdendo apenas uma

partida, para o seu Aldo Pagliani. Fui muito bem acolhido nesse local da 15 e ali fiz dessa turma grandes amigos

5 - O estudo era precário. Havia pouquíssimas publicações em português e de difícil acesso. Quando meu pai viajava a Montevideu fazer compras para a loja , geralmente eu pedia pra ele me trazer alguma revista que conseguisse por lá. As colunas dominicais do El País do Uruguai e do correio do povo eram nossa informação sobre o que estava acontecendo no mundo do xadrez. Era muito pouco material de estudo. Aquele livro do Pachmann ainda era a principal fonte. E depois o match Fischer Spassky que teve as partidas muito divulgadas e comentadas, o que serviu como material de estudo.

6 - Sim, aqueles dois que te falei...Troféus e medalhas.

7 - Em 1975 fui estudar em Pelotas e lá comecei a frequentar o Clube de Xadrez Pelotense, que ficava num Sobrado casarão muito bonito da 15 de novembro (depois demolido e construída a sede da Caixa Estadual - um crime contra o patrimônio histórico). Clube tradicional e onde Mequinho tinha começado sua carreira.

Nessa época atingi um nível melhor. Disputei 3 campeonatos ali e fui ganhador nos 3 . Lembro do nome de 2 , Torneio Horácio Piegas e Torneio Ari Alcântara. Ali no CXP também houve um Torneio Aberto do RS (que definia o campeão estadual na época). Fiquei em segundo lugar, o que me garantiu a participação no Zonal Brasileiro realizado em Maringá - PR. Uma competição de alto nível com Mestres Internacionais .Nesse torneio vi que me faltava muito ainda para atingir uma categoria superior. Meus resultados não foram bons. Entre 75 e 79

8 - O auge foi durante os anos de 88 a 93 como está nos registros que te mandei. Em 92 , junto com o Paulo Dutra, fomos convidados a participar na Equipe de Maravilha -SC nos jogos intermunicipais de Santa Catarina. Nessa Equipe, eu era o primeiro tabuleiro, o MI Trois, o segundo, o Paulo Dutra , o terceiro e o quarto era o Godois, forte jogador de Vacaria e professor de xadrez em Maravilha. SC era um estado que apoiava muito o xadrez nas escolas e que estava atingindo já um nível profissional. fomos bem na classificatória do Oeste de SC garantindo lugar na final, que foi em tubarão alguns meses depois. Foi a primeira atuação nossa como profissional, ganhávamos um salário mensal do município catarinense para jogar nessas competições. Na final, partida duríssima que joguei com o forte jogador Rogério Becker (partida que durou mais de 5 horas defendendo uma posição igualada e que acabei perdendo) foi o que me fez dar uma parada no Xadrez de competição. Cheguei no hotel exausto, me olhei no espelho e vi que tinha envelhecido uns 10 anos!

Na minha atuação individual, mas representando o clube. Eu acho que o melhor, o maior título que eu tive. Foi ter recebido aquela medalha. Aquela medalha, João Saldanha. Lá no Palácio Piratini. Tá como melhor desportista do interior do estado, tais. Tá? Estavam presentes lá no Tchê. Infelizmente, naquela época não tinha esses celulares e tal e eu não. Eu fui sozinho, não me dei conta de tentar achar um. Achar um fotógrafo, olhei por perto, é? Recebi a medalha junto com o Mazzaropi, que era goleiro do Grêmio, estava outros outros portistas, estavam o fogaíno, aquele que era treinador, que era comentarista de rádio. Tinha uns 20 esportistas de todo o estado. Tai, recebi a medalha lá no Palácio Piratini nas mãos do governador Sinval Guazelli, na época. Tá, deve ter algum registro lá no próprio arquivo, lá da do estado.

Depois segui jogando assim sem maior compromisso. Joguei alguns torneios de fim de semana com partidas rápidas. Caxias, Porto Alegre. Obtive duas grandes vitórias contra o Mestre Internacional Bernardo Roseli (UY) e MI Daniel Izquierdo (UY). Em 2006 fui trabalhar em Brasília e um colega soube do meu passado de enxadrista e insistiu para eu me inscrever no Campeonato de Brasília de 2008. Depois de tantos anos sem jogar ao vivo meu resultado surpreendeu. em 9 pontos só perdi uma partida ( para quem seria o campeão) e consegui 2 empates com Mestres Nacionais. Uma dessas partidas considero a melhor que joguei em toda a minha carreira . Acabei compartilhando a segunda colocação .

Depois andei jogando alguns torneios no Metrôpole Xadrez clube em Porto e a última competição foi o Match por equipes em Montevideu - 2015.

**ANEXO 5 - Listagem de recortes e fotografias cedidas pelo entrevistado Jorge Passos, de seu acervo particular.**

| Data     | Fonte           | Cidade   | Resumo   |
|----------|-----------------|----------|--|
| 27/09/87 | Diário da Manhã | Pelotas  | Participação de atletas jaguarenses em torneio aberto, em Cerro Largo (RS).      |
| 04/10/87 | Diário da Manhã | Pelotas  | Jorge Passos participa de um forte torneio em Carazinho (RS).                    |
| 05/12/87 | A Folha         | Jaguarão | Equipe Jaguarenses 2º colocada nos Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul.   |
| 06/12/87 | Diário da Manhã | Pelotas  | Jaguarão destaque no JIRGS. Passos tem seu apelido Mequinho descrito na matéria. |
| 19/03/88 | A Folha         | Jaguarão | II Torneio aberto “Cidade de Jaguarão”.  |

|          |                 |            |  |
|----------|-----------------|------------|--|
| 23/03/88 | Diário do Sul   | P. Alegre  | II Torneio aberto “Cidade de Jaguarão”.  |
| 06/08/88 | A Folha         | Jaguarão   | Jorge Passos Campeão do Torneio Zonal.   |
| 19/10/88 | El DIA          | Montevideú | Anuncia o evento internacional da Seleção Gaúcha contra a Seleção Uruguaia.      |
| 21/10/88 | Zero-Hora       | P. Alegre  | Anuncia o evento internacional da Seleção Gaúcha contra a Seleção Uruguaia.      |
| 22/10/88 | A Folha         | Jaguarão   | Anuncia o evento internacional da Seleção Gaúcha contra a Seleção Uruguaia.      |
| 26/10/88 | Zero-Hora       | P. Alegre  | Vitória da Seleção Gaúcha em Jaguarão, contra a Uruguaia no match internacional. |
| 26/10/88 | El DIA          | Montevideú | Vitória da Seleção Gaúcha em Jaguarão, contra a Uruguaia no match internacional. |
| 28/10/88 | Gazeta Regional | Camaquã    | Vitória da Seleção Gaúcha em Jaguarão, contra a Uruguaia no match internacional. |
| 28/10/88 | O Timoneiro     | Canoas     | Vitória da Seleção Gaúcha em Jaguarão, contra a Uruguaia no match internacional. |
| 29/10/88 | A Folha         | Jaguarão   | Vitória da Seleção Gaúcha em Jaguarão, contra a Uruguaia no match internacional. |
| 26/11/88 | Fotografia      |            | Jorge Passos x Dias, H. Campeonato do Interior.                                  |
| 03/12/88 | A Folha         | Jaguarão   | Equipe Jaguareense 3º colocada nos Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul.   |
| 21/12/88 | EL DIA          | Montevideú | Vitória final da Seleção gaúcha contra a Seleção uruguaia.                       |
| 25/03/89 | A Folha         | Jaguarão   | Jorge Passos classificado para a final do Estadual Absoluto de 1989.             |
| 26/03/89 | Informativo     | Jaguarão   | Material desenvolvido para o II Torneio Aberto “Cidade de Jaguarão”.             |
| 03/05/89 | EL DIA          | Montevideú | III Torneio Aberto “ Cidade de Jaguarão”.  |
| 17/05/89 | EL DIA          | Montevideú | Uruguaio Daniel Diano vence o III Torneio Aberto de Jaguarão.                    |
| 25/06/89 | Informativo     | Jaguarão   | Material do Camp. Interclubes do Interior realizado em Jaguarão.                 |
| 25/06/89 | Tabela          | Jaguarão   | Tabela que mostra os resultados da equipe  |

|          |                 |           |  |
|----------|-----------------|-----------|--|
|          |                 |           | jaguarense campeã com 14 pontos.   |
| 01/07/89 | A Folha         | Jaguarão  | ACJ Campeã do Interclubes do Interior.   |
| 02/07/89 | Diário Popular  | Pelotas   | ACJ Campeã do Interclubes do Interior.   |
| 30/09/89 | A Folha         | Jaguarão  | Anuncia o Camp. Estadual Interclubes o cidadão jaguarense na ACJ.                |
| 30/09/89 | Partida         | Jaguarão  | Passos x André Freitas. Final do Estadual Interclubes por equipe, em 1989.       |
| 30/09/89 | Partida         | Jaguarão  | Passos x Carlos Dávila. Final do Estadual Interclubes por equipe, em 1989.       |
| 30/09/89 | Partida         | Jaguarão  | Passos x Sérgio Ferreira. Final do Estadual Interclubes por equipe, em 1989.     |
| 01/10/89 | Metrópole Clube | P. Alegre | Informa o resultado do Camp. Estadual por Equipes, com o título jaguarense.      |
| 01/10/89 | Partida         | Jaguarão  | Passos x Leandro Dias. Final do Estadual Interclubes por equipe, em 1989.        |
| 01/10/89 | Partida         | Jaguarão  | Passos x Telmo Teixeira. Final do Estadual Interclubes por equipe, em 1989.      |
| 11/11/89 | A Folha         | Jaguarão  | Anuncia o Camp. Estadual do Interior, com 3 representantes jaguarenses.          |
| 11/11/89 | A Folha         | Jaguarão  | Destaca o Camp. Estadual do Interior Individual de Xadrez, de 1989.              |
| 18/11/89 | A Folha         | Jaguarão  | Destaca Jorge Passos como Campeão Gaúcho, de 1989.                               |
| 27/07/90 | Diário da Manhã | Pelotas   | Anuncia que Jaguarão irá sediar o zonal de xadrez.                               |
| 22/09/90 | A Folha         | Jaguarão  | Equipe Jaguarense campeã em um torneio na cidade de Dom Pedrito (RS).            |
| 24/12/90 | A Folha         | Jaguarão  | Destaca o vice-campeonato de Jorge Passos em torneio na cidade de Caxias do Sul. |
| 05/10/91 | A Folha         | Jaguarão  | Equipe jaguarense Bicampeã do Interior do Estado.                                |
| 19/10/91 | A Folha         | Jaguarão  | Destaca a boa performance do jovem jaguarense Joaquim Pólvora, de 13 anos.       |
| 02/11/91 | A Folha         | Jaguarão  | Presença de jovens jaguarenses em um   |

|          |                 |           |  |
|----------|-----------------|-----------|--|
|          |                 |           | torneio de xadrez escolar, em P. Alegre.   |
| 24/11/91 | A Folha         | Jaguarão  | Luis Garcia destaque desportivo Jaguareense no ano de 1990.                        |
| 25/11/91 | Zero-Hora       | P. Alegre | Equipe jaguareense é vice-campeã do Interclubes estadual de Xadrez.                |
| 04/07/92 | A Folha         | Jaguarão  | Coluna sobre xadrez jaguareense escrita por Jorge Passos.                          |
| 02/10/92 | A Folha         | Jaguarão  | ACJ novamente classificada para disputar o estadual em Porto Alegre.               |
| Dez/92   | Partida         | Jaguarão  | Passos x Ed. Palmeira. Final do Estadual Interclubes por equipe, em 1992.          |
| 23/05/93 | Metrópole Clube | P. Alegre | Torneio aberto Clube Rio-Grandino. Passos ficou em 2º lugar.                       |
| Set/93   | Ranking FGX     | P. Alegre | 03 Jogadores de Jaguarão entre os 50 mais bem ranqueados do Estado gaúcho.         |
| Sem data | Fotografia      |           | Na foto: Jorge Pagliani, Jorge Passos, Gilberto Cuello, Luís Garcia e Paulo Dutra. |
| Sem data | Fotografia      |           | Na foto: Aldo Pagliani, Jorge Pagliani, Jorge Passos e outros.                     |